

**PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM
GEOGRAFIA**

MARIA TERESA MARIANO
MAPEAMENTO RELIGIOSO E REPRESENTAÇÃO ESPACIAL NO
MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS/MG: DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES ENTRE GEOGRAFIA, RELIGIÃO E CARTOGRAFIA

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

RIO CLARO

2026

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

MARIA TERESA MARIANO

**MAPEAMENTO RELIGIOSO E REPRESENTAÇÃO ESPACIAL NO
MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS/MG: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
ENTRE GEOGRAFIA, RELIGIÃO E CARTOGRAFIA**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Rio Claro, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. João Pedro Pezzato

Rio Claro-SP
2026

M333m Mariano, Maria Teresa
Mapeamento Religioso e Representação Espacial no
Município de Poços de Caldas/MG : diálogos interdisciplinares
entre geografia, religião e cartografia / Maria Teresa Mariano. --
Rio Claro, 2026
228 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientadora: João Pedro Pezzato

1. Geografia Cultural. 2. Geografia da Religião. 3. Ensino
Religioso. 4. Cartografia. 5. Atlas Geográfico Religioso. I. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

MARIA TERESA MARIANO

**MAPEAMENTO RELIGIOSO E REPRESENTAÇÃO ESPACIAL NO MUNICÍPIO DE
POÇOS DE CALDAS/MG: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES ENTRE
GEOGRAFIA, RELIGIÃO E CARTOGRAFIA**

Comissão Examinadora

Prof. Dr. JOÃO PEDRO PEZZATO
IB/UNESP/RIO CLARO (SP)

Profa. Dra. GISELI DO PRADO SIQUEIRA
PUC MINAS/BELO HORIZONTE (MG)

Prof. Dr. HÉLIO CARLOS MIRANDA DE OLIVEIRA
IG/UFU/UBERLÂNDIA (MG)

Prof. Dr. SALVADOR CARPI JUNIOR
UNICAMP (SP)

Profa. Dra. CARLA CRISTINA REINALDO GIMENES DE SENA
UNESP/OURINHOS (SP)

Conceito: Aprovada

Rio Claro (SP), 12 de dezembro de 2025.

DEDICATÓRIA

Dedico esta Tese ao Grupo de Estudos
Filosofia, Religiosidade e Suas Interfaces da
PUC Minas *campus* Poços de Caldas,
coordenado pela Professora Giseli do Prado
Siqueira, e a todos os alunos e professores
que participaram ativamente no
Mapeamento dos Templos Religiosos de
Poços de Caldas, nos anos 2017 e 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos professores Dr. João Pedro Pezzato, meu orientador, e Dra. Giseli do Prado Siqueira pela colaboração constante, apoio e iluminação na caminhada de construção deste trabalho. Ao grupo de Pesquisa Filosofia, Religiosidade e suas Interfaces da PUC Minas, campus Poços de Caldas, e a todos os alunos e professores que participaram do Mapeamento das Manifestações Religiosas, em especial a Professora Dra. Maria Isabel Ferezin Sares e a amiga Professora Maria José Scassiotti de Souza.

Agradecimento importante ao meu irmão, Professor Dr. Marcelo Passini Mariano, que ajudou na reta final do trabalho com suas orientações como pesquisador, e à amiga e geóloga Ângela Maria Martins Marques dos Santos, pela entrevista e explicações elucidativas da formação geológica da região de Poços de Caldas.

Agradecimento muito especial a minha sobrinha, artista plástica e ilustradora do Atlas, Marina Pasquariello Mariano, cujo trabalho possibilitou materializar todas as ideias de representação do sagrado respectivamente a cada manifestação religiosa identificada pelo mapeamento de modo lúdico, divertido e significativo.

Finalizo agradecendo ao companheiro de jornada, Niva Miguel, pelo apoio constante, pela leitura do Atlas, sugestões que aprimoraram o produto deste trabalho, e pela indicação do *Designer* Gráfico, Emílio Moretti, que gentilmente fez sugestões ao Atlas para futura publicação.

RESUMO

Esta pesquisa aborda a representação espacial das manifestações religiosas no município de Poços de Caldas/MG, com o objetivo de analisar a configuração espacial desse fenômeno, dentro do perímetro urbano, mediante o mapeamento realizado entre 2017 e 2018. O estudo visa apresentar este mapeamento por meio de um Atlas Municipal Escolar, promovendo o diálogo interdisciplinar entre Geografia e Ensino Religioso no Ensino Fundamental. A questão central foi: Como a Geografia, a Cartografia e a Religião podem colaborar, de forma interdisciplinar, na análise e representação espacial dos templos e manifestações religiosas da localidade? A investigação utilizou metodologia de pesquisa aplicada, exploratória e descritiva, de abordagem quali-quantitativa. Foi realizada análise documental e bibliográfica e, para o mapeamento, usado um *software* livre para o registro dos templos. O referencial teórico adotado é a Geografia Cultural, com foco na geografia da religião. A análise cartográfica revelou a concentração e a diversidade de manifestações no centro urbano, a existência de espaços compartilhados entre diferentes matizes para cerimônias religiosas e, notadamente, a predominância de manifestações pentecostais e neopentecostais espalhadas pelo núcleo urbano. Espera-se que o Atlas Geográfico e Religioso possa contribuir para o aperfeiçoamento do ensino, fomentando estudos interdisciplinares, evitando o proselitismo, ampliando a compreensão espacial da cidade e promovendo práticas sociais de convívio ético e respeitoso.

Palavras-chave: Mapeamento; Atlas Geográfico Religioso; Cartografia Escolar; Ensino.

ABSTRACT

This research addresses the spatial representation of religious manifestations in the municipality of Poços de Caldas/MG, to analyze the spatial configuration of this phenomenon within the urban perimeter through mapping conducted between 2017 and 2018. This study seeks to present this mapping through a School Municipal Atlas, promoting interdisciplinary dialogue between Geography and Religious Education in elementary education. The central question was: How can Geography, Cartography, and Religion collaborate interdisciplinarily in the analysis and spatial representation of temples and religious manifestations in the locality? The investigation employed an applied, exploratory, and descriptive research methodology using a qualitative-quantitative approach. Documentary and bibliographic analyses were conducted, and free software was used for temple registration during the mapping process. We adopted Cultural Geography as the theoretical framework with a focus on the Geography of Religion. The cartographic analysis revealed the concentration and diversity of manifestations in the urban center, the existence of shared spaces among different denominations for religious ceremonies, and, notably, the predominance of Pentecostal and Neo-Pentecostal manifestations was distributed throughout the core. The Geographic and Religious Atlas is expected to contribute to the improvement of teaching, fostering interdisciplinary studies, avoiding proselytism, broadening the spatial understanding of the city, and promoting social practices of ethical and respectful coexistence.

Keywords: Mapping; Religious Geographic Atlas; School Cartography; Education.

RESUMEN

Esta investigación aborda la representación espacial de las manifestaciones religiosas en el municipio de Poços de Caldas/MG, con el objetivo de analizar la configuración espacial de este fenómeno dentro del perímetro urbano a través del mapeo realizado entre 2017 y 2018. El estudio busca presentar este mapeo por medio de un Atlas Municipal Escolar, promoviendo el diálogo interdisciplinario entre Geografía y Enseñanza Religiosa en la educación primaria. La cuestión central fue: ¿Cómo pueden la Geografía, la Cartografía y la Religión colaborar de forma interdisciplinaria en el análisis y representación espacial de los templos y manifestaciones religiosas de la localidad? La investigación utilizó metodología de investigación aplicada, exploratoria y descriptiva, con enfoque cualitativo-cuantitativo. Se realizó análisis documental y bibliográfico y, para el mapeo, se utilizó un *software* libre para el registro de los templos. El referencial teórico adoptado es la Geografía Cultural, con enfoque en la Geografía de la Religión. El análisis cartográfico reveló la concentración y diversidad de manifestaciones en el centro urbano, la existencia de espacios compartidos entre diferentes denominaciones para ceremonias religiosas y, notablemente, la predominancia de manifestaciones pentecostales y neopentecostales distribuidas por el núcleo. Se espera que el Atlas Geográfico y Religioso contribuya al perfeccionamiento de la enseñanza, fomentando estudios interdisciplinarios, evitando el proselitismo, ampliando la comprensión espacial de la ciudad y promoviendo prácticas sociales de convivencia ética y respetuosa.

Palabras clave: Mapeo; Atlas Geográfico Religioso; Cartografía Escolar; Enseñanza.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de figuras

Figura 1 - Capela Santo Antônio	28
Figura 2 - Sequência Projeto Primeiro Balneário	29
Figura 3 - Basílica Nossa Senhora da Saúde/Igreja Francesa de Dieppe	31
Figura 4 - Grupos de religião no Brasil 1872/2022	41
Figura 5 - Igreja Internacional da Graça de Deus	57
Figura 6 - Territorialidade do sagrado	58
Figura 7 - Resultado das eleições municipais de 2024	62
Figura 8 - Semana Santa em Paraty/RJ, 2017	65
Figura 9 - Comemoração do Dia da Umbanda	65
Figura 10 - Abertura da JuliFest 2022	66
Figura 11 - Encontro das Bandeiras em 2024	68
Figura 12 - Aparência do aplicativo	83
Figura 13 - Classificação das manifestações religiosas	84
Figura 14 - Sequência de marcação dos pontos mapeados	88
Figura 15 - Sequência de ponto marcado salvando e exportando	88
Figura 16 - Foto da rua Castro Alves	91
Figura 17 - Mapa de Ga Sur	116
Figura 18 - Mapa de Bedolina	117
Figura 19 - Mapa de Roda	118
Figura 20 - Mapa da fome	121
Figura 21 - Formação hipotética do planalto de Poços de Caldas/MG	127
Figura 22 - Caldeira vulcânica	128
Figura 23 - Caldeira vulcânica	128
Figura 24 - Sophia	133
Figura 25 - Propostas de capa	134
Figura 26 - Capa escolhida	134
Figura 27 - Esboço das ilustrações	136
Figura 28 - Esboço em construção	137

Lista de quadros

Quadro 1 - Períodos históricos	29
Quadro 2 - Início da implantação de templos religiosos	33
Quadro 3 - Pesquisadores desde o século XX até os dias atuais	50
Quadro 4 - Unidade temática	77
Quadro 5 - Classificação do do arquivo-mãe	86
Quadro 6 - Resultado do mapeamento	90
Quadro 7 - Símbolos e religiões correspondentes	131

Lista de Mapas

Mapa 1 - Cristianismo protestante pentecostal e neopentecostal	95
Mapa 2 - Cristianismo católico	97
Mapa 3 - Cristianismo protestante de missão	99
Mapa 4 - Espiritismo	101
Mapa 5 - Budismo	103
Mapa 6 - Umbanda	105
Mapa 7 - Candomblé	107
Mapa 8 - Judaísmo	109
Mapa 9 - Diverso	111
Mapa 10 - Todas as manifestações religiosas	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Declaração de pertença religiosa em Poços de Caldas – Censo 2022/2010.....	45
Tabela 2 - Dados comparativos – Censo 2022 Brasil – Poços de Caldas/MG.....	46

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISER	Instituto de Estudos da Religião
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MG	Minas Gerais
NEPEC	Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Espaço e Cultura
PPGG	Programa de Pós-Graduação em Geografia
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
RS	Rio Grande do Sul
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNESP	Universidade Estadual Paulista
ONU	Organização das Nações Unidas
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
ProBNCC	Programa de Apoio à Implantação da BNCC
CONSED	Conselho Nacional de Secretarias de Educação
UNDIME	União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação
FNCE	Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais de Educação
UNCME	União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 CONFIGURAÇÕES RELIGIOSAS CONTEMPORÂNEAS:	
TENDÊNCIAS GLOBAIS E REALIDADES LOCAIS	22
1.1 Relações entre sagrado, território e constituição dos núcleos urbanos: a especificidade de Poços de Caldas.....	23
1.2 Panorama mundial das religiões e transformações do campo religioso.....	36
1.3 Diversidade religiosa no Brasil contemporâneo: dados e interpretações.....	40
2 GEOGRAFIA E RELIGIÃO	47
2.1 Geografia da religião	47
2.2 Território e territorialidade.....	53
2.3 O espaço e a paisagem urbana	59
2.4 Teorias locacionais.....	67
2.5 O sagrado e o profano	69
3 A INTERDISCIPLINARIDADE: GEOGRAFIA E ENSINO RELIGIOSO	71
3.1 Conteúdo da Geografia segundo a BNCC	73
3.2 O Ensino Religioso segundo a BNCC	74
3.3. A interdisciplinaridade.....	75
4 MAPEAMENTO RELIGIOSO DE POÇOS DE CALDAS (2017-2028):	
FUNDAMENTOS, PROCESSOS E RESULTADOS	81
4.1 Fundamentos teóricos e metodológicos do mapeamento religioso .	82
4.2 Procedimentos de coleta, classificação e registro georreferenciado	85
4.3 Organização, tabulação e construção dos mapas temáticos	89
4.4 Análise dos resultados do mapeamento religioso em Poços de Caldas (2017-2018).....	113
5 MAPEAMENTO E SUA IMPORTÂNCIA COMO MÉTODO	
GEOGRÁFICO	116
5.1 Cartografia temática	120

5.2 Atlas Geográfico Religioso de Poços de Caldas/MG.....	123
5.2.1 Geografia local	125
5.2.2 Símbolos	129
5.2.3 Processo de criação	132
CONCLUSÃO	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	143
APÊNDICE	152

INTRODUÇÃO

O sagrado presente no dia a dia das pessoas é um fato, e quando adentramos uma cidade, com raras exceções, são os templos religiosos que chamam a atenção, cuja arquitetura se destaca na paisagem urbana. Em cidades planejadas nas quais a localização da estrutura administrativa e o desenho da malha urbana que se pretende desenvolver são previamente definidos, o destaque, na maioria delas, é o templo religioso. Brasília, capital do país, exibe, no conjunto inicial de edifícios que compõem o Eixo Monumental, a Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Aparecida, projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Conhecida como Catedral de Brasília, marca a religiosidade nacional e tem no caminho de seu acesso quatro esculturas que representam os evangelistas. As demais cidades seguem sua formação, como bem descreve Rolnik em seu livro *O que é Cidade*: “desde a sua origem, como local cerimonial, é a cidade também que se localizam os templos (*sic*), onde moram os deuses capazes de garantir o domínio sobre o território e a possibilidade de gestão de vida coletiva” (Rolnik, 2009, p. 8).

Segundo a urbanista: “o próprio espaço se encarrega de contar parte de sua história” (Rolnik, 2009, p. 9). E é nesse espaço territorial dinâmico que as manifestações religiosas ocorrem, deixam sua marca, sua representação, sua relação espaço-tempo. Correa estuda a organização espacial, o espaço socialmente produzido, relacionando-os com a condição econômica, fundiária e as relações sociais de produção por meio de mapas de escala pequena, e destaca que o espaço urbano “é simultaneamente fragmentado e articulado” (Corrêa, 1989, p. 9).

Nesta fragmentação, a visualização espacial das diversas maneiras de se relacionar com o sagrado pode colaborar com o entendimento da sociedade que se estabelece num determinado núcleo urbano e sua relação com a natureza ali existente. Nesse contexto inicial, vários questionamentos, (como qual é a distribuição espacial das manifestações religiosas? Como elas ocorrem espacialmente? Como elas podem ser representadas?) nos permitiram formular a seguinte problematização: como a geografia, a cartografia e a religião, mediante um diálogo interdisciplinar, podem colaborar para a análise e a representação espacial de templos e manifestações religiosas num dado município?

A cidade escolhida desta tese é Poços de Caldas, situada no sul do estado de Minas Gerais, local onde se desenvolveu um mapeamento religioso minucioso pelo grupo de pesquisa Filosofia, Religiosidade e suas Interfaces da PUC/Minas *campus* Poços de Caldas, nos anos de 2017 e 2018, e que foi a inspiração para o desenvolvimento deste estudo. O rico material obtido conduziu à seguinte hipótese: há um diálogo interdisciplinar entre Geografia, Ensino Religioso e Cartografia por meio do mapeamento das manifestações religiosas em uma dada cidade. Com isso, tem-se o objetivo de apresentar o mapeamento das manifestações religiosas da cidade de Poços de Caldas, estado de Minas Gerais, como possibilidade de diálogo interdisciplinar entre o ensino da geografia e da religião no Ensino Fundamental.

A metodologia utilizada combina análise documental e pesquisa empírica, possibilitando uma compreensão mais ampla e fundamentada do tema. Assim, denominamos a investigação como pesquisa aplicada, exploratória e descritiva, quanti/qualitativa, bibliográfica e documental. O mapeamento utilizou um aplicativo livre, C7 GeoPontos, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria/RS, e o filtro temático foi montado pelo grupo de pesquisa já mencionado, tendo como base os estudos dos censos demográficos do IBGE e a evolução das classificações estabelecidas por este órgão e orientado, em muitos momentos, pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER).

A representação da diversidade religiosa estabelecida num município na formação de um Atlas Geográfico Religioso, produto desta tese, poderá ser um material didático para a melhor compreensão das manifestações religiosas ali estabelecidas, bem como sua distribuição espacial na representação cartográfica facilitará a visualização do sagrado existente na sociedade contemporânea.

Para tanto, as definições de sagrado e profano da Mircea Eliade e os trabalhos desenvolvidos pela professora Rosendhal embasam teoricamente esta tese, pois, como afirma Eliade (1992), as concepções de espaço sagrado e profano são importantes na formação da experiência religiosa humana ao longo da história, “definindo duas modalidades distintas de ser no mundo” (p. 12). Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, apresenta rupturas com porções de qualidade diferente; em contraste, para o homem profano, o espaço é homogêneo e neutro. O mapeamento possibilitou perceber a neutralidade relativa quando identificou

diversas manifestações religiosas existentes no núcleo urbano do município de Poços de Caldas.

Uma cidade que foi pensada, planejada, construída e idealizada a partir das características naturais ali existentes, como as águas termais e sua possibilidade curativa, na época da sua fundação. A princípio, as pessoas ali buscavam alívio para as suas dores, banhando-se nas águas quentes e sulfurosas, sem critérios científicos, mas com muita fé na cura do corpo físico. Depois de aliviarem suas dores, subiam o morro mais próximo dos poços de águas quentes, também conhecidas como águas milagrosas, e dirigiam-se ao local mais alto para fazer suas orações em agradecimento. Hoje, encontramos a Igreja de São Benedito neste morro, a capelinha de Santa Cruz e a escultura de uma santa católica, Nossa Senhora de Fátima, em outro morro, e percebemos que o sagrado se instalou nos morros, com exceção da Basílica de Nossa Senhora da Saúde.

Mesmo planejada para ser um balneário voltado para a saúde e a ciência, o movimento da população, com sua fé e as datas comemorativas de algumas manifestações religiosas, como o Dia Nacional da Umbanda, comemorado em 15 de novembro, marcam os tempos sagrados no território. Por exemplo, o encontro dos principais líderes (pais e mães de santo) da Umbanda e seus adeptos ocorre no coreto da praça central. Durante as comemorações do dia de São Benedito, padroeiro da cidade, 13 de maio, a congada encontra-se com os índios caiapós no alto da Serra São Domingos e, juntos, em procissão, seguem em direção à Igreja de São Benedito, acompanhada pela população. Tempos e lugares sagrados foram identificados nesta cidade cuja religiosidade do passado não se percebe à primeira vista e cuja basílica, além de ser uma construção recente, está deslocada do centro urbano, uma especificidade interessante e que chama a atenção de um visitante observador.

Exemplos não faltam de cidades pelo mundo afora cujo templo religioso se destaca com primazia no núcleo urbano e nas quais festas religiosas caracterizam a cultura do lugar, como a Catedral Duomo, em Milão, na Itália, construída em mármore rosa; o templo de Shiva em Nova Delhi, capital da Índia; a festa de São Pedro, na última semana de junho, na cidade do Porto, em Portugal. A religiosidade tem marcado populações e gerações, e nem sempre de forma positiva, visto que tem provocado, ao longo do tempo, conflitos armados, numa representação da intolerância religiosa.

Relevante a colocação de Gil Filho (2007), “o fenômeno religioso aparece mais nítido no plano do cotidiano” (Gil Filho, 2007, p. 212), e isso pode ser percebido no comércio de produtos religiosos de diversos matizes, nos carros com adesivos indicativos da fé de seu condutor e na moda feminina, que também recebe influência religiosa, havendo, inclusive, marcas e lojas destinadas ao público específico de uma determinada manifestação religiosa.

O modo de vida cotidiano complexo das cidades contemporâneas traz a religiosidade presente e suas marcas estão além do templo e de seu território delimitado. O Brasil vivencia a influência de pessoas que se classificam religiosas e interferem na política, em diversas instâncias da administração pública, usando a Bíblia e discursos evidenciando o cristianismo com o termo “em nome de Deus” nos Poder Legislativo, seja ele municipal, estadual ou federal. Legisladores e administradores públicos deveriam ser cautelosos no tocante a esse assunto, pois a Constituição Federal de 1988 estabelece que o Brasil é um país laico.

A laicidade não tem sido respeitada e, com isso, templos com figuras carismáticas de determinados segmentos religiosos, durante a época dos pleitos eleitorais, induzem as pessoas que ali buscam conforto espiritual a votarem em candidatos previamente escolhidos por líderes religiosos.

Neste contexto, materializar as manifestações religiosas em um Atlas e disponibilizá-lo como um instrumento colaborativo para o educador poderá facilitar a compreensão das manifestações religiosas culturais dos alunos, possibilitando, assim, a tolerância e o bom convívio.

Nos termos da Lei nº 9.394/96, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases (LDB), das competências gerais da Educação Básica, apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), é proposto, para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio), o ensino que fomente propostas didáticas para a formação de atitudes e valores que considerem “os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (Brasil, 2017, p. 9).¹

¹ BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**: educação é a base. Brasília, MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 12 out. 2020.

No âmbito específico do ensino de Geografia, o documento contendo as bases da organização curricular nacional aponta:

Ao mesmo tempo, a educação geográfica contribui para a formação do conceito de identidade, expresso de diferentes formas: na compreensão perceptiva da paisagem, que ganha significado à medida que, ao observá-la, nota-se a vivência dos indivíduos e da coletividade; nas relações com os lugares vividos; nos costumes que resgatam a nossa memória social; na identidade cultural; e na consciência de que somos sujeitos da história, distintos uns dos outros e, por isso, convictos das nossas diferenças. (Brasil, 2017, p. 359).

Lembramos, ainda, que o Brasil, por intermédio da LDB, estabelece, no artigo 33, o ensino religioso como parte integrante da formação básica do cidadão, como disciplina em horário normal, com matrícula facultativa, assegurando ao aluno o respeito à diversidade cultural religiosa do país, barrando quaisquer formas de proselitismo. Em 2017, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou a BNCC, incluindo orientações para o ensino religioso nas escolas e destacando, entre as competências para esse ensino, a convivência com a diversidade de crenças, modos de viver e de ser.

Dessa maneira, entendemos a interdisciplinaridade como o caminho para que os objetivos e diretrizes estabelecidos pelas regras legais do ensino do nosso país possam ser alcançados. Os estudos e as análises dos conteúdos das disciplinas de Geografia e Ensino Religioso possibilitaram a comprovação da tese proposta mediante a cartografia e o estudo espacial, sendo o veículo para esse entendimento o mapeamento das manifestações religiosas, o que resultou na formulação de um atlas. Espera-se, assim, que o material didático produto desta tese cumpra seu papel orientador dos educadores que trabalham com temas relacionados com a cultura nacional e sua espacialização.

O presente trabalho contém cinco capítulos, sendo o primeiro dedicado à apresentação da configuração religiosa contemporânea e às especificidades do sagrado na constituição do núcleo urbano da cidade de Poços de Caldas, área do estudo e do mapeamento religioso, destacando sua formação histórica e a entrada das manifestações religiosas desde a sua fundação. O segundo capítulo, no qual se encontra a base teórica que norteia esta tese, inicia-se com conceitos de territorialidade, espaço profano, espaço sagrado e descreve a geografia, com foco nos estudos da geografia da religião. Seguimos com as análises das disciplinas de Geografia e Ensino Religioso, indicando sua interface. O quarto capítulo apresenta o

mapeamento religioso realizado nos anos 2017 e 2018 e os resultados encontrados. Finalizamos empregando a cartografia e o mapeamento como veículos da interdisciplinaridade entre estudos geográficos e ensino religioso, apresentando a proposta do Atlas Geográfico Religioso da cidade de Poços de Caldas/MG. No Apêndice, apresentamos o atlas.

1 CONFIGURAÇÕES RELIGIOSAS CONTEMPORÂNEAS: TENDÊNCIAS GLOBAIS E REALIDADES LOCAIS

O estudo da configuração religiosa contemporânea envolve a análise de processos históricos e socioculturais que transformaram as formas de pertencimento e a presença pública das tradições religiosas. A mobilidade humana, os fluxos comunicacionais e a reorganização institucional ampliaram a circulação de símbolos, práticas e identidades. Esses elementos contribuíram para cenários religiosos mais diversos e com fronteiras identitárias menos rígidas.

As reflexões de José Casanova (1994) integram esse debate ao discutirem a constituição das religiões globais e os mecanismos que sustentam a sua expansão para além dos territórios de origem. O autor examina fenômenos de desterritorialização, recomposição interna e mudanças na presença pública das tradições religiosas. As suas análises possibilitam identificar transformações produzidas pelo contato entre grupos, pela migração e pela intensificação das conexões transnacionais.

As contribuições de Berkenbrock acrescentam elementos importantes para a compreensão das grandes tradições religiosas e da sua distribuição mundial. O autor destaca a diversidade interna dos sistemas simbólicos e aponta a necessidade de considerar dimensões culturais e históricas que ultrapassam cálculos estatísticos. A sua caracterização de agnósticos, ateus e grupos sem vinculação institucional amplia a leitura das identidades religiosas e não religiosas contemporâneas.

O caso brasileiro integra esse panorama mais amplo. A predominância histórica do cristianismo, a persistência das tradições afro-brasileiras e a presença de práticas de origens indígena, oriental e europeia compõem um quadro marcado por circulação intensa de expressões religiosas. As séries censitárias desde o século XIX registram redução gradual do número de católicos, expansão do campo evangélico, crescimento das tradições de matriz africana e aumento do segmento sem religião, indicando reconfigurações na distribuição dos pertencimentos.

Os resultados do Censo 2022 atualizam a compreensão sobre esse cenário ao revelar alterações nas proporções entre grupos religiosos e maior visibilidade das formas de autorreconhecimento. As análises iniciais desenvolvidas por pesquisadores

do IBGE, do ISEER e de estudiosos da área indicam mudanças associadas a fatores geracionais, culturais e territoriais. Os dados oferecem um ponto de partida para examinar transformações recentes no campo religioso brasileiro.

Este capítulo direciona o debate para o caso de Poços de Caldas, cuja configuração religiosa apresenta aproximações com as tendências nacionais e características próprias. A distribuição espacial dos templos, a diversidade das tradições e a relação entre práticas religiosas e território criam um quadro específico que será aprofundado posteriormente. A articulação entre panorama global, contexto nacional e realidade local organiza o movimento analítico que conduz o capítulo.

1.1 Relações entre sagrado, território e constituição dos núcleos urbanos: a especificidade de Poços de Caldas

A compreensão da formação de Poços de Caldas exige a análise das relações entre espaço construído, práticas religiosas e dinâmica territorial. Os estudos sobre a origem das cidades mostram que elementos simbólicos e estruturas cerimoniais influenciaram as formas iniciais de ocupação humana, orientando os modos de organização coletiva e definindo áreas de convivência e culto. Essas referências propiciam situar a trajetória do município no conjunto de processos que articularam natureza, cultura e ordenamento urbano, tema detalhado neste tópico.

Entre as citadas referências, Raquel Rolnik (1988) identifica os zigurates da Mesopotâmia, edificadas por volta do terceiro milênio da era cristã, como construções que reuniam práticas rituais e usos do território. Para a autora, essas edificações orientavam a organização coletiva, pois “o templo era o ímã que reunia o grupo” (Rolnik, 1988, p. 14). Esse registro possibilita observar a relação entre espaço construído e prática religiosa nas fases iniciais de constituição urbana.

A diferenciação entre habitação e hábitat amplia o entendimento dessa relação. O hábitat inclui a habitação e o espaço de vivência de um grupo, abrangendo reprodução, desenvolvimento e crenças. A noção de hábitat propicia descrever como práticas sociais, padrões de uso do território e construções simbólicas articulam-se na ocupação de diferentes regiões. A partir dessa distinção, é possível identificar modos variados de organização dos núcleos urbanos e dos elementos que os estruturam.

O sagrado é apresentado como elemento de produção do espaço em diversos contextos, conforme Rosendahl (2002). A autora registra que aglomerações humanas que reuniam atividades religiosas e comerciais formaram núcleos que, ao longo dos tempos sagrados sucessivos, tornaram-se cidades. Na chamada “geografia da religião”, esses núcleos são denominados cidade-santuário ou hierópolis (Rosendahl, 2002). Esse registro documenta a associação entre práticas devocionais e organização do espaço ao longo da história.

O papel do templo na ordenação dos povoados também aparece na formação das cidades brasileiras. Rosendahl (2002) descreve que, no período colonial, a igreja integrava o traçado urbano e funcionava como referência espacial das vilas. Essa configuração ocorreu em várias regiões do país e estruturou parte significativa da ocupação colonial. A comparação entre esse modelo e outras formas de organização territorial possibilita identificar diferenças nos processos de urbanização.

Dias (2023) descreve que a constituição das vilas coloniais envolvia a construção da capela, a instalação do pelourinho e a demarcação do rossio, da câmara e da cadeia.² No caso de Poços de Caldas, a organização inicial não se estruturou sobre esses elementos. A ocupação esteve vinculada às características naturais da região, especialmente às águas termais sulfurosas. Os veios e surgências orientaram a criação de um espaço voltado ao cuidado com a saúde física. Relatos de cura associados às águas deram visibilidade a práticas de fé, enquanto os templos não ocuparam posição central na etapa inicial da ocupação.

A historiadora Nilza Botelho Megale (2002) registra que a região teria sido habitada pelos índios Cataguás, embora não existam vestígios materiais que confirmem essa presença. A descoberta das águas termais é apresentada com datas diferentes pelos autores locais, variando entre 1775 e 1786, quando caçadores teriam encontrado olhos d'água “que serve[m] de caldas”. A palavra “caldas”, derivada do latim *calidus* (quente), passou a designar águas minerais de alta temperatura e, posteriormente, cidades que as possuíam. Exemplos incluem Caldas da Rainha e

² A descrição apresentada por Dias encontra paralelo com os procedimentos normativos analisados por Salgado e Pereira (2017), que evidenciam a centralidade desses mesmos elementos, capela, pelourinho, rossio e instalações do concelho, nos ritos de fundação de vilas na Capitania de São Paulo no século XVIII.

Caldas de Vizela, em Portugal, e Poços de Caldas, Caldas Novas e Caldas do Cipó no Brasil.

As mudanças administrativas relacionadas à separação das capitanias de Minas Gerais e São Paulo, em 1720, causaram controvérsias sobre a delimitação da região das Caldas. Megale (2002), Dias (2023) e Marras (2004) registram disputas entre autoridades e moradores até a incorporação do Campos das Caldas a Minas Gerais (Dias, 2023; Marras, 2004; Megale, 2002). O interesse pela área esteve associado ao uso das águas quentes, às quais se atribuía potencial terapêutico. Esses registros documentam as relações entre fatores naturais e decisões administrativas.

O uso das águas termais como recurso terapêutico deu origem à circulação de viajantes, autoridades e profissionais da saúde. Há registros da presença do governador de Minas Gerais, Dom Manuel Francisco de Portugal e Castro, em 1818, e do médico português Manuel da Silveira Rodrigues, ambos em busca de restabelecimento da saúde. A crenologia³ passou a receber atenção na região, e o médico Pedro Sanches tornou-se referência nos estudos sobre as propriedades das águas. O registro dessas visitas e pesquisas indica o aumento da procura pela região entre pessoas que buscavam tratamento para diferentes enfermidades.

A região das águas termais não oferecia instalações para acolher os visitantes que buscavam tratamento. Muitos erguiam ranchos provisórios e dependiam da caça para alimentação, enquanto aumentava a procura pelas fontes sulfurosas. As solicitações por melhorias prolongaram-se até 1864, quando um engenheiro enviado pelo governo de Minas Gerais avaliou a possibilidade de organizar um povoado próximo às surgências. O relatório apresentado indicou a construção de um balneário, de uma casa de hóspedes, de uma caixa d'água e de uma ponte, além da “desobstrução” de ribeirões e córregos. Em 6 de novembro de 1872, a família Junqueira formalizou a doação de terras, marco que estabeleceu juridicamente a criação do povoado.

A presença de romeiros que buscavam cura para enfermidades estruturou as primeiras práticas religiosas vinculadas ao local. Stelio Marras (2004) registra indícios desse movimento e menciona “sinais” que apontavam um “catolicismo

³ Crenologia é a ciência que estuda as propriedades terapêuticas e medicinais das águas minerais. (In: Comissão Permanente de Crenologia – CPC da Agência Nacional de Mineração: www.gov.br).

mágico-religioso” relacionado às águas sulfurosas. A análise que realiza da pintura de Barbosa Gonçalves, de 1919, que representa o povoado de 1880,⁴ descreve o morro de Santa Cruz e o morro Itororó “salpicado de pequenas cruzeiras de madeira” (Marras, 2004, p. 231). Desde 1890, o morro Santa Cruz abriga a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, instalada em ponto de destaque na paisagem. Essas referências documentam práticas de fé desenvolvidas junto às fontes.

Relatos indicam que os morros Santa Cruz e Itororó eram procurados por pessoas que atribuíam a sua recuperação à passagem pelas águas termais e subiam para pagar promessas ou agradecer graças recebidas. Muletas deixadas ao longo do trajeto ou no interior da pequena igreja reforçam essa associação entre saúde e devoção. A documentação sobre a cidade menciona esses movimentos, embora faltem estudos dedicados à dinâmica religiosa que ali se estabeleceu. Marras comenta essa ausência ao questionar:

Que historiador ou cronista ilustre de então se dedicaria dignamente a esmiuçar o costume de uns piedosos de face iluminada em ardente fé religiosa – pior, de uma religiosidade heterodoxa, hibridamente profana, como a mágica do catolicismo rústico –, que vez por outra se poderia ver atravessar caminhos interiores do Brasil? (Marras, 2004 p. 236).

A observação sugere distanciamentos entre registros administrativos e práticas populares. Coelho Neto, citado por Marras, “registra imagens de doentes rezando o terço em noites antigas da freguesia” (Marras, 2004, p. 230). Esses relatos antecedem a implantação de projetos urbanísticos voltados ao uso terapêutico das águas, que passaram a orientar a organização territorial. A convivência entre práticas religiosas, representadas pelos romeiros, e iniciativas voltadas ao termalismo aparece nas descrições do período.

O povoado se moldava às condições naturais e ao fluxo de visitantes que buscavam os banhos sulfurosos, e essa coexistência é registrada de forma dispersa nas crônicas consultadas. A justaposição de usos do território indica processos simultâneos de ocupação.

As narrativas de visitantes, entre eles Coelho Neto e Olavo Bilac, mencionam cenas de devoção relacionadas às águas e observações sobre

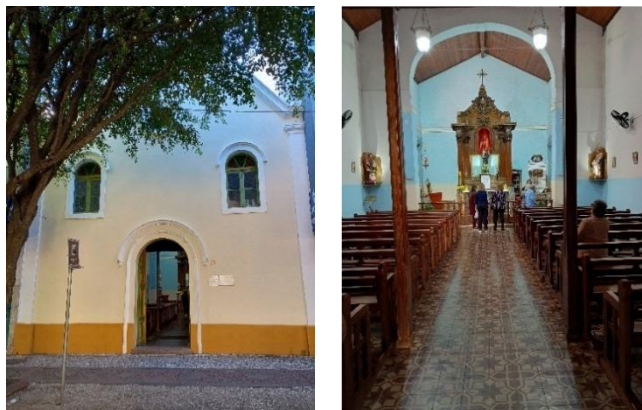
⁴ Megale (2002) registra que a primeira denominação do povoado foi Nossa Senhora da Saúde, e não Nossa Senhora da Ajuda ou Nossa Senhora das Águas de Caldas.

explicações baseadas no saber médico da época. Marras cita Bilac para registrar que “as virtudes medicinais das águas foram sendo traduzidas em linguagem médico-positivista de inspiração francesa” (Marras, 2004, p. 58). A descrição apresenta diferentes interpretações atribuídas às mesmas fontes, que variavam entre relatos religiosos e explicações científicas. Esses registros mostram a circulação de interpretações distintas sobre a origem e o efeito das águas, compondo um quadro múltiplo sobre o período.

O povoado organizou-se acompanhando o fluxo de visitantes que buscavam os banhos termais. A construção de um balneário e de um pequeno hotel deu suporte inicial aos que chegavam para utilizar as águas. Até 1880, existia apenas uma capelinha rústica próxima ao balneário e ao hotel, com capacidade limitada e estrutura simples. O local corresponde hoje ao coreto da praça central e representa o primeiro espaço de culto edificado no povoado. A presença desse pequeno templo documenta práticas religiosas desenvolvidas junto às estruturas que atendiam aos frequentadores das surgências. A ocupação se formou a partir da interação entre esses elementos.

A construção da capela Bom Jesus da Cana Verde começou em 1º de abril de 1881. Seu funcionamento iniciou-se em 1883 e a sua conclusão, com a sacristia, ocorreu em 1905. A edificação recebeu a visita de Dom Pedro II e de Dona Teresa Cristina em 1886, em ocasião associada à inauguração do ramal da Estrada de Ferro Mogiana. A capela passou por reformas e foi tombada por legislação municipal em 1992, preservando características arquitetônicas originais. Hoje conhecida como Capela Santo Antônio (Figura 1), situa-se na rua São Paulo, entre dois hotéis, e integra o conjunto de edificações históricas do município. O templo compõe o registro material das práticas religiosas vinculadas ao processo de urbanização.

Figura 1 - Capela Santo Antônio



Fonte: arquivo pessoal.

O povoado expandiu-se rapidamente. As decisões tomadas na organização inicial da cidade de Poços de Caldas privilegiaram a recepção de visitantes e não contemplaram a preservação das áreas próximas às surgências, nem das zonas de recarga hídrica. Também não houve definição de um espaço religioso junto às águas utilizadas para tratamento. Esses elementos indicam possíveis distanciamentos entre a população atual e as fontes termais, hipótese que depende de investigação mais aprofundada e que pode orientar estudos futuros sobre usos sociais e simbólicos do território.

A leitura da tese de Dias (2022) oferece elementos para essa discussão. A autora realiza um estudo comparado entre a morfologia urbana de Poços de Caldas e a de Caldas da Rainha, em Portugal, destacando diferenças no tratamento dado às áreas termais. Na análise do balneário português e de seu entorno, observam-se a manutenção da mata nas proximidades das fontes e a presença do sagrado por meio de duas igrejas localizadas ao redor do complexo termal. Essa configuração não aparece no caso brasileiro, em que as áreas adjacentes às águas não foram preservadas com o mesmo padrão de cuidado.

O primeiro balneário de Poços de Caldas, registrado na Figura 2, foi demolido na década de 1970 e substituído por outro edificado segundo proposta arquitetônica contemporânea ao período. O jornalista e pesquisador Tereziano, que publica documentos históricos sobre a cidade, disponibiliza imagens do antigo balneário e do projeto executado, observando diferenças em relação ao conjunto planejado por João Batista Panccini, responsável pelo desenho urbano inicial. A ausência de preservação de edificações desse período altera a leitura da paisagem e dificulta a compreensão das formas de ocupação e dos usos do espaço ao longo do tempo.

Figura 2 - Sequência Projeto Primeiro Balneário



Fonte: acervo do jornalista Tereziano.

Megale (2002) organiza a história da formação do município de Poços de Caldas em seis períodos distintos, apresentados no Quadro 1. A divisão proposta pela autora reúne marcos relacionados à descoberta das águas termais, ao início do povoado, à fundação da cidade, à chegada da estrada de ferro, à expansão do turismo e ao desenvolvimento da mineração e da industrialização.

Quadro 1 - Períodos históricos

Período	Momento histórico
1º Até 1800	Descoberta das águas termais
2º 1800 a 1872	Início do povoado, oficialmente em 1872, ano da fundação da cidade, com a doação de 40 alqueires pelo sesmeiro Joaquim Bernardes da Costa Junqueira
3º 1872 a 1886	Fundação da cidade
4º 1886 a 1905	Inauguração da estrada de ferro e produção de café
5º 1905 a 1946	Incrementação do turismo e de cassinos
6º 1946 a 2002	Descoberta de bauxita, desenvolvimento da mineração e industrialização

Fonte: adaptado de Megale (2002).

A descoberta de jazidas de bauxita e de outros minérios, seguida da instalação de fábricas associadas à exploração mineral, resultou em crescimento econômico expressivo e modificou a posição do turismo na economia local. A década

de 1970 marcou a implantação da indústria láctea, favorecida pelo fato de a região ser identificada como uma das principais áreas produtoras de leite do Sudeste brasileiro. Nesse cenário, o turismo passou a representar aproximadamente 17% do produto interno bruto municipal, mantendo relevância, mas sem ocupar o mesmo protagonismo observado em períodos anteriores.

O vínculo entre a religiosidade e a história do povoado aparece na denominação inicial do local, registrada como “Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas”. Megale (2002) observa que, embora o povoado tenha sido colocado sob a proteção da Virgem Maria, o primeiro templo erguido foi dedicado ao Bom Jesus da Cana Verde. Essa capela recebeu, em 1907, a nova denominação de Capela Santo Antônio, após solicitação da colônia italiana para inserir a imagem do santo trazida de Pádua. A escolha indica a relação entre devoções específicas e a configuração dos espaços religiosos da cidade.

Em 1887, a imagem de Nossa Senhora da Saúde foi doada por João de Souza Belém, que atribuía às águas termais a melhora de um quadro de reumatismo. A peça foi produzida por um santeiro português, com acabamento em pintura e douração a fogo. A denominação de templos católicos costuma corresponder à devoção consolidada em determinada comunidade, aspecto aplicado à trajetória dessa imagem ao longo do tempo. A inserção da escultura na Capela do Bom Jesus da Cana Verde representou a primeira incorporação formal da devoção à padroeira no espaço urbano.

A transferência da imagem ocorreu na década de 1920 para um templo construído especificamente em sua homenagem, edificado em área onde funcionara um antigo cemitério, próximo à Igreja de São Benedito. O pequeno templo foi posteriormente demolido para dar lugar à atual catedral, cuja arquitetura apresenta forte correspondência com a Igreja de Dieppe, na França, construída em 1926. A obra da Basílica de Nossa Senhora da Saúde se iniciou em 1937 e foi concluída em 1954, sob projeto do engenheiro e arquiteto Otávio Lotufo. A Figura 3 mostra as fotos da Basílica de Poços de Caldas e da Igreja de Dieppe, nas quais é possível observar semelhanças entre os dois edifícios, tanto na volumetria quanto em elementos característicos das fachadas.

Figura 3 - Basílica Nossa Senhora da Saúde/Igreja Francesa de Dieppe



Fonte: CARUSO Jr, R. Poços de Caldas, Dieppe. 2018. Disponível em: <http://www.memoriadepocos.com.br/search/label/Curiosidades>.

O relato do jornalista e pesquisador Tereziano registra que o local escolhido para a construção da atual Basílica de Nossa Senhora da Saúde foi definido em posição oposta à antiga Igreja de São Benedito, situada no mesmo quarteirão. Segundo as suas observações, a escolha teria sido influenciada por tensões sociais da época, o que levou a matriz a não ser construída na Praça da Independência, ponto indicado no plano urbanístico original. A expansão da cidade naquela região e a presença de uma população branca residente nas proximidades resultaram em conflitos relacionados à circulação dos frequentadores da Igreja de São Benedito e às festividades realizadas naquele espaço.

Essas informações ajudam a compreender por que a matriz não ocupa toda a extensão do quarteirão em que foi construída e por que não se encontra em um ponto mais elevado ou próximo ao núcleo urbano planejado. A reorganização espacial que envolveu a transferência da Igreja de São Benedito ocorreu por meio de doação de terras feita pela família Junqueira, possibilitando a construção de um novo templo em outro local. Essa dinâmica de deslocamentos de espaços de culto integra o conjunto de transformações observadas na configuração urbana da cidade nos seus primeiros anos.

A formação dos espaços religiosos também aparece vinculada a processos de doação. Em 1951, uma imagem da nossa Senhora da Saúde, em proporção ampliada, foi oferecida à matriz e permanece na sacristia da basílica. A elevação da igreja ao título de basílica ocorreu em 1954, consolidando a sua posição entre as edificações de referência no município. Esses registros contribuem para compreender a maneira como objetos devocionais, templos e práticas associadas ao culto foram incorporados ao tecido urbano ao longo do tempo.

O crescimento da cidade projetada para atividades de recuperação da saúde aproximou diferentes tradições religiosas do território. A busca pelas águas sulfurosas atraiu grupos diversos, e os espaços sagrados passaram a compor a paisagem em conjunto com iniciativas voltadas ao termalismo. Da capela do Bom Jesus da Cana Verde à Basílica de Nossa Senhora da Saúde, observa-se a presença contínua de práticas religiosas que acompanharam a expansão da cidade e integraram-se às formas de ocupação do espaço.

No estudo morfológico realizado por Dias (2016), o projeto urbanístico elaborado pelo engenheiro Carlos Alberto Maywald, em 1872, previa a construção da matriz em ponto elevado correspondente à atual rua Minas Gerais, então chamada rua Prates, na Praça da Independência. A área acabou recebendo a Santa Casa de Misericórdia em lugar do templo planejado. Em 1912, com a proposta apresentada pelo arquiteto José João Piffer, a matriz passou a ser projetada para a quadra onde se localizava o antigo cemitério, correspondente à atual rua Assis Figueiredo (Dias, 2016). Esses deslocamentos indicam mudanças sucessivas na definição dos espaços religiosos centrais.

As paróquias exerceram papel relevante no período colonial, pois registravam nascimentos, casamentos e óbitos, cumprindo função administrativa vinculada à Igreja Católica. A separação entre Igreja e Estado foi formalizada a partir de 1889, com a implantação dos cartórios de Registro Civil das Pessoas Naturais, que passaram a assumir essas atribuições. Essa mudança alterou as relações entre instituições religiosas e administração pública, repercutindo nas formas de registro e organização comunitária.

A capela do Bom Jesus da Cana Verde iniciou o seu funcionamento em 1883 e teve a sua construção concluída em 1905. O fechamento ocorreu em 1913, com a inauguração da matriz de Nossa Senhora da Saúde. O aumento do número de visitantes em busca de tratamento levou ao surgimento de novas práticas religiosas na cidade. O vigário da época, preocupado com essa multiplicidade de manifestações, solicitou ao bispo a reabertura da capela, argumentando, conforme registro no Livro Tombo de 1920, citado por Megale (2002), sobre a necessidade de atender às demandas espirituais diante das transformações locais, conforme registro:

O culto nessa igreja (Bom Jesus da Cana Verde) é de grande vantagem, não só por ser mais central, como principalmente paralisar a ação dos espíritas, que têm perto da igreja uma casa e dos protestantes, que têm o seu templo

na mesma rua São Paulo. (Efeméritos Paroquias de 1920. Livro Tombo) (Megale, 2002, p. 92).

A reabertura da Capela do Bom Jesus da Cana Verde foi autorizada, possibilitando a realização de missas aos domingos e, no dia 13 de cada mês, a distribuição de pães a pessoas em situação de vulnerabilidade. Com o início do funcionamento da Basílica de Nossa Senhora da Saúde, houve discussões internas sobre a possibilidade de demolir a antiga capela. A proposta provocou a mobilização de um grupo de mulheres da comunidade, que solicitou a sua preservação. A intervenção resultou na reforma do edifício, que passou a integrar o conjunto protegido por legislação de Patrimônio Cultural, permanecendo como marco da formação religiosa local.

Poços de Caldas consolidou-se como cidade em torno do termalismo, e não a partir de um núcleo religioso estruturante. Com o crescimento urbano, diferentes manifestações de fé estabeleceram-se no município por meio da construção de templos vinculados a distintas tradições religiosas. Esse processo ampliou o repertório de práticas presentes na cidade e contribuiu para a configuração de um campo religioso diversificado. A relação entre termalismo, expansão urbana e presença religiosa pode ser observada no Quadro 2, que reúne informações sobre os principais templos e períodos de instalação dessas instituições no território.

Quadro 2 - Início da implantação de templos religiosos

Ano	Templo
1880	Igrejinha no Morro Santa Cruz
1883	Capela Bom Jesus da Cana Verde
1904	Igreja São Benedito
1906	Igreja Metodista
1937	Igreja Nossa Senhora da Saúde (denominada basílica em 1950)
1945	1ª Igreja da Congregação Cristã – em 2024, eram 28 espalhadas no núcleo urbano...
1946	Centro Espírita Sr. Raul Cury
1958	Inaugurado o Monumento Cristo Redentor no alto da Serra de São Domingos

Fonte: elaborado pela autora.

A chegada de pessoas interessadas no tratamento pela crenologia introduziu no município diferentes manifestações religiosas. A diversidade começou a se evidenciar no entorno da primeira igreja do povoado, onde se instalaram também grupos metodistas e espíritas. A presença dessas tradições ampliou o cenário religioso local, ainda que a Igreja Católica Romana permanecesse como a instituição com o maior número de adeptos e com templos de maior visibilidade na paisagem urbana. Esse conjunto de expressões religiosas passou a compor o quadro social da cidade em meio ao desenvolvimento das atividades ligadas às águas termais.

O levantamento histórico realizado por Marras (2004), no seu estudo sobre Poços de Caldas, registra que, na década de 1920, o governador de Minas Gerais, Antônio Carlos, enviou o prefeito Carlos Pinheiro Chagas à Europa para observar modelos urbanísticos considerados adequados ao projeto de modernização do município. O objetivo era estabelecer referências para o desenvolvimento de um balneário estruturado e reconhecido. Para orientar esse processo, foi criada uma comissão consultora liderada pelo médico Mário Mourão, responsável pela elaboração de um folheto que indicava o modelo a ser adotado: “constituir a planta do novo balneário, que deve ser uma cópia do retângulo de Vichy” (Marras, 2004, p. 61). O formato geométrico citado pode ser identificado na praça Pedro Sanches e no seu entorno imediato.

As análises de Marras sobre a história da cidade apresentam elementos que auxiliam na compreensão das características sociais do grupo que se estabeleceu no município. Nas suas observações, o autor reúne registros que tratam tanto das práticas cotidianas quanto das escolhas políticas e urbanísticas que moldaram o território. Esse conjunto de informações possibilita identificar aspectos da formação da sociedade local e das referências culturais que influenciaram a sua organização. A seguir, destaca-se um dos trechos utilizados pelo autor para caracterizar esse processo:

Cidade nascida sob o signo da cura por águas e do veraneio elegante, em oposição aos antigos modos, estes laconicamente sombreados pela historiografia reinante, seja em razão da apropriação inconstante do espaço por passantes anônimos e seus pousos improvisados, seja em razão do uso que se diria hoje *popular* das águas, então postulado místico e imprevidente, tudo como contramão da *modernidade* e da *civilização*, do *progresso* e da *ciência* daquela almejada estância hídrica de cunho médico e elitista, higiênico e burguês (Marras, 2004, p. 49).

O trecho citado por Marras sintetiza aspectos da formação de Poços de Caldas, que adotou referências europeias no seu processo de modernização, incluindo jardins geométricos de inspiração francesa. A busca pela cura por meio do termalismo estruturou parte significativa da organização urbana, o que explica a ausência, na praça central, do arranjo recorrente em outros núcleos coloniais brasileiros. Como observa o autor:

Não se encontra na principal praça central da cidade a costumeira igreja em torno da qual difundia-se povoamento, como é de regra na formação católica dos núcleos urbanos do Brasil. Não se verá sequer alguma capela destrutada pela modernidade ou algum cruzeiro acanhado sob a sombra de árvores frondosas (Marras, 2004, p. 310).

Essa configuração destaca a especificidade do município em relação ao padrão histórico nacional. A observação de Marras sobre a paisagem central da cidade menciona a ausência de iconografia religiosa relacionada ao padroeiro ou a santos de devoção coletiva. No espaço principal, encontra-se a estátua “Minas ao Brasil”, de Jullius Staracce, datada de 1929, representando a figura masculina em granito, de braços abertos e proporções idealizadas. O autor entende essa obra como expressão do período em que o município buscava afirmar uma identidade associada à saúde, ao vigor físico e à modernização arquitetônica. O conjunto formado pelo hotel de grande porte, pelo complexo balneário e pelos jardins projetados segundo modelos europeus compõe esse cenário urbano identificado por Marras.

Embora não esteja expressa na praça central, a religiosidade aparece nos registros históricos como parte do cotidiano dos primeiros visitantes que buscavam tratamento nas águas termais. O agradecimento pelas curas atribuídas às fontes motivou a instalação de templos que, ao longo do tempo, multiplicaram-se no centro urbano. A diversidade das manifestações religiosas passou a integrar a dinâmica social da cidade, marcada pela presença de igrejas, capelas e instituições vinculadas a diferentes tradições. Essa expansão ocorreu de maneira gradual e acompanha o crescimento urbano derivado da atividade termal.

Atualmente, o Cristo Redentor instalado no alto da Serra de São Domingos constitui um dos principais pontos turísticos do município. A inauguração ocorreu em 13 de maio de 1958, e o monumento foi inspirado na estátua da cidade do Rio de Janeiro. Informações da Secretaria de Turismo do Estado de Minas Gerais atribuem

o projeto a José Raphael dos Santos Neto. A posição elevada confere visibilidade à escultura, que passou a integrar o conjunto de referências visuais e simbólicas associadas à cidade. A presença do monumento contribui para a leitura contemporânea da paisagem urbana.

As propostas de modernização adotadas no início do século XX, orientadas por modelos de balneários europeus e por padrões estéticos específicos, não impediram o desenvolvimento da religiosidade no município. A coexistência entre termalismo, urbanização planejada e diversidade religiosa caracteriza a trajetória de Poços de Caldas, que reúne práticas de fé, instituições e símbolos construídos ao longo de diferentes momentos da sua história.

A análise das relações entre sagrado, território e formação urbana evidencia que Poços de Caldas constitui um caso que se distancia do padrão observado na maioria das cidades brasileiras, tradicionalmente organizadas a partir da centralidade do templo religioso. A presença das águas termais como elemento orientador da ocupação inicial deslocou o eixo estruturante do território, conferindo ao termalismo função organizadora da paisagem urbana e das formas de uso do espaço. Nesse contexto, o arranjo urbano não se estruturou em torno de uma matriz ou capela principal, mas das surgências hidrotermais e dos equipamentos criados para atendê-las, definindo um percurso distinto daquele verificado em núcleos coloniais de origem religiosa.

Ao mesmo tempo, práticas de fé relacionadas às narrativas de cura e às peregrinações aos morros Santa Cruz e Itororó indicam que o sagrado integrou o processo de construção social do lugar, ainda que não tenha definido o traçado urbano. Os relatos sobre agradecimentos, promessas e instalação de templos ao longo do crescimento da cidade mostram que a religiosidade se incorporou gradualmente à paisagem. A interação entre referências hidrotermais, escolhas urbanísticas e manifestações religiosas diversas resultou numa dinâmica que singulariza Poços de Caldas entre os modelos de formação urbana no Brasil, combinando diferentes matrizes simbólicas e funcionais na constituição do território.

1.2 Panorama mundial das religiões e transformações do campo religioso

A compreensão do panorama religioso contemporâneo envolve o exame de processos globais que alteraram a presença das tradições religiosas na esfera pública e a sua relação com o território. A mobilidade humana, a circulação internacional de símbolos e a reconfiguração institucional contribuíram para ambientes religiosos plurais, nos quais identidades e pertencimentos se articulam de modo menos vinculado ao espaço geográfico. Esses elementos produziram novos arranjos, marcados por sobreposições culturais e pela convivência entre grupos com histórias distintas.

As contribuições de José Casanova (1994) iluminam essas transformações. Em *Public Religions in the Modern World*, o autor descreve como tradições religiosas ampliaram a sua atuação em contextos diversos, deixando de operar sob lógicas territoriais rígidas. Em entrevista ao IHU On-line (mar. 2012), Casanova identifica religiões globais como tradições abertas e presentes em múltiplas regiões. A reportagem da *IstoÉ* (13 mar. 2012) sintetiza esse argumento ao registrar a sua observação de que “os territórios que eram católicos se tornam religiosamente pluralistas”, evidenciando rearranjos que afetam, inclusive, países com forte herança cristã, como o Brasil.

A perda de hegemonias territoriais amplia a convivência entre grupos diversos, e os fluxos migratórios transportam práticas e símbolos para novos contextos. Casanova denomina esse fenômeno “comunidades imaginárias religiosas globais”, conceito que descreve vínculos simbólicos entre fiéis distribuídos em diferentes países, como ocorre com redes católicas, hindus ou muçulmanas. O alcance transnacional dessas identidades contribui para um quadro religioso menos concentrado e mais interdependente.

As análises de Volney J. Berkenbrock dialogam com essa perspectiva ao apontar a escala planetária das “grandes tradições religiosas da humanidade” (Berkenbrock, 2019, p. 19). O cristianismo reúne cerca de um terço da população mundial; o Islã congrega aproximadamente 22%; o hinduísmo reúne em torno de 15%; o budismo, perto de 6%. Esses quatro grupos representam, somados, cerca de 76% da humanidade, compondo o núcleo mais numeroso do campo religioso global.

O restante da população mundial inclui pessoas sem vínculo institucional com tradições religiosas. Nesse segmento, ao redor de 15% não se associam a organizações e se distribuem entre agnósticos, ateus e indivíduos que atribuem

sentido à existência sem recorrer a referências religiosas. Berkenbrock define os agnósticos como “aqueles que entendem não haver razão suficiente para se crer em algo religioso (de qualquer tipo)” (Berkenbrock, 2019, p. 21). Essa definição amplia o entendimento das posições não confessionais no cenário contemporâneo.

O autor destaca também a heterogeneidade interna do ateísmo. A distinção explicitada por Berkenbrock evidencia variações importantes entre aqueles que negam a existência de Deus, aqueles que se identificam como ateus sem vinculação institucional e aqueles para os quais a questão da existência divina não se apresenta como problema. Essa diferenciação aparece na afirmação de que “a palavra ‘ateu’ quer dizer literalmente sem-Deus, mas há pelo menos três tipos de ateísmo [...]” (Berkenbrock, 2019, p. 21). A categorização contribui para que se compreenda a pluralidade das posições não religiosas nas dinâmicas globais do campo religioso.

A amplitude e a diversidade das tradições religiosas levaram Berkenbrock a considerar os limites das estatísticas disponíveis. A complexidade cultural e a variedade de sistemas de pertencimento dificultam classificações rígidas. O autor identifica que aproximadamente 9% da população mundial estão ligados a tradições com forte vínculo étnico-cultural, como confucionismo, taoísmo, xintoísmo e judaísmo. As duas primeiras integram a matriz cultural chinesa; o xintoísmo mantém relação com a história japonesa; o judaísmo organiza-se em torno de um povo, e não de um território, o que explica a sua dispersão global.

Essas tradições se somam a grupos religiosos de origens indígena e africana, que ampliam o cenário mundial ao introduzir cosmologias próprias e modos de organização que não se ajustam às categorias mais difundidas nos levantamentos censitários. Esse quadro reforça a necessidade de abordagens que relacionem religião, memória e identidade, reconhecendo a multiplicidade de sistemas presentes no mundo contemporâneo.

No caso brasileiro, os dados do IBGE oferecem um recorte específico desses processos. A centralidade do cristianismo organiza boa parte do campo religioso nacional, e Berkenbrock (2019) identifica que a diversidade interna é expressiva. O autor distingue três grandes grupos: católicos, evangélicos e espíritas. No catolicismo, encontram-se a Igreja Católica Apostólica Romana e a Igreja Católica Apostólica Brasileira. No campo evangélico, há linhas históricas, pentecostais e

neopentecostais, além dos “evangélicos não determinados”, que se reconhecem como evangélicos sem filiação exclusiva.

O protestantismo brasileiro apresenta ainda pequenas igrejas autônomas, com atuação local e formatos mais flexíveis, além de segmentações voltadas a públicos específicos, como grupos inseridos em presídios, comunidades LGBT ou coletivos juvenis. Essas expressões revelam dinâmicas próprias do ambiente religioso brasileiro e mostram como a diversidade se manifesta por meio de adaptações sociais e identitárias.

O islã, o hinduísmo e o budismo compõem um segmento minoritário no país, com aproximadamente 0,2% da população. O hinduísmo aparece como tradição recente, enquanto o judaísmo tem trajetória mais longa, iniciada no período holandês em Recife, onde se estabeleceu a primeira sinagoga das Américas. Esse percurso conecta elementos religiosos, históricos e culturais na formação da presença judaica no Brasil.

O campo religioso brasileiro inclui tradições afro-brasileiras, como Umbanda e Candomblé, e expressões indígenas vinculadas a territórios originários, ampliando o repertório simbólico presente no país. A interlocução entre cosmologias indígenas e outras matrizes religiosas contribuiu para o surgimento de grupos que utilizam a ayahuasca nos seus rituais, Santo Daime, União do Vegetal e Barquinha, cuja expansão por diferentes regiões revela dinâmicas de circulação e recomposição de práticas religiosas que ultrapassam fronteiras locais.

Parte desses processos aparece em escala municipal no mapeamento religioso realizado em Poços de Caldas entre 2017 e 2018. O levantamento identificou presenças cristãs, budistas, judaicas e afro-brasileiras, configurando um quadro que expressa, no nível local, tendências observadas no cenário nacional. A distribuição dessas tradições na cidade evidencia formas de diversificação e reorganização do pertencimento religioso que dialogam tanto com referências globais quanto com características próprias do território.

As transformações identificadas no plano local se vinculam a um panorama mais amplo de mudanças na distribuição, na circulação e nas formas de pertencimento religioso em escalas mundial e nacional. Globalização, mobilidade humana e reconfigurações institucionais produziram um campo marcado por pluralização interna e redefinições identitárias. No Brasil, essas dinâmicas expressam-

se na coexistência entre permanências históricas, como a centralidade do cristianismo, e movimentos de diversificação que envolvem novos atores religiosos e redistribuições internas entre grupos. Esse contexto fornece a base para a leitura dos resultados do Censo 2022, que possibilitam observar, de forma sistematizada, como essas tendências se materializam no território brasileiro, tema abordado no tópico seguinte.

1.3 Diversidade religiosa no Brasil contemporâneo: dados e interpretações

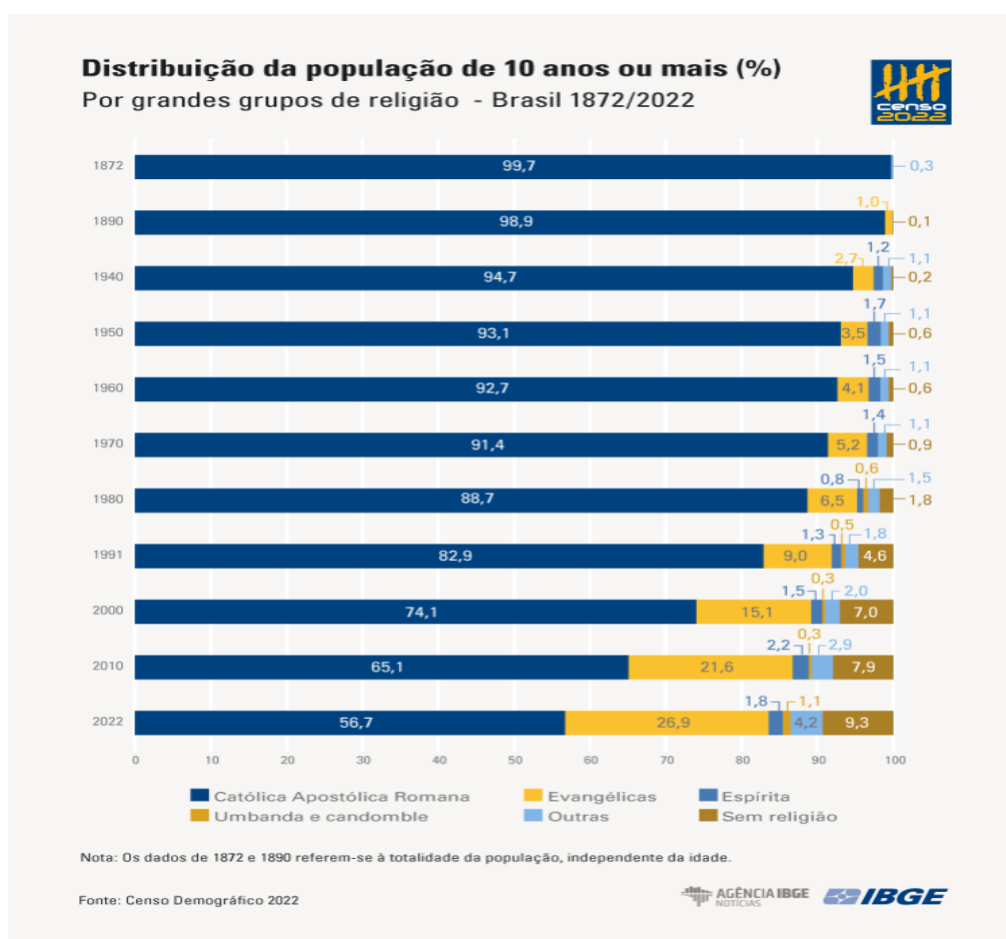
Em 6 de junho de 2025 foram divulgados os primeiros resultados do Censo 2022 referentes ao pertencimento religioso no Brasil. Os dados registram diminuição do número de católicos e espíritas, ampliação dos grupos evangélicos e crescimento do contingente que se declara sem religião. A pergunta utilizada pelo IBGE: “Qual é a sua religião ou culto?”, por ser aberta, admite múltiplas formas de resposta e evidencia a variedade de modos pelos quais os indivíduos formulam a sua identidade religiosa. A escolha desse formato de pergunta continua relevante porque revela não apenas a adesão a uma tradição, mas também como os entrevistados compreendem e nomeiam a sua vivência religiosa, possibilitando captar nuances que perguntas fechadas não alcançariam.

A observação histórica dos censos indica que essas variações recentes se inserem em tendências mais amplas. Desde 1872, verifica-se queda progressiva da proporção de católicos, acompanhada pelo aumento do campo evangélico e pela expansão dos que não se vinculam a tradições religiosas. Essas mudanças aparecem de forma consistente nas séries comparativas produzidas pelo IBGE, que propiciam visualizar reconfigurações internas do cristianismo, rearranjos entre grupos religiosos e transformações na maneira como a população organiza a sua pertença. Essa trajetória revela processos demográficos, culturais e institucionais que, ao longo de décadas, redesenharam o campo religioso brasileiro e contribuíram para o pluralismo observado atualmente.

A Figura 4 sintetiza esse percurso histórico, reunindo dados de 1872 a 2022 para a população com 10 anos ou mais. A visualização destaca a trajetória descendente do catolicismo, o crescimento contínuo dos segmentos evangélicos e o

avanço do grupo sem religião. As curvas apresentadas possibilitam identificar permanências e deslocamentos ocorridos ao longo de 150 anos, compondo um panorama que ajuda a compreender a formação e as transformações do cenário religioso brasileiro. A comparação entre os diferentes períodos torna visível a velocidade das mudanças, bem como momentos específicos de aceleração ou estabilidade, contribuindo para contextualizar o posicionamento atual das tradições religiosas no país.

Figura 4 - Grupos de religião no Brasil 1872/2022



Fonte: IBGE.⁵

A comparação entre os dados do Censo 2022 e os do Censo 2010 aponta variações significativas na composição religiosa brasileira. Observa-se redução de 8,4

⁵ LOSCHI, M. Censo 2022: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. **Agência IBGE**, 06 de junho de 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>. Acesso em: 6 jun. 2025.

pontos percentuais entre os católicos e de 0,3 ponto percentual entre os espíritas. Em sentido oposto, há aumento de 0,7 ponto percentual entre umbandistas e candomblecistas, crescimento de 5,4 pontos percentuais entre evangélicos e acréscimo de 1,4 ponto percentual no grupo dos que se declaram sem religião. Para os pesquisadores do IBGE, apesar dessas mudanças, o país permanece majoritariamente católico.

A jornalista e pesquisadora Dora Incontri (2025), em análise preliminar sobre os resultados, enfatiza o declínio do catolicismo e a ampliação do campo evangélico, embora esse crescimento seja menor do que o observado no Censo de 2010. Destaca também a redução do número de espíritas e o aumento dos adeptos de Umbanda e Candomblé, assim como a expansão do grupo sem religião. Para Incontri, essa dinâmica sugere maior reconhecimento de identidades culturais de matriz africana, mesmo entre pessoas que não pertencem à população negra, enquanto grande parte dos negros permanece vinculada a denominações evangélicas. Quanto aos sem religião, a autora observa que esse segmento indica “um desejo de espiritualidade mais livre, menos institucional por parte das novas gerações” (Incontri, 2025).

As análises iniciais elaboradas pelos pesquisadores do ISER descrevem um cenário religioso plural e em constante diversificação, continuidade de tendências já perceptíveis nos Censos de 2000 e 2010. Embora o número de católicos siga em queda, a redução registrada no Censo 2022 é menor do que a observada nas últimas quatro décadas, mantendo o catolicismo como grupo majoritário em todas as regiões do país. O Nordeste apresenta o maior percentual, com 63,9% de católicos, sendo que, em 4.881 dos 5.570 municípios essa é a tradição predominante. O ISER também aponta que, nas últimas quatro décadas, o conjunto dos cristãos diminuiu cerca de 12%, indicando uma recomposição interna que redefine o perfil religioso brasileiro.

Esse conjunto de informações evidencia diminuição de católicos e espíritas, crescimento de religiões de matriz africana, ampliação do segmento evangélico, ainda que em ritmo inferior ao previsto, e aumento dos que se identificam como sem religião. O ISER sintetiza essa leitura ao afirmar que, mesmo em declínio, o catolicismo mantém “protagonismo na vida social brasileira, prevalecendo no imaginário cultural, nos calendários litúrgicos e cívicos e nas principais tradições nacionais” (ISER, 2025).

Em relação aos evangélicos, os pesquisadores observam que o crescimento ficou abaixo de 30%, contrariando expectativas de que o grupo ultrapassaria a metade da população. Entre os fatores mencionados estão a crescente fragmentação institucional, marcada por igrejas autônomas, células independentes, grupos de oração virtuais, influenciadores religiosos e fiéis sem vínculo denominacional. Esse contexto contribui para vínculos comunitários mais fluidos, embora a presença evangélica nas mídias, na política, na música e na produção cultural permaneça expressiva. O ISER interpreta essa dinâmica como um processo de adaptação das igrejas à realidade social brasileira, em que esses grupos se tornam “mais inculturados” à realidade brasileira.

Outro elemento que se destaca nos resultados do Censo 2022 é o crescimento do grupo que se declara sem religião. Entre 1980 e 2000, esse segmento passou de 1,5% para 7%, alcançando 9,3% em 2022. De acordo com o IBGE, ele reúne pessoas que se identificam como ateias, agnósticas ou sem pertencimento religioso. A comparação com o conjunto das tradições não cristãs, que somam 5% da população recenseada, evidencia o peso crescente desse segmento no cenário nacional.

O ISER chama atenção para a composição etária desse grupo. Segundo seus pesquisadores, 40,3% dos sem religião têm entre 15 e 29 anos, proporção que sugere a redução da transferência geracional da filiação religiosa e a ampliação de escolhas individuais no processo de identificação religiosa. Esse dado se articula com transformações mais amplas das sociabilidades contemporâneas, marcadas por arranjos identitários menos vinculados a instituições formais.

As análises disponíveis sobre o Censo 2022 ainda se encontram em estágio inicial. A pluralidade observada nos dados exige aprofundamento e novas interpretações, sobretudo porque demonstra deslocamentos importantes em relação à hegemonia católica registrada historicamente. Os pesquisadores do ISER observam que, diferentemente de períodos anteriores, as limitações ou constrangimentos às declarações públicas de identidade religiosa são hoje pouco significativos, o que amplia a possibilidade de autorreconhecimento e contribui para a visibilidade da diversidade existente no país.

A leitura dos resultados nacionais do Censo 2022 indica um campo religioso em processo de mudança, no qual convivem permanências históricas e redistribuições internas que alteram a composição dos pertencimentos. As análises

iniciais sugerem a necessidade de aprofundamento para compreender como essas variações se relacionam com dinâmicas sociais, culturais e demográficas observadas no país. A ampliação das possibilidades de autorreconhecimento religioso também aumenta a visibilidade de formas distintas de identificação, o que reforça a relevância de examinar essas informações em diferentes escalas de observação.

Nesse quadro, o estudo de contextos municipais torna-se importante para identificar como tendências nacionais se manifestam em situações específicas. O tópico seguinte focaliza o caso de Poços de Caldas, possibilitando observar expressões locais dessas transformações e analisar particularidades que compõem a configuração religiosa do município.

Os resultados do Censo 2022 referentes à declaração de pertença religiosa em Poços de Caldas/MG indicam mudanças importantes na composição local. O levantamento registra redução do número de católicos e crescimento dos grupos evangélicos e espíritas, evidenciando rearranjos semelhantes aos observados no cenário nacional. Esses dados permitem acompanhar como tendências amplas se manifestam no contexto municipal e contribuem para compreender a configuração religiosa atual do município.

A Tabela 1 apresenta a comparação entre os números do Censo 2022 e os do censo anterior, destacando variações percentuais entre os principais grupos religiosos. Essa visualização auxilia na identificação das transformações ocorridas na última década e oferece um quadro sintético das dinâmicas de adesão e redistribuição das tradições religiosas em Poços de Caldas.

Quando comparados com os dados nacionais, os resultados de Poços de Caldas/MG apresentam variações próprias, embora mantenham tendências gerais observadas no país. A redução do número de católicos no município foi menos acentuada do que a registrada no conjunto nacional. Entre os evangélicos, também se observa crescimento, porém em ritmo ligeiramente inferior ao índice nacional. Em sentido contrário, o percentual de espíritas em Poços de Caldas supera a média do país em 0,67%, enquanto as religiões de matriz africana registram aumento, embora em proporção levemente menor do que a tendência nacional.

Tabela 1 - Declaração de pertença religiosa em Poços de Caldas – Censo 2022/2010

Religião	Censo 2022	Censo 2010
Católica	60,11%	65,98%
Evangélica	26,3 %	23,10%
Espíritas	2,47%	2,30%
Umbanda e Candomblé	1,02%	0,20%
Tradições indígenas	0,01%	
Outras religiões	4,05%	8,25%
Sem religião	5,82%	
Não sabe	0,01%	
Sem declaração	0,14%	

Fonte: elaborada pela autora com base no Censo 2022/2010.

A Tabela 2 apresenta esses dados de forma comparativa, reunindo, lado a lado, os percentuais nacionais e os resultados obtidos para o município, possibilitando visualizar as aproximações e diferenças entre as duas escalas e contribuindo para a compreensão de como o cenário religioso local se insere no conjunto das transformações observadas no Brasil.

Os dados do Censo 2022 indicam que Poços de Caldas apresenta predominância de católicos, seguida pelos grupos evangélico e espírita. Observa-se também que 5,82% da população se declara sem religião, percentual 3,48% inferior ao índice nacional, o que diferencia o município com relação ao cenário mais amplo. Essa distribuição mostra aproximações com o quadro brasileiro, mas revela especificidades locais na composição dos pertencimentos religiosos.

No grupo “outras religiões”, o censo agrega praticantes de judaísmo, islamismo, hinduísmo, budismo, catolicismo ortodoxo, Testemunhas de Jeová, entre outras tradições. Já no conjunto “sem religião” estão incluídos ateus, agnósticos e pessoas que afirmam ter fé, porém não se vinculam a instituições religiosas. Essa classificação amplia o escopo das categorias utilizadas e ajuda a compreender a diversidade de formas de identificação captadas pelo IBGE.

Tabela 2 - Dados comparativos – Censo 2022 Brasil – Poços de Caldas/MG

Religião	Censo 2022 Brasil	Censo 2022 Poços de Caldas/MG
Católica	56,7%	60,11%
Evangélica	26,9%	26,3%
Espírita	1,8%	2,47%
Umbanda e Candomblé	1,1%	1,02%
Tradições indígenas		0,01%
Outras religiões	4,2%	4,05%
Sem religião	9,3%	5,82%
Não sabe		0,01%
Sem declaração		0,14%

Fonte: elaborada pelo autor com base no Censo 2022.

A realização do Censo 2022 sofreu alterações no cronograma em função da pandemia, de restrições orçamentárias ocorridas no período anterior e da redução de pessoal enfrentada pelo IBGE. Esses fatores contribuíram para o atraso na divulgação dos resultados, especialmente quando comparados com os do Censo 2010. Parte dos dados desagregados permanece em elaboração, o que limita, por ora, análises mais detalhadas.

As informações fornecidas pelo censo dialogam com o mapeamento religioso realizado em Poços de Caldas entre 2017 e 2018, embora haja diferenças decorrentes das categorias utilizadas. O levantamento municipal seguiu a classificação do censo anterior, o que produz lacunas quando em comparação com os dados mais recentes. Mesmo assim, ambos os instrumentos oferecem elementos para compreender a configuração religiosa local e suas transformações ao longo da última década.

2 GEOGRAFIA E RELIGIÃO

2.1 Geografia da religião

Em seu trabalho intitulado “O papel da Nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana”, Claval (2001) situa o papel da abordagem cultural na geografia humana. O autor aponta que os trabalhos desenvolvidos pela geografia cultural na primeira metade do século XX são “apaixonantes”, porém limitados. Com a modernização da geografia cultural, geógrafos como Eugen Wirth, na Alemanha, ou Xavier de Planhol, na França, observam que o comportamento humano não é universal e que está relacionado com as suas crenças filosóficas ou religiosas (Claval, 2001).

Um exemplo interessante dado por Max Weber é lembrado por Claval (2001) para exemplificar o entendimento dos geógrafos lembrados previamente. Refere-se aos empreendedores protestantes cujo sucesso material é interpretado como sendo uma graça divina, não sendo movido pela utilidade que podem ter nem pela preocupação de maximizar seus rendimentos (Claval, 2001 p.37). O autor lembra que, a partir do início da década de 1970, os estudos culturais realizados por geógrafos passaram por mudanças, originando a constatação “de que as realidades que refletem a organização social do mundo, a vida dos grupos humanos e suas atividades jamais são puramente materiais” (Claval, 2001, p. 39), e sim frutos de processos cognitivos, atividades mentais, troca de informação e de ideias, ou seja, as relações dos homens com o ambiente e com o espaço têm dimensões sociopsicológica e psicológica originadas das percepções e sensações experimentadas pelas pessoas por meio de práticas e habilidades não verbalizadas, mas oriundas da mente e estruturadas pelas crenças, preferências e conhecimentos.

Com isso, a geografia humana, segundo o autor, ganha em “profundidade”, ou seja, os estudos ganham uma nova dimensão de análise, passando da descrição do espaço e da paisagem, diferenciando regiões, à compreensão de como a vida das pessoas e grupos se organiza e se reflete, marcando o espaço.

A visão geográfica se enriquece, passando da tipologia das paisagens para a “dialética das relações sociais no espaço, com sua ligação ao meio ambiente e ao

papel complexo das paisagens, ao mesmo tempo suportes e matrizes culturais” (Claval, 2001, p. 41).

Na geografia humana, tem-se a geografia cultural, e, em um de seus ramos, está a geografia da religião, que, para Fickeler (2008), fica a cargo das investigações científicas das relações da geografia com a religião. O autor destaca a inter-relação existente entre ciências da religião e geografia da religião, em que ambas colaboram para a investigação científica referente a ações do ambiente, paisagem, povo e tradições religiosas. Enquanto a geografia subsidia informações detalhadas referentes a paisagem e regiões, por exemplo, a ciência da religião e outras ciências culturais contribuem com informações sobre as tradições religiosas que influenciam, relacionam-se ou interferem na paisagem, num país, na tradição de um povo (Fickeler, 2008).

Nesse contexto, é interessante observar que o termo geografia da religião, segundo Park (1994), foi usado pela primeira vez pelo geógrafo e pastor luterano Gottlieb Kasche, em 1795, em sua publicação *Ideas about Religious Geography*.

Uma lembrança interessante feita por Fickeler é o esforço crescente em trabalhos cujo foco é o fenômeno religioso, sendo avaliado na Ásia por intermédio da geografia regional; porém ele nota falhas no conteúdo e no método. Uma observação feita por ele em seu trabalho de 1999 merece destaque:

Religião e Geografia parecem, em princípio, ter pouquíssimos pontos de contato, o que também é reforçado pela forte concepção de que o ‘reino de Deus está no meio de vós’ (Lucas 17:21). Mas já que todas as religiões criaram, no curso de seu desenvolvimento, um *cultus* mais ou menos manifesto, sendo o mesmo espacial e temporalmente perceptível através de eventos mágicos ou simbólicos, de objetos e comportamentos, os fenômenos religiosos aparecem em relação real com a superfície terrestre, podendo ser, portanto, estudados geograficamente. A investigação e a exposição das relações entre religião e geografia é a tarefa científica da geografia da religião que forma, assim, um ramo da geografia cultural (Fickeler, 1999, p. 7).

A consolidação da geografia da religião se dá no século XX, segundo Pereira (2013), com a modernidade, porém não é uma nova área de estudos religiosos. Para o autor, geografia e religião atuam em diversas dimensões comuns da vida humana. Ao citar Gil Filho (2007), Pereira destaca a relação do homem com o meio, que é marcada na terra por meio de seus sentidos de realidades naturais e sobrenaturais, mediante a transformação do *homo faber sapiens* em *homo religiosus*. Ainda com Gil Filho, Pereira

sugere que parte da geografia humana estude o homem pela perspectiva da influência da religião, numa geografia das religiões (Pereira, 2013).

A pesquisadora Rosendahl vem trabalhando na construção de conceitos e análises da religião na perspectiva geográfica desde 1989, um grande desafio para possibilitar uma base teórica geográfica do estudo do profano e do sagrado. Esse relato ela mesma faz no artigo publicado em 2013 na obra intitulada *Geografia cultural: uma antologia* – Volume II, que organizou juntamente com o geógrafo Roberto Lobato Corrêa. Para ela, não existe sociedade resignada “em não dar sentido à sua existência” (Rosendahl; Corrêa, 2013, p. 103).

Rosendahl (2005), em consonância com Park (1994), também afirma que o termo geografia da religião foi usado por Gottlieb Kasche, em 1795, pela primeira vez, numa publicação alemã, e que durante os séculos XVIII e XIX os geógrafos dedicavam a geografia histórica aos tempos bíblicos. Para a geografia, o interesse pelo estudo do tema religião tem destaque nos trabalhos dos autores Paul Fickeler, 1947; Pierre Deffontainer, 1948; Maxmilien Sorre, 1957; e Sopher 1967 (Rosendahl, 2005).

Com base nos estudos de Mircea Eliade, Rosedahl (2005) diz que o fenômeno religioso requer análises sobre suas relações com o homem e o território, sendo este analisado sob dois aspectos: o sagrado e o profano. A autora aponta, ainda, que religião, como objeto de estudo, faz-se presente em diversas áreas do conhecimento, como História, Sociologia, Antropologia e Geografia.

Mircea Eliade (1957), conforme destacado por Gil Filho (2012), foi um historiador romeno de grande influência na História e Filosofia da Religião. Sua contribuição notável reside nas análises simbólicas das religiões e na exploração da dialética entre o profano e o sagrado. A obra seminal *Le Sacré Et Le Profane*, publicada originalmente em 1957, constitui uma referência indispensável para pesquisas sobre o tema da religião, cuja primeira edição traduzida no Brasil data de 1992 (Gil Filho, 2012).

Um levantamento a respeito da relação entre geografia e religião, realizado por Rosedahl (2005), elencou pesquisadores importantes que trabalharam na área ou são referências em estudos no campo. Nesse sentido, o Quadro 3 apresenta esses pesquisadores, de forma cronológica, e aponta as principais abordagens correspondentes.

Quadro 3 - Pesquisadores desde o século XX até os dias atuais

Pesquisador	Ano	Temas abordados
Paul Fickeler	1947	Estudos de questões fundamentais na geografia da religião com a publicação <i>Geografia das Religiões</i>
Pierre Deffontainer	1948	Investigou as relações entre as culturas e suas representações religiosas no espaço: igrejas, cemitérios etc.
Maxmilien Sorre	1957	Estudos da atividade religiosa no espaço social
David Sopher	1967	Análise dos fenômenos religiosos e suas interações espaciais inspirada pela geografia cultural da Escola de Berkeley
R. King	1972	Estudo da organização espacial e peregrinação islâmica
Claude Raffestin	1980	Aborda o fenômeno religioso com a política. Religião e poder; chama a atenção para a expansão do islamismo
H. Tanaka	1981	Análise da peregrinação budista na ilha de Shikoku, Japão
Gilbert Rinschede	1985	Estudos das convergências dos fiéis e a vivência no sagrado
Wunenburger	1996	Estudos da vivência no sagrado
Mircea Eliade	1991, 1962, 1959	Traz o conceito de sagrado e profano, considerado a essência da religião
Rosendhal	1999, 1997, 1996, 2001, 2003.	Estudos da fé católica no contexto político-religioso para o entendimento no território brasileiro
Paul Claval	1997, 1992	Religião na geografia, representação na paisagem e no espaço social
Lily Kong	1990	Revisão sobre o tema
Sylvio Fausto Gil Filho	1998 a 2007	Estudos da geografia da religião e da história da religião

Fonte: elaborado pela autora, adaptado de Rosendhal (2005).

A inclusão do professor e pesquisador Sylvio Fausto Gil Filho nessa lista se dá pela sua importante contribuição nos estudos em geografia da religião.

Os estudos preliminares de Rosendahl (1996) sobre a abordagem geográfica de espaço e religião observa a pouca investigação do tema religião pelos geógrafos brasileiros, porém o interesse pelo assunto tem aumentado entre os cientistas sociais.

Na Sociologia, a autora lembre que o tema aparece no pensamento de Émile Durkheim, em 1968 e Max Weber em 1964; na Psicologia, têm-se a psicologia da religião, lembrada por Rosendahl, nas abordagens freudiana e na junguiana, que, respectivamente, tratam do caráter ilusório da religião e dos sonhos, fantasias, mitos e símbolos.

O pesquisador de estudos religiosos e história Daniel L. Pals, (2019), da Universidade de Miami/EUA, produziu uma obra, com, a princípio sete teorias da religião. Na primeira edição, com os teóricos clássicos, apresenta as teorias de maneira concisa e acessível, ou seja, numa linguagem não especializada, porém importante para o estudo sobre religião. Além disso, é feita uma análise crítica de cada teoria.

Para a segunda edição da obra, o editor da Oxford responsável pela publicação, Robert Miller, sugeriu acrescentar mais dois teóricos, e, na terceira edição, mais um teórico foi acrescentado. O resultado foi uma obra com nove teorias da religião, publicada em 2015 em inglês e, no Brasil, em 2018.

Os clássicos e suas teorias da religião analisados por Pals são: E. B. Tylor, J. G. Frazer, Sigmund Freud, Émile Durkheim, Karl Marx, Max Weber, William James, Mircea Eliade, E. E. Evans-Pritchard e Clifford Geertz. Na conclusão deste trabalho, destaca-se o parágrafo referente à orientação humanista dos teóricos apresentados: “A teoria humanista assume que a atividade religiosa é, sobretudo, uma atividade humana governada principalmente por ideias, intenções e emoção, como em outras iniciativas humanas” (Pals, 2019, p. 359).

Rosendahl (1996) acrescenta que religião e geografia são práticas em que o homem, sem seu saber, fez geografia; e religião sempre fez parte da vida do homem. Esta observação indica que geografia e religião, para a autora, estão ligadas na dimensão espacial, porque a geografia analisa o espaço e a religião ocorre espacialmente como um fenômeno cultural.

A relevância dos estudos de Rosendahl reside na sua construção teórica sobre o sagrado na perspectiva da Geografia. Para tal empreendimento, a autora

estabelece um diálogo fundamental com as obras de Mircea Eliade (1959; 1962), especialmente no que concerne à formação do espaço sagrado – um recurso teórico também utilizado pelo geógrafo Yi-Fu Tuan na década de 1970.

Inicialmente, a organização da geografia da religião ocorre por intermédio dos historiadores da Igreja, com estudos de geografia bíblica, cujos parâmetros eram teológicos, e não geográficos, e a abordagem do fenômeno religioso na geografia era descritiva e considerada um substrato da história religiosa, segundo os levantamentos de Gil Filho (2012).

Na abordagem geográfica referente à religião, Gil Filho (2012) faz distinção entre duas abordagens: geografia religiosa e geografia da religião, em que uma aborda a percepção do homem sobre o mundo e a humanidade e a outra analisa os múltiplos efeitos relacionados entre a religião e a sociedade, a cultura e o ambiente, respectivamente.

No tocante à geografia da religião, segundo Tweed e Cruz (2022), é um campo “emergente nos estudos na França, Alemanha e Grã-Bretanha”. O autor destaca o finlandês Veikko Anttonen e o britânico Kim Knott, que têm importantes contribuições com estudos sobre religião europeia e as análises da dinâmica espacial da religião desde meados de 1990. Segundo ele, porém, em ciências da religião, a geografia da religião ainda não é uma área de estudo distinto (Tweed; Cruz, 2022).

No Brasil, a temática religião, segundo Rosendahl (1996), é pouco pesquisada e investigada por geógrafos, no entanto de interesse maior entre os cientistas sociais. A resposta a esse desinteresse, segundo Corrêa no prefácio da obra de Rosendahl (1996), é decorrente da pouca importância que os geógrafos dão à cultura de modo geral – lembrando que a geografia da religião se encontra vinculada à geografia cultural como uma subárea.

Oliveira (2012) lembra que a geografia cultural surgiu na Europa no final do século XIX, destacando-se os países França e Alemanha. Na década de 1920, ocorreu o deslocamento da geografia cultural para os Estados Unidos por meio dos trabalhos desenvolvidos pelo pesquisador Carl Ortwin Sauer, que fundou a Escola de Berkeley, cujos estudos se desenvolvem com temas como cultura, paisagem cultural, história da cultura, ecologia cultural e área cultural. Esses temas possibilitam, segundo a geografia cultural saueriana, compreender geograficamente a realidade, partindo de um aspecto cultural, como, por exemplo, a religião que se desenvolve numa cidade e

transforma a paisagem por intermédio de seus templos. Essa escola influenciou estudos da década de 1960 sobre geografia da religião, sendo o geógrafo David Sopher o principal destaque com a publicação de seu trabalho intitulado “Geographie of Religions”, publicado em 1967 (De Oliveira, 2012).

Estudos da religião ganharam expressão na geografia nas três últimas décadas do século XX, lembra Oliveira (2012). O trabalho precursor da geografia da religião no Brasil é de Maria Cecília França, de 1972, com um estudo religioso-geográfico apresentado em sua tese de doutorado referente ao catolicismo no país, avaliando a devoção a Bom Jesus da Cana Verde em pequenas cidades do interior paulista.

No Brasil, os estudos da geografia da religião têm destaque em dois grupos de pesquisa, um pertencente ao Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura (NEPEC), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, criado e coordenado pela geógrafa Zeny Rosendahl, cujas pesquisas se direcionam às relações entre espaço e religião na perspectiva geográfica do sagrado e do profano de Mircea Eliade, e outro do departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná, liderado pelo geógrafo Sylvio Fausto Gil Filho.

2.2 Território e territorialidade

O território é resistente e sua resistência depende da maneira como ele é visto a partir do seu uso... (Milton Santos)

Milton Santos, em sua palestra na Universidade do Vale do Itajaí, apresentou uma reflexão sobre o território como um lugar de todos; ele não é uma categoria de análise, é mais que isso, pois inclui os homens, o que o torna dinâmico. Incluir o território numa análise deve-se considerá-lo como a base de vida (Provesi; Pereira, 2008).

Nesse sentido, identificar no território a diversidade religiosa e percebê-la no tempo e no espaço possibilita entender o dinamismo local, visto que o território não é, em si, excludente, mas a economia, sim, é excludente, como bem expressa Milton Santos em sua palestra.

Na maioria das obras de Milton Santos, segundo Queiroz (2014), o conceito de território usado é fundamentado em Claude Raffestin, que compreende território

como um conjunto de sistemas de objetos e ações, também formado por diferentes territorialidades. Além disso, para Raffestin, o território é formado por superfícies, linhas e pontos em que, respectivamente, são estruturas econômicas, culturais e políticas, as redes e os lugares (Queiroz, 2014).

Ferreira adverte que o termo território e seu uso advêm das ciências da natureza, a partir dos estudos relacionados com a Etologia, a Biologia e a Zoologia, e não originalmente das ciências humanas. No final do século XIX, no contexto do expansionismo imperialista europeu e do processo de desenvolvimento dos estados nacionais, Friedrich Ratzel foi um dos precursores do uso do termo território junto com a ideia de “espaço vital” (Ferreira, 2014).

Com o processo de renovação do pensamento geográfico, ocorrido a partir das décadas de 1960-1970, segundo Saquet citado por Ferreira (2014), o conceito de território ganha uma leitura renovada, dinâmica, sistêmica, atualizada.

Cabe ressaltar as considerações de Saquet de que existem diferentes maneiras de compreender o território; de acordo com o método científico e filosófico de cada pesquisador, podem ser abordagens conservadoras ou críticas.

Para o autor, território é o resultado de territorialização, ou seja, o homem, por meio das suas atividades cotidianas, territorializa-se, constitui um lugar de vida. E todas as relações diárias que se realizam, como materiais ou imateriais no trabalho, na família, na igreja, no comércio, na escola, originam as territorialidades que constituem o território de vida de um grupo social ou de cada pessoa num determinado espaço geográfico.

Os pesquisadores Sposito e Saquet realizaram um interessante levantamento bibliográfico referente ao uso do conceito de território, como ele aparece nos estudos urbanos na geografia brasileira, levando em consideração autores que usam o conceito como referência fundamental nos seus estudos. Em síntese, a pesquisa aponta que o conceito de território na cidade parte das relações de poder e tem caráter instrumental, mesmo compartilhando sua importância com os conceitos de lugar e espaço. O enfoque é para as microterritorialidade, em vez de para território na dimensão da cidade; independente do seu tamanho, não aparece como uma construção conceitual específica, e sim como um “contraponto com os conceitos de lugar ou espaço” (Sposito; Saquet, 2016, p. 108). Na maioria dos estudos analisados o conceito de território se completa com o conceito de territorialidade.

Outra observação relevante foi que os autores analisados se reportam aos mesmos autores estrangeiros, principalmente Claude Raffestin e Robert Sack, e aos brasileiros, Marcelo Lopes de Souza, Rogério Haesbaert e Marcos Saquet.

Outro levantamento interessante e que merece destaque foi realizado por Martins e Chagas (2021) sobre território, territorialização e territorialidade das cidades. Os autores apresentam uma investigação teórica da articulação da territorialização, sendo esse o processo de apropriação e dominação concreta ou simbólica, com territorialidade, pertencimento e identificação materiais ou simbólicas das pessoas com o território. Desse estudo, destaca-se, no quadro teórico levantado, que o conceito de território relacionado com a dimensão cultural se dá por do meio do significado, sendo territorialização a representação e o simbolismo do território para os atores sociais e territorialidade, a identificação dos atores sociais com o território, controle simbólico por meio da identidade (Martins; Chagas, 2021).

A conclusão da investigação realizada pelos autores destaca que “as cidades passam a ter verdadeiros territórios, em diferentes escalas, através da apropriação e dominação dos espaços urbanos” (Martins; Chagas, 2021, p. 322).

No trabalho intitulado “O território em tempos de globalização”, Haesbaert e Limonad (1999) refletem a respeito do nascimento do território. Para eles, o homem nasce com o território no instante em que toma consciência dele, e este nasce com a civilização. É no território que as relações de poder são mediadas (Haesbaert; Limonad, 1999).

Para esses autores, a noção de território deve partir primeiramente da sua distinção de espaço geográfico. Território é uma construção histórica, social e cujas dimensões são subjetivas e objetivas.⁶ Além disso, eles afirmam que a noção de território parte de três pressupostos, sendo o primeiro a necessidade de distinguir território de espaço geográfico; segundo, o território é uma construção histórica, social, que parte das relações de poder concreto e simbólico; e, terceiro, o território tem tanto dimensão mais subjetiva quanto mais objetiva, sendo a primeira relacionada com a identidade territorial e a segunda, com a dominação do espaço que ocorre com as ações político-econômicas.

⁶ Dimensão subjetiva quando o homem toma consciência do espaço em que está inserido, e objetiva no momento em que cerca este espaço.

Em suma, o território é sempre apropriação e domínio de um espaço socialmente compartilhado (Haesbaert; Limonad, 1999).

Para Rosendahl, território é o espaço apropriado efetiva ou afetivamente, e territorialidade “significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituição ou grupos, no sentido de controlar um dado território” (Rosendahl, 1995, p. 59). É neste contexto geográfico, como uma estratégia poderosa de controle de coisas e pessoas, que a religião se estrutura enquanto instituição, criando seus territórios.

Estudos sobre o sagrado e sua dimensão espacial destacam que “o território é um importante instrumento de exercício da fé e da identidade religiosa” e que, na geografia cultural, a religião é considerada um tipo de hierocracia: “que se manifesta espacialmente por uma organização territorial” (Corrêa; Rosendahl, 2012).

No que tange à organização territorial religiosa, ela ocorre por meio de territórios demarcados, templos físicos, cujo acesso é controlado por um profissional religioso, ou por territórios abrangentes, com várias unidades ligadas a uma matriz, ou, ainda, por territórios inteiros, de uma igreja, dinâmico e móvel no espaço, sendo que os espaços religiosos mudam com o passar do tempo (Rosendahl, 2005).

As dinâmicas territoriais de manifestações religiosas se diferem. O trabalho de Júnior e Oliveira, referente às igrejas pentecostais, destaca que sua atuação no espaço é descentralizada e móvel, conforme o aumento de fiéis ou por motivos diversos (Júnior; De Oliveira, 2016).

Uma observação importante foi percebida durante a pesquisa. Após o período da pandemia, houve a mobilidade e o fechamento de alguns templos neopentecostais na cidade de Poços de Caldas/MG, cujo aluguel não pôde ser mantido pela arrecadação obtida dos fiéis, que deixaram de frequentar os cultos por determinação sanitária.

Quando se observam o espaço urbano e sua estrutura estabelecida, notamos que templos religiosos e algumas manifestações religiosas encontram-se fisicamente, como se estivessem em rede, e outros, pontuais e espalhados estrategicamente, demarcando sua territorialidade. No mapeamento realizado, é possível constatar isso. As manifestações neopentecostais “pipocam” no núcleo urbano sem uma delimitação física capaz de destacar sua presença, porém, quando se observam os templos católicos, metodistas ou batistas, tanto sua arquitetura

quanto sua presença marcam o espaço público e delimitam áreas em seu entorno. As igrejas católicas, em sua maioria, destacam-se na paisagem urbana.

Trabalho de Rosendahl (1995) sobre territorialidade no contexto religioso e o fenômeno do pentecostalismo mostra a territorialidade ocorrendo de forma “fugaz” e informal, não limitada a uma estrutura territorial perene e formal, como acontece com o catolicismo, que espacialmente se encontra definido.

O mapeamento da cidade de Poços de Caldas identifica e corrobora essa afirmação, em que as igrejas católicas se encontram espacialmente fixas e bem delimitadas, enquanto as pentecostais estão distribuídas sem uma uniformidade aparente e fixadas, muitas vezes, no meio de um quarteirão comercial. A exceção desse fato ocorre com a primeira igreja católica de Poços de Caldas,⁷ cujo entorno se consolidou com áreas comerciais sem ao menos terem deixado um espaçamento entre ela e seus vizinhos, porém é um lugar fixo e contém muita história.

A Figura 5 ilustra como ocorre essa espacialização informal, mostrando a sede de uma Igreja Internacional da Graça de Deus, localizada na rua Prefeito Chagas, num quarteirão comercial do Centro da cidade de Poços de Caldas/MG.

Figura 5 - Igreja Internacional da Graça de Deus



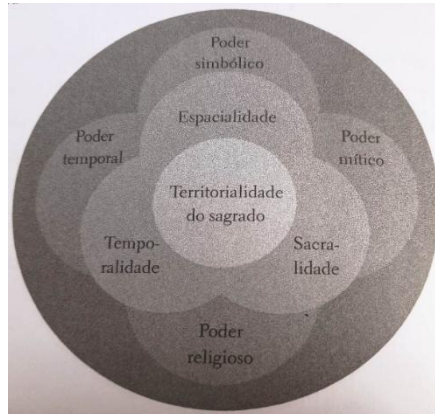
Fonte: arquivo pessoal

No que tange à territorialidade do sagrado, Gil Filho (2002) indica que é uma categoria de análise da religião, do sagrado, que pressupõe sacralidade, ou seja,

⁷ Igreja de Santo Antônio, localizada na rua São Paulo, entre as ruas Assis Figueiredo e Pedro Sanches.

condição de ser sagrado; poder religioso, mítico; temporalidade, poder temporal; e espacialidade, poder simbólico (Figura 6).

Figura 6 - Territorialidade do sagrado



Fonte: Gil Filho, 2002, p. 96.

Observa-se, na representação da Figura 6, que espacialidade, sacralidade e temporalidade são, segundo Gil Filho (2002), pressupostos principais qualitativos da territorialidade.

No contexto da discussão teórica da geografia da religião, a territorialidade da religião pode ser vista como forma simbólica do mundo do poder dentro de uma dialética da sua unidade de propósito de caráter funcional e da sua diversidade nas expressões e representações do poder (Gil Filho, 2002, p. 98).

As estruturas das territorialidades religiosas no espaço urbano contemporâneo, segundo Gil Filho (2002), caracterizam-se pela densidade acentuada de espaços de representações das instituições religiosas e são representadas na paisagem pelos templos, santuários, estruturas de gestão e de ação social.

O templo representa o marco do espaço construído e de significação simbólica da presença do sagrado, o qual representa a separação e o caráter de inviolabilidade....as religiões normatizam a manipulação e o acesso aos espaços sagrados (Gil Filho, 2002, p. 101).

Mapear os templos no núcleo urbano descortinou a diversidade das manifestações religiosas existentes na cidade de Poços de Caldas, bem como possibilitou visualizar a concentração no centro urbano, comprovando a afirmação de Gil Filho sobre a territorialidade no espaço urbano contemporâneo.

Cabe a observação de Rosendahl (2005) em que “o conhecimento da religião como um sistema de símbolos sagrados e seus valores, envolvendo a produção, o consumo, o poder, as localidades (...) o território está presente em todas estas dimensões” (Rosendahl, 2005).

Os estudos de Rosendahl referentes à Igreja Católica Romana no Brasil resultaram na identificação do território em rede e sua pluralidade. Interessante a constatação observada da diferenciação espacial das igrejas católicas cuja territorialidade é formal e perene, por meio das paróquias, dioceses, pertencentes a uma rede hierárquica e permanente, diferentemente do pentecostalismo, cuja estrutura espacial ocorre de maneira informal e fugaz. O mapeamento realizado na cidade de Poços de Caldas corrobora essas observações.

2.3 O espaço e a paisagem urbana

É importante, para o entendimento desta pesquisa, discorrer sobre o espaço e a paisagem no ambiente urbano.

É possível considerar a existência de divergências entre as leituras geográficas a respeito da paisagem, contudo, como aponta Panizza (2014), o dissenso está “mais no método de estudo do que na definição do conceito, pois os aspectos cronológicos e os aspectos fisionômicos continuam em pauta” (Panizza, 2014, p. 26).

A construção do conceito de paisagem adquiriu vários significados ao longo do tempo e recebeu noções advindas da pintura e da cartografia, como possibilidade de contemplação e experiência estética – “paisagem mundo”. Passou da “simples análise dos componentes físicos que a compõem à inserção do homem”, até passar a considerar as interações espaciais entre unidades culturais e naturais (Simões; Moura, 2010, p. 185).

Para Milton Santos: “O espaço é o resultado da soma e da síntese sempre refeita, da paisagem com a sociedade, através da espacialidade. A paisagem tem permanência e a espacialidade é um momento. A paisagem é coisa, a espacialidade é funcional e o espaço é estrutural” (Santos, 1988, p.73).

Para Seemann:

O espaço, (...), deve ser compreendido não como categoria estanque (“tudo é espaço”), mas através de categorias Geográficas menos vagas e mais “sensíveis” como lugar, paisagem e território, que estão estreitamente ligadas a memória e também à identidade (Seemann, 2002, p. 45).

No tocante à paisagem, ressaltamos a afirmação de Claval (2004) em que “o papel do geógrafo que analisa a paisagem é multiplicar os pontos de vista, olhar o relevo de perto e de longe, desde a base das cadeias e desde seus picos, e construir, a partir daí, uma imagem da região que analisa” (Claval, 2004, p. 19).

Com esse pensamento, Claval, durante uma observação de campo nas colinas da Judeia, na estrada entre Tel Aviv e Jerusalém, visualizou edificações de uma aldeia considerada mais importante do que o *kibutz* em que morava a geógrafa israelense que o acompanhava. Observando as escolas dessa aldeia, perguntou à geógrafa se as crianças do *kibutz* frequentavam aquelas escolas, e a resposta foi seca e direta: “claro que não”. A explicação dada foi que o povoado da aldeia em questão era de judeus norte-africanos, e o povoado do *kibutz* era originário da África do Sul, mais liberal. Ela afirma que “Israel tornou-se terra de guetos”; são todos judeus, porém educam as crianças “dentro dos princípios” que cada grupo escolhe. No caso desse *kibutz* no qual ela vive, as crianças frequentam escolas da rede de *kibutz* liberais, localizada a 40 km dali, ou seja, as crianças percorrem essa distância diariamente para estudar (Claval, 2004).

Desde diálogo, Claval faz duas observações relevantes; a primeira é que o Estado de Israel coordena uma pluralidade de comunidades e que o mapa pode nos remeter a enganos. Ele diz que “o mapa mente: os contatos não se estabelecem de forma nenhuma na escala dos lugares centrais mais próximos, cada pessoa circula em rede(s) que lhe é(são) própria(s) e frequentam os pontos de contato dos quais tem necessidade”, o que resulta no limite de leitura funcional da paisagem, pois “nem sempre a realidade visível esclarece sobre aquilo que realmente acontece... a descrição das paisagens evidencia a variedade das formas associadas à atividade humana” (Claval, 2004, p. 40) e os geógrafos sensíveis à dimensão cultural observam sinais na paisagem como as igrejas, cruzeiros ao longo de um caminho, pequenas capelas, como um sinal de reconhecimento e pertença de identidade local. Um exemplo dado pelo autor são as cidades muçulmanas, cuja mesquita e a concentração do comércio nos *souks*⁸ são elementos em destaque e específicos.

⁸ Mercados.

Nesse contexto, vale lembrar que o foco da pesquisa é a cidade de Poços de Caldas, localizada no sul do estado de Minas Gerais, portanto é preciso entender o espaço urbano, que, para Corrêa (1989), além de ser fragmentado e articulado, ele é o reflexo e condicionante social, campo de lutas, bem como um conjunto de símbolos. Além disso, para o autor, o espaço urbano apresenta diferentes usos, e cada um deles pode ser observado como uma forma espacial. Outra afirmação relevante é de que a terra urbana tem duplo papel; em princípio, um seria o suporte físico e, o outro, “o de expressar diferencialmente requisitos locacionais específicos às atividades” (Corrêa, 1989 p. 13).

No que tange à cidade e à religião, pode-se citar Rolnik (1988), quando se refere à cidade como um imã, em que os templos⁹ aparecem nas planícies da Mesopotâmia, por volta do terceiro milênio antes da era cristã, e formam os primeiros embriões de cidade, como um local cerimonial. E Rosendahl destaca que “a religião, qualquer que seja a vertente explicativa que se adote, desempenhou um papel fundamental no aparecimento da cidade” e no seu desenvolvimento (Rosendahl, 1995, p. 45).

As cidades contemporâneas não estão desvinculadas do sagrado. Mesmo as consideradas cosmopolitas e tecnológicas contêm vínculos sagrados, símbolos e marcas da presença de manifestações religiosas de diferentes matizes.

Atualmente verifica-se uma intensa influência da matriz neopentecostal na política brasileira, com objetivo e direcionamento orquestrado para que pastores ocupem cadeiras no Legislativo das três instâncias governamentais, ou seja, nas cidades, nos estados e no Congresso Nacional. O trabalho de pesquisa de conclusão de curso de Márcia Cabo,¹⁰ defendido em 28 de novembro de 2017, mostra como esse processo ocorre no município de Poços de Caldas. Ela relata que a política da igreja, a qual ela frequentava, segue orientações de uma hierarquia existente na organização cuja meta é ocupar cadeiras na câmara municipal, e, para garantir a vaga, pastores são orientados a fazer a campanha política dentro da igreja para candidatos a pastores, previamente definidos pela igreja, e indicam aos fiéis em qual candidato devem votar. É possível verificar o mesmo processo em outras cidades

⁹ Denominados zigurates.

¹⁰ CABO, M. **Uma análise do perfil das vereadoras eleitas nos pleitos de 2012 e 2016, município de Poços de Caldas/MG**. Monografia (Curso de Administração) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Poços de Caldas, Minas Gerais, 2017.

brasileiras. A Figura 7 mostra o crescimento de candidatos que usaram a denominação religiosa para se identificar nas eleições municipais de 2024 e foram eleitos. Houve um pequeno aumento em relação ao pleito de 2020.

Figura 7 - Resultado das eleições municipais de 2024



Fonte: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-024/noticia/2024/10/09/puxado-pelo-pl-cresce-o-numero-de-policiais-e-pastores-eleitos-no-pais.ghtml>.

Levantamento não oficial realizado para as eleições municipais de 2024 previa um aumento significativo de pastores eleitos para cargos no legislativo municipal. Para a cidade de Poços de Caldas, a previsão era de sete das 15 cadeiras do Legislativo compostas de pastores evangélicos, o que não ocorreu, já que apenas uma pastora que usou o identificador religioso naquelas eleições foi eleita. Uma observação relevante é que a Igreja Quadrangular indica um pastor para se eleger como vereador e o mesmo pode ser reeleito uma só vez, pois a indicação da Igreja é que troque por outro pastor ou pastora após duas legislaturas.

Além de indicação política, o conservadorismo religioso está presente no Brasil e identificado na obra do historiador norte-americano Benjamin A. Cowan, lançada em 2021. Em entrevista a Glenda Mezarobba, publicada na *Revista FAPESP* de julho de 2021, ele relata como o poder dos evangélicos chegou à atual configuração. Para o historiador, “o triunfo dos conservadores tem a ver com sua cooperação com a ditadura e com ligação com grupos transnacionais, de outros países” (p. 82).

Segundo ele, a trajetória do conservadorismo no século XXI se dá com a união de brasileiros, norte-americanos, católicos, protestantes, conservadores

seculares, oportunistas autoritários, entre outros. Esse grupo estabeleceu uma pauta de atuação e trabalho em rede, com temas identitários e, segundo sua pesquisa em arquivos religiosos feita no Brasil, nos Estados Unidos e na Itália, identificou-se que temas como aborto são “capaz[es] de aglutinar muita gente” (p. 82).

A pesquisa desenvolvida por Cowan descobriu a ligação do pastor radicalmente conservador americano Carl Mc Intire (1906-2002) com evangélicos no Brasil. Este pastor foi um personagem importante no desenvolvimento da direita radical norte-americana. Nos anos 1950 Mc Intire, junto a evangélicos brasileiros, construíram uma associação de igrejas evangélicas conservadoras para combater a modernidade teológica e o ecumenismo por intermédio do International Council of Christian Churches (ICCC), estruturando uma rede global de espaços e instituições para reuniões dos evangélicos conservadores, cuja pauta estava em torno de troca de ideias e de como influenciar as políticas culturais. A descoberta importante é que esse grupo encontra no Brasil um “terreno fértil”, segundo ele.

Para esse grupo organizado de ativistas conservadores, não é possível separar o poder religioso do poder político. Anticomunistas ao extremo e defensores do capitalismo desregulado, trabalham com pautas capazes de aglutinar pessoas e com a vinculação da “noção de guardiões da tradição religiosa com uma série de iniciativas que não eram e não são exatamente religiosas”. Em oposição ao Estado e ao igualitarismo, esses ativistas ajudaram a tornar não só lícito, mas necessário, o engajamento dos cristãos.

Infelizmente, é constatado que o Brasil, mediante essa aliança conservadora, tem um papel importante no ressurgimento da direita atual e do conservadorismo cristão transnacional, que, segundo o pesquisador e escritor Benjamin A. Cowan, é “o mais influente fenômeno político e cultural da atualidade” (p. 83).

Outra marca interessante de manifestação religiosa contida nas cidades e muitas vezes despercebida na dinâmica do dia a dia das pessoas que ali vivem foi tema de estudos de Santos (2004) em sua pesquisa sobre o espaço do kardecismo na cidade de São Paulo. O objetivo foi detectar o estabelecimento efetivo de lugares espíritas, espaços privados e públicos como as ruas e praças cuja denominação reportam personalidades da história dessa manifestação religiosa. Cabe lembrar que o processo municipal de denominação das ruas e logradouros é realizado pelo Poder

Legislativo mediante a indicação de um vereador e a aprovação numa seção ordinária da Câmara Municipal.

A pesquisa identificou 25 ruas com denominações de personalidades espíritas na cidade de São Paulo e, na grande São Paulo, 38 ruas. Além do espaço físico, Santos estuda o espaço invisível, que se refere à subjetividade, às ideias, à filosofia dessa religião na população que a segue (Santos, 2004).

Em consonância com os estudos de Gil Filho (2006), o mapeamento religioso realizado na cidade de Poços de Caldas indica que a devoção e a vida de uma cidade se entrelaçam. Ações religiosas e geográficas são compartilhadas, segundo Gil Filho, e a relação entre elas “é viva e visível”, como aponta Henkel, lembrado por ele, cujo aprofundamento da compreensão do fenômeno religioso entende a dinâmica espacial humana por meio dos processos religiosos (Gil Filho, 2006).

Rosendahl (2012), em seu estudo sobre o sagrado e sua dimensão espacial, afirma que a religião “imprime uma ordem ao espaço” quando os crentes criam lugares, territórios e itinerários sagrados por meio de momentos de transcendência de cada tempo sagrado. Uma ilustração do que a autora afirma é a Semana Santa, que marca um tempo sagrado no calendário anual da religião católica. Na cidade de Paraty, por exemplo, no estado do Rio de Janeiro, esse tempo é marcado por manifestações religiosas como procissões, missas e representações culturais durante toda a semana, iniciando-se no Domingo de Ramos e culminando no Sábado de Aleluia.

Momento marcante ocorre com a procissão na quarta-feira da Semana Santa, em que as denominadas estações que marcam o caminho de Jesus ao Calvário são abertas para o momento de oração pela população em procissão e fechadas em seguida. As fotos da Figura 8 mostram esse momento sagrado com uma das estações cuja obra de arte chama a atenção dos turistas que visitam a cidade nessa semana. Cabe relatar que, logo após a passagem da procissão, a estação é fechada e não há uma indicação do que existe atrás da porta, ou de uma janela, do Centro Histórico de Paraty.

Figura 8 - Semana Santa em Paraty/RJ, 2017



Fonte: arquivo pessoal.

Em Poços de Caldas, um tempo sagrado pode-se considerar o dia em que é comemorada a Umbanda, 15 de novembro, momento de encontro de diversos terreiros com seus pais e mães de santo cantando e abençoando as pessoas no coreto da praça central. A Figura 9 mostra a festa do ano de 2016.

Figura 9 - Comemoração do Dia da Umbanda



Fonte: arquivo pessoal.

A manifestação umbandista na cidade se dava também pela participação da mãe de santo dona Orlanda, responsável pela condução dos grupos de Congada da cidade em diversos momentos, como nas festas de São Benedito e

na abertura de eventos culturais como a Julifest de 2022. A Figura 10 mostra sua entrada na abertura do evento.

Figura 10 - Abertura da JuliFest 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Referente a itinerários sagrados, os exemplos são as peregrinações, que marcam espaço e trajeto, como é o caso do caminho à Fátima, em Portugal; o caminho de Santiago de Compostela, na Espanha; e a peregrinação até as cidades de Pirapora, em Minas Gerais, e Aparecida do Norte, em São Paulo.

Compreender as práticas religiosas possibilita perceber como elas atuam nas pessoas e nos lugares, deixando suas marcas e sacralizando os espaços.

Sobre mapear espaços sagrados, historicamente, o mapeamento religioso teve seu início no final da Idade Média e início da Idade Moderna, quando se mapeavam espaços cristãos no mundo com o objetivo de organizar e descrever a influência de outras manifestações de natureza religiosa. Com isso, os mapas serviam para auxiliar as ações missionárias do cristianismo. Esses estudos geográficos foram realizados com orientações teológicas direcionadas especificamente à religião cristã (Pereira, 2013).

Identificar os lugares, no núcleo urbano, onde as manifestações religiosas ocorrem possibilita o entendimento de aspectos da sociedade local e disposições da filosofia de vida que imprimem no espaço e criam territórios e influências no modo como a cidade se estrutura, organiza-se, vive.

2.4 Teorias locacionais

Buscando melhor compreender a distribuição espacial dos templos de diversas manifestações religiosas encontradas no mapeamento da cidade de Poços de Caldas, é preciso entender os espaços sagrados.

Para Eliade (1959;1962), a construção do espaço sagrado pode ocorrer mediante a expressão direta da divindade e o ato do sagrado em objetos, pessoas ou coisas. Nesse caso, a exemplificação inclui a eucaristia para os católicos e as oferendas aos orixás nas religiões de matriz africana. Quanto ao local, pode ser reconhecido ou construído ritualmente por crentes ou uma pessoa (Eliade, [s.d.]).

Nos estudos de Rosendahl (2012) sobre o sagrado e a dimensão espacial, observa-se que não existe um motivo claro na escolha dos locais sagrados pelas diversas religiões, porém é possível definir espaço sagrado como “um campo de força e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo”. O destaque é que “o significado do sagrado vai além de imagens, templos e santuários”, porque “a experiência do sagrado está no domínio das emoções e do sentimento do ser no mundo” (Rosendahl, 2012, p. 76).

O estudo da autora citada classifica as localizações do sagrado em lugares fixos, não fixos e o *imaginalis*. O fixo está exemplificado pelas cidades santuários, conhecidas por hierópolis; o não fixo, também chamado móvel, tem como exemplo, dado por Park (1994), a Torá, texto sagrado do povo de Israel, visto que os judeus se mantiveram em grupos com a preservação da fé nos momentos em que viviam em terras estrangeiras. Outros exemplos são as festas católicas, em que as tradições populares e culturais de um local mobilizam o espaço sagrado, como por exemplo, a Festa do Divino Espírito Santo, em Piracicaba/SP, que o festeiro escolhido do ano fica responsável pelas imagens e símbolos sagrados até o dia da procissão. A festa culmina com o encontro dos barcos no rio Piracicaba, uma missa campal e o retorno dos símbolos sagrados à Igreja. A Figura 11 mostra essa movimentação do sagrado no rio.

Figura 11 - Encontro das Bandeiras em 2024



Fonte: arquivo pessoal.

O espaço sagrado *imaginalis* está associado ao lugar e à experiência compartilhada, podendo ser uma mata ou uma cachoeira escolhida para a lavagem de cabeça dos iniciados na Umbanda, por exemplo. Outro exemplo interessante é o círculo sagrado de *wiccan*, citado por Kong (2001), cujo local sagrado reside no imaginário, visto que as fronteiras são definidas pelos seus integrantes.

O devoto acredita na força divina existente nesses lugares. Além desses exemplos, na tradição das manifestações de matriz africana, têm-se a energia das matas, Oxóssi; a energia das águas do mar, Iemanjá. a energia das águas das cachoeiras, Oxum, entre outras.

Nesse contexto, Rosendahl destaca que:

(...) as práticas religiosas imprimem na paisagem marcas fortemente relacionadas com os aspectos culturais da comunidade, de tal modo que o espaço pode ser percebido de acordo com os valores simbólicos que ali estão representados (Rosendahl, 2003, p. 9).

Lugares sagrados, em que uma cruz no final de uma rua ou um pequeno santuário no meio de um quarteirão são significativos para crentes e respeitados pelos não crentes, são construídos nos municípios brasileiros e nos núcleos urbanos, convertendo o cotidiano em espaço sagrado, o que, segundo Mircea Eliade, passa a ser o extracotidiano.

“Espacialidade concreta das expressões religiosas” é constituída, segundo Gil Filho (2008), “como a materialidade representada [tanto] pelas paisagens religiosas quanto pelo templo, local [em] que acontecem os cultos, e outros lugares sagrados” (Gil Filho, 2008).

2.5 O sagrado e o profano

Como citado anteriormente, Mircea Eliade, historiador romeno e filósofo da religião, nascido em Bucareste em 1907 e falecido em 1986 em Chicago, EUA, é a referência no tocante à dicotomia sagrada/profano. Para ele, “a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano” (p. 13), e utiliza o termo hierofania, que é manifestação do sagrado num determinado objeto, como numa árvore, parte integrante do ambiente natural, profano.

Para esse filósofo da religião e historiador, o sagrado e o profano são modalidades de ser no mundo, que o homem assume ao longo da sua história, e, mesmo no homem dessacralizado, ainda se evidenciam valores religiosos do mundo. Cabe, porém, a lembrança do arcebispo sueco Nathan Söderblom (1866-1931), com sua definição de sagrado com base nos sentimentos humanos. Para ele, “religiosa ou piedosa é a pessoa para quem algo é sagrado” (Hellern; Notaker; Gaarder, 2001). A palavra sagrado passou a ser a chave para pesquisadores da religião no século XX e sua ideia consta na publicação de Rudolf Otto, em 1917, na qual ressalta que o sagrado é diferente de tudo e não pode ser descrito em termos comuns, uma vez que sua dimensão é especial na existência. O autor denomina essa dimensão como sendo “mistério tremendo e fascinante”, uma força que cria um sentimento de quase temor, porém com um poder de atração difícil de resistir (Hellern; Notaker; Gaarder, 2001).

Os autores do *Livro das Religiões*, Hellern, Notaker e Gaarder (2001), lembram que Mircea Eliade admirava Otto e adotou essa noção de sagrado, passando a pesquisar experiências religiosas no lugar de estudar termos como Deus e religião. Com isso, além de definir simplesmente sagrado como sendo o oposto de profano, analisa a origem das palavras sagrado e profano, em que sagrado é indicativo de separado e consagrado e profano, aquilo que está em frente ou “do lado de fora do templo”.

No que tange ao espaço físico, para Mircea o espaço sagrado é fragmentado, não homogêneo, o contrário do que se dá no espaço profano. Mesmo assim, o homem profano, num espaço considerado homogêneo, pode vivenciar uma experiência que transformará um lugar comum em um lugar único, sagrado. Um dos exemplos dados por Mircea é o local do primeiro amor. Quanto ao templo de manifestação religiosa, pode ser considerado a fronteira entre o mundo profano e o mundo sagrado: ao adentrar num templo religioso, o mundo profano é transcendido. Nesse sentido, Mircea destaca que “o templo constitui, por assim dizer, uma ‘abertura’ para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses” (Eliade, 1992, p. 19).

Na sociedade contemporânea, tecnológica e para o homem moderno, dessacralizado, Mircea destaca que “o sagrado é o obstáculo por excelência à sua liberdade”, porém “conserva ainda vestígio do comportamento do homem religioso, mas esvaziado dos significados religiosos” (Eliade, 1992, p. 97). Entre os que se dizem sem religião, podem-se observar comportamento místico, religioso, carregado de mitologia camuflada e ritualismos em determinadas ocasiões, como num casamento, nascimento de uma criança ou nas comemorações de final de ano. O que dificulta, porém, a percepção da mitologia e do comportamento religioso, segundo o autor, é a existência de “um amontoado mágico religioso, mas degradado até a caricatura... dificilmente reconhecível” (Eliade, 1992, p. 99).

A religiosidade permanece na sociedade moderna com uma roupagem diversa e muitas vezes imperceptível na dinâmica diária mesmo para aqueles que se dizem sem religião. No que concerne ao espaço de um núcleo urbano, Ibiapina (2021), em sua pesquisa, diz que “são os templos que balizam a transição entre as dimensões Sagrado e Profano, atuando como pontos nodais [de] espaço contínuo” (Ibiapina, 2021, p. 82).

A pesquisadora Zeny Rosendahl, em seu trabalho intitulado “Espaço, o Sagrado e o Profano”, destaca “o sagrado como experiência humana fundamental, guiada pelo simbolismo mágico-religioso” (p. 84), em que “cada comunidade religiosa se estabelece no mundo sagrado onde participa da mesma memória coletiva religiosa”. Para ela “umas das fantásticas dimensões geográficas da experiência religiosa é a noção de espaço sagrado” (p. 79), e esta categoria baseia-se nos estudos de Mircea Eliade (Rosendahl, 2018).

3 A INTERDISCIPLINARIDADE: GEOGRAFIA E ENSINO RELIGIOSO

No Brasil, o Ministério da Educação homologou, em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, e, no ano seguinte, complementou com o documento normativo do Ensino Médio. Versões preliminares do documento foram apresentadas e debatidas em audiências públicas,¹¹ ajustes foram realizados para que a proposta, ao ser implantada em todo o território nacional, norteasse as escolas na formulação de seus currículos, considerando suas especificidades.

Cabe destacar que críticas foram estabelecidas em relação ao processo de elaboração do documento normativo, e produções advindas dessas críticas denunciavam “o fato de a pedagogia das competências priorizar a construção de competências em detrimento da transmissão de conteúdos” (Amaral, 2016, p. 47) e que, talvez, esse esvaziamento de conteúdos científicos acabasse negando “os fundamentos das ciências que permitem aos jovens entender e dominar como funciona o mundo das coisas e da sociedade humana” (Frigotto; Motta, 2017, p. 369).

As críticas alertaram, mas não impediram, que a implantação do documento normativo ocorresse em 2018 e norteara a implementação dos referenciais curriculares alinhados à BNCC nas Secretarias Estaduais e Distrital de Educação e as Secretarias Municipais de Educação.

Foi criado o Programa de Apoio à implementação da Base Nacional Comum Curricular (ProBNCC),¹² em regime de colaboração com entidades representativas do setor educacional indicadas pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) e pela União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME). Foi formado o Comitê Nacional de Implementação da BNCC, com o apoio da Sociedade Civil (por meio de organizações) e das representações institucionais dos conselhos nacionais, estaduais e municipais (Conselho Nacional de Educação [CNE], Fórum Nacional

¹¹ O Ministério da Educação disponibilizou o percurso histórico da construção da BNCC no site: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>.

¹² O ProBNCC foi criado pela Portaria MEC nº 331, de 5 de abril de 2018. Em 2019, essa portaria sofreu alteração para inserir aspectos específicos da implementação da BNCC para o Ensino Médio e passou a vigorar pela Portaria MEC nº 756, de 3 de abril de 2019.

dos Conselhos Estaduais de Educação [FNCE] e União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação [UNCME]) (Brasil, 2019b).

Estabeleceram-se critérios às equipes de construção dos currículos, entre os quais podem-se citar: a) as habilidades poderiam sofrer acréscimos, mas não poderiam ser suprimidas; b) novas habilidades poderiam ser incluídas, atendendo às sugestões advindas das consultas públicas. Cuidados foram recomendados, como: a progressão das aprendizagens nos anos escolares, com foco nas atitudes esperadas ao final do ciclo, garantindo a coerência e o alinhamento do processo, a transição gradual entre etapas, numa abordagem interdisciplinar.

A abordagem interdisciplinar “da integração curricular que gera compreensão de temas e ideias que perpassam as disciplinas e também as conexões entre diferentes disciplinas e sua relação com o mundo real” (UNESCO, 2016, p. 10). Numa perspectiva disciplinar, mostra-se a necessidade de definir o objeto de estudo, e a interdisciplinaridade revela a identidade do objeto de investigação que agrega um caráter mais complexo na intersecção de áreas afins.

Nesse sentido, Japiassú (1976) nos registra que, na década de 1960, Gusdorf, na França, já argumentava que é:

inegável que a visão unidisciplinar fragmenta necessariamente o objeto e é levada a reduzi-lo à sua escala própria. É por isso que devemos conceber a *démarche* interdisciplinar, antes de tudo, como o esforço de reconstituição da unidade do objeto que a fragmentação dos métodos inevitavelmente pulveriza (Japiassú, 1976, p. 67).

Sendo assim, é necessário buscar diálogos interdisciplinares a partir da BNCC e seus componentes curriculares. Este trabalho se limita ao Ensino Fundamental – anos finais, nos componentes curriculares Geografia e Ensino Religioso, com a intenção de identificar as habilidades que propiciam o reconhecimento das interseções performadas em estéticas, monumentos, arquiteturas que marcam a presença do religioso na paisagem urbana.

3.1 Conteúdo da Geografia segundo a BNCC

No Ensino Fundamental, os componentes curriculares estão organizados em áreas de conhecimento, a saber: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso.¹³

A área de Ciências Humanas agrega os componentes Geografia e História, com um conjunto de competências específicas, com o propósito de “cultivar a formação de alunos intelectualmente autônomos, com capacidade de articular categorias de pensamento histórico e geográfico em face de seu próprio tempo, percebendo as experiências humanas e refletindo sobre elas.” (Brasil, 2017, p. 354).

Há que se destacar que as Ciências Humanas têm como finalidade depreender as identidades, de si e do outro, reconhecendo as diferenças e pluralidades sociais como base para a promoção da justiça social, considerando espaços, tempos e movimentos distintos. Além disso, valorizar a ação humana e as relações estabelecidas, em especial, aquelas que produzem conhecimentos e saberes, em consequência de diferentes espaços geográficos e circunstâncias históricas (Brasil, 2017, p. 353).

No que diz respeito à Geografia especificamente, priorizam-se o raciocínio geográfico e suas interpretações geográficas: analogia, localização, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, estruturação do espaço (Brasil, 2017, p. 312). Considerando que se tem muito a contribuir para a Educação Básica, o componente curricular Geografia se propões a “desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza” (Brasil, 2017, p. 312).

Conceitos consagrados na Geografia tornam-se categorias interpretativas – espaço, território, lugar, região, natureza e paisagem – dispostas em cinco unidades

¹³ Na BNCC, homologada em 2017, o Ensino Religioso é apresentado como área de conhecimento e componente curricular, o que provocou muitos debates sobre esse tratamento. O Parecer CNE/CEB nº 8/2019 define a integração do Ensino Religioso à área de Ciências Humanas, ao lado dos componentes História e Geografia, afirmando que:

a integração do Ensino Religioso na área de Ciências Humanas pode facilitar o planejamento curricular e a organização administrativa da rotina escolar, sem prejuízo dos seus educacionais e dos direitos de aprendizagem legais e normativos assegurados aos estudantes e às estudantes (Brasil, 2019, p. 1).

O parecer mencionado, neste momento, aguarda homologação.

temáticas: o sujeito e seu lugar no mundo; conexões e escalas; mundo do trabalho; formas de representação e pensamento espacial; e, por fim, natureza, ambiente e qualidade de vida. Apostando na aprendizagem por investigação, a situação geográfica é fonte do desenvolvimento de perguntas geográficas. E, nessa proposição, pode-se conjecturar que há espaço para diálogos interdisciplinares com outros componentes curriculares. A proposta aqui é que se estabeleçam interfaces com o Ensino Religioso.

3.2 O Ensino Religioso segundo a BNCC

O Ensino Religioso, no que lhe concerne, é, ao mesmo tempo, reconhecido como área de conhecimento e componente curricular, apresentando como finalidade a construção:

por meio do estudo de conhecimentos religiosos e das filosofias de vida, atitudes de reconhecimento e respeito às alteridades. Trata-se de um espaço de aprendizagens, experiências pedagógicas, intercâmbios e diálogos permanentes, que visam o acolhimento das identidades culturais, religiosas ou não, na perspectiva da interculturalidade, direitos humanos e cultura da paz. Tais finalidades se articulam aos elementos da formação integral dos estudantes, na medida em que fomentam a aprendizagem da convivência democrática e cidadã, princípio básico à vida em sociedade (Brasil, 2017, p. 437).

As competências específicas do Ensino Religioso, de viés não confessional, como indicado pela BNCC, alinham-se com o respeito às diversidades cultural e religiosa do país, bem como com o posicionamento ante os discursos e as práticas de intolerância, discriminação e violência, em especial de cunho religioso. Isso porque o Ensino Religioso, a partir da legislação vigente, deve assegurar “o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo” (Brasil, 1997).

Os conhecimentos religiosos, como objetos de estudo do Ensino Religioso, apresentam-se em unidades temáticas que versam sobre identidades e alteridades, manifestações culturais e religiosas, crenças religiosas e filosofias de vida. Assinala-se que as unidades temáticas e, conseqüentemente, as habilidades devem ser ancoradas nos fundamentos das Ciências da Religião, consolidando-se nos aportes

teóricos da interculturalidade e da ética da alteridade com vistas à disposição para o diálogo, ou seja, para a atitude dialogal.

Para favorecer a formação da atitude dialogal, são propósitos do Ensino Religioso:

a) Proporcionar a aprendizagem dos conhecimentos religiosos, culturais e estéticos, a partir das manifestações religiosas percebidas na realidade dos educandos; b) Propiciar conhecimentos sobre o direito à liberdade de consciência e de crença, no constante propósito de promoção dos direitos humanos; c) Desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas religiosas e seculares de vida, exercitando o respeito à liberdade de concepções e o pluralismo de ideias, de acordo com a Constituição Federal; d) Contribuir para que os educandos construam seus sentidos pessoais de vida a partir de valores, princípios éticos e da cidadania. (Brasil, 2017, p. 436).

Esses objetivos se articulam com as competências gerais e específicas com grande potencial para o diálogo interdisciplinar.

3.3. A interdisciplinaridade

Nessa lógica, ler e reler as habilidades dos componentes curriculares de Geografia e Ensino Religioso nos anos finais do Ensino Fundamental, sob o prisma das interseções apresentadas em estéticas, monumentos, arquiteturas que marcam a presença do religioso na paisagem urbana, irá nos possibilitar indicar caminhos metodológicos para estabelecer convergências entre o religioso e o urbano.

Em se tratando de raciocínio geográfico e conhecimento religioso entre as habilidades dos anos finais do Ensino Fundamental podem-se destacar aquelas propostas para o 6º ano em Geografia: “(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos; (EF06GE02) Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários” (Brasil, 2017, p. 337), as quais criam conexões com as seguintes habilidades do 6º ano do Ensino Religioso: “(EF06ER03) Reconhecer, em textos escritos, ensinamentos relacionados a modos de ser e viver; (EF06ER06) Reconhecer a importância dos mitos, ritos, símbolos e textos na estruturação das diferentes crenças, tradições e movimentos religiosos” (Brasil, 2017, p. 451).

Já no 7º ano, a Geografia apresenta como habilidades:

(EF07GE03) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades indígenas, de remanescentes de quilombolas, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades; (EF07GE04) Analisar a distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática), assim como aspectos de renda, gênero e idade nas regiões brasileiras; (EF07GE09) Interpretar e elaborar mapas temáticos e históricos com informações demográficas e econômicas do Brasil (cartogramas), identificando padrões espaciais, regionalizações e analogias espaciais; (EF07GE10) Elaborar e interpretar gráficos de barras, gráficos de setores e histogramas, com base em dados socioeconômicos das regiões brasileiras. (Brasil, 2017, p. 339).

O componente curricular de Ensino Religioso apresenta: “(EF07ER06) Identificar princípios éticos em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, discutindo como podem influenciar condutas pessoais e práticas sociais” (Brasil, 2017, p. 453).

Quando chegamos ao 8º ano, em Geografia, identificam-se:

(EF08GE02) Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial; (EF08GE07) Relacionar diferenças de paisagens aos modos de viver de diferentes povos na Europa, Ásia e Oceania, valorizando identidades e interculturalidades regionais; (EF08GE09) Identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas, como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças; (EF08GE14) Elaborar e interpretar gráficos de barras e de setores, além de mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas, para analisar, sintetizar e apresentar dados e informações sobre diversidade, diferenças e desigualdades sociopolíticas mundiais. (Brasil, 2017, p. 341).

Para o Ensino Religioso, consolidam-se:

(EF08ER04) Discutir como filosofias de vida, tradições e instituições religiosas podem influenciar diferentes campos da esfera pública (política, saúde, educação, economia); (EF08ER05) Debater sobre as possibilidades e os limites da interferência das tradições religiosas na esfera pública; (EF08ER06) Analisar práticas, projetos e políticas públicas que contribuem para a promoção da liberdade de pensamento, crenças e convicções (Brasil, 2017, p. 455).

Ao chegar ao final do Ensino Fundamental, no 9º ano, no componente curricular Geografia, salienta-se: “(EF09GE05) Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica, nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos”

(Brasil, 2017, p. 343). E, no Ensino Religioso, especifica-se: “(EF09ER01) Analisar princípios e orientações para o cuidado da vida e nas diversas tradições religiosas e filosofias de vida; (EF09ER03) Identificar sentidos do viver e do morrer em diferentes tradições religiosas, através do estudo de mitos fundantes” (Brasil, 2017, p. 457).

O Quadro 4 destaca unidades temáticas correspondentes aos componentes Geografia e Ensino Religioso nos anos finais do Ensino Fundamental.

Quadro 4 - Unidade temática

Geografia	Ensino Religioso
6º ano: fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras	6º ano: ensinamentos da tradição escrita, símbolos, ritos e mitos religiosos
7º ano: mapas temáticos	7º ano: manifestações religiosas
8º ano: diversidade e dinâmicas populacionais mundial e local	8º ano: crenças religiosas e filosofia de vida
9º ano: manifestações culturais na formação populacional	9º ano: princípios e valores éticos

Fonte: elaborado pela autora com base na BNCC.

As leituras e releituras das habilidades permitiram-nos destacar habilidades com afinidades temáticas e possibilidades metodológicas com foco nas interseções do religioso e do urbano, com perspectivas à abordagem interdisciplinar entre Geografia e Ensino Religioso.

Objetos de estudo se ampliam no trabalho interdisciplinar, em ações conjuntas entre áreas afins; por esse ângulo, olhares distintos para um mesmo ponto podem conceber a produção do saber na atuação docente em sala de aula, uma vez que os saberes conectados possibilitarão interpretar um mundo em constantes e rápidas transformações e que não poderá ser lido adequadamente a partir de uma perspectiva isolada.

Geógrafos especializados em conhecimentos religiosos nos dizem que os espaços podem ser apresentados em estéticas, monumentos e arquiteturas que marcam a presença do religioso na paisagem urbana, ou seja, “o lugar sacralizado se

insere singularmente no espaço” (Rosendahl, 1997, p. 86). Além disso, em cada espaço há formas simbólicas que o distinguem dos lugares profanos, e até mesmo de outros espaços sagrados, pelas especificidades culturais que compõem essa realidade, que compõem territórios.

A territorialidade está fortemente impregnada de um caráter cultural. Para Bonnemaïson (2002): “a ideia de cultura, traduzida em termos de espaço, não pode ser separada da ideia de território. É pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre cultura e o espaço” (Bonnemaïson, 2002, p. 102).

Cultura, espaço, território e tempo, tempo histórico, precisamente, indicam uma relação construída no espaço social e geográfico. “Entre a construção social, a função simbólica e a organização do território de um grupo humano existe uma inter-relação constante e uma espécie de lei da simetria. A paisagem é um primeiro reflexo visual disso” (Bonnemaïson, 2002, p. 106).

Os geógrafos focalizam a maneira como os grupos sociais criam paisagens e, por sua vez, têm sua identidade cultural reforçada por essa paisagem (Rosendahl, 2018, p. 392). Nas palavras dessa pesquisadora, é importante acrescentar que:

a paisagem, de fato, é uma maneira de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em cena, indicando uma relação entre os seres humanos e seu ambiente. A compreensão das expressões impressas por uma cultura em sua paisagem é necessária ao decodificar a linguagem simbólica e os seus significados. [...] ao afirmar que todas as paisagens são simbólicas, por menos aparentes que possam ser (Rosendahl, 2018, p. 393-394).

A paisagem é marca. Pode-se conjecturar que marcas culturais refletem o comportamento de determinados grupos sociais e, portanto, é meio e condição de reprodução da cultura na paisagem (Rosendahl, 2018). Essas marcas, materializadas em elementos simbólicos, expressam o modo de ser e de viver de um povo. Entre os elementos constituintes da cultura de um povo encontra-se a religião, e, nesse sentido, há marcas religiosas na paisagem urbana.

A Geografia e o Ensino Religioso podem, juntos, compreender “a força da religião modificando a paisagem, interferindo nas ações humanas e, portanto, na própria organização espacial das sociedades. Existe, é claro, um simbolismo destes lugares considerados sagrados e, ainda, práticas espaciais ligadas aos mesmos” (Campos, 2007, p. 111).

Cabe apresentar algumas especificidades do Ensino Religioso no que diz respeito ao simbolismo e à linguagem simbólica. Wolfgang Gruen, o primeiro no Brasil a fazer a distinção do espaço de atuação do Ensino Religioso e da Catequese, é uma referência a esse componente curricular. “O primeiro com o objeto da religiosidade, enquanto categoria antropológica que nos leva à busca de sentidos para viver, e o segundo, a catequese, evidentemente confessional, como educação da fé” (Baptista; Do Prado Siqueira, 2020, p. 56).

Religiosidade como objeto é um conceito concebido por Gruen como abertura dinâmica:

ao sentido fundamental da sua existência, seja qual for o modo como é percebido esse sentido. Não se trata apenas de uma atitude entre muitas: quando presente, a religiosidade está à raiz de todas as dimensões da pessoa, melhor, está à raiz da vida humana na sua totalidade (Gruen, 1995, p. 75).

Posteriormente, Gruen acrescenta que essa “disponibilidade dinâmica da pessoa ao sentido fundamental de sua existência, encarado como compromisso” (Gruen, 2004, p. 414). Existência que faz sentido na relação com o outro, pressupondo a acolhida, a diversidade, a disposição para o diálogo, ou seja, para a atitude dialogal. Vale sublinhar que, na concepção antropológica de Gruen, o Ensino Religioso parte da experiência do educando, de sua busca de sentido, articulado com os demais conteúdos, para integrar o currículo escolar (Siqueira, 2022).

Gruen deteve-se em escrever sobre vários temas concernentes ao Ensino Religioso, inclusive sobre símbolos, e chegou a defini-lo como:

o símbolo escapa à definição exata. Faz parte de seu ser não deixar-se reduzir a um quadro fixo, uma vez que une os extremos – o incomponível, concretude e abstração, servindo à finalidade de aludir, com sinal perceptível aos sentidos, a algo que não é perceptível aos sentidos. Essa ligação integra seu sentido etimológico original, que vem do grego *syμβάλλειν*, ou seja, lançar junto, compor, reunir num lugar significativo (Gruen, 2013, p. 198).

Lugar e símbolos são temas vinculados à unidade temática “Identidades e Alteridades”, e ambos constituem parte da cultura de um povo ou grupo, coerente como o todo cultural, e requerem cuidados ao serem apresentados em sala de aula, como alerta Gruen:

a) o símbolo, por sua natureza, aponta para além de si. Por isso, não vamos parar em seu nível superficial, visível; b) não banalizar o símbolo: respeitar o mistério que ele aponta; c) não absolutizar o símbolo; d) a não ser que sejam claramente inaceitáveis, porque ofensivos, desrespeitosos, encarar com respeito os símbolos de outras culturas; d) não considerá-los inferiores aos da nossa; e) não invadir o universo simbólico diferente do nosso: o símbolo é elemento de um todo cultural; podar um elemento pode prejudicar o todo; f) não impor símbolos: seria ato de violência. Aliás, o tecido social criará rejeição a essa violência, a não ser que, por razões diversas, nem todas saudáveis, o povo passe a sentir tal símbolo como seu; g) igualmente, rejeitamos a imposição autoritária de determinado significado de um símbolo já presente naquela sociedade (Gruen, 2013, p. 201).

Ponderando sobre o alerta de Gruen e ampliando a discussão para a docência no Ensino Fundamental, reconhece-se que a relação estabelecida pelo diálogo em sala de aula deve ser mediada pela linguagem de fora, outorgada pelos jogos linguísticos. Sobre a linguagem categorizada por Gruen:

Gruen destaca as categorias de Baudler para distinguir entre linguagem de “dentro”, quando se trata da linguagem interna do grupo, e linguagem de “fora”, quando se trata da linguagem externa ao grupo, como é a do ensino religioso. Essa linguagem é franca, transparente, que leva ao questionamento, que busca interação, diálogo com todos, abertura ao sempre mais, sem fechar-se no seu grupo religioso, mas também sem traí-lo. A linguagem da religiosidade é uma linguagem adequada ao ambiente escolar, no qual interagem áreas de conhecimento que mantêm um vocabulário próprio, e se interrelacionam em conteúdos, aspectos metodológicos, incluindo recursos materiais, atividades, procedimentos didáticos e processos avaliativos. Uma linguagem rica, que abra espaço para a experiência, que estimule a reflexão sobre a religiosidade e o fenômeno religioso, que favoreça a formação de juízos sinceros diante da veracidade dos fatos; e que possibilite a concepção e vivência dos valores universais (Siqueira; Baptista e Silva, 2018, p. 662).

A linguagem de fora ampliar-se-á no diálogo interdisciplinar. Ao levar em consideração as interseções entre o religioso e o urbano, entre as *performances* e as marcas religiosas na paisagem urbana, a abordagem interdisciplinar é a chave pedagógica e a linguagem de fora é o elo entre os componentes curriculares Geografia e Ensino Religioso.

4 MAPEAMENTO RELIGIOSO DE POÇOS DE CALDAS (2017-2028): FUNDAMENTOS, PROCESSOS E RESULTADOS

O mapeamento religioso de Poços de Caldas realizado entre 2017 e 2018, com atualizações posteriores, constitui um estudo sobre a distribuição das manifestações religiosas no espaço urbano. A investigação buscou identificar templos, centros espíritas, terreiros de umbanda e candomblé, casas de culto e espaços utilizados para práticas religiosas, possibilitando observar como diferentes tradições se organizam territorialmente no município. Esse levantamento integra análises territoriais, sociológicas e cartográficas, articulando religião e cidade como dimensões interdependentes.

A escolha por uma abordagem territorializada decorre da compreensão de que as manifestações religiosas produzem usos específicos do espaço urbano. A presença de templos, centros e casas de culto modifica fluxos cotidianos, concentra atividades comunitárias e ajuda a delimitar áreas de referência simbólica. Com esse pressuposto, o estudo registrou a localização de diferentes tradições e sistematizou as informações de forma comparável, retomando critérios já consolidados em pesquisas nacionais.

A classificação utilizada baseou-se nas tipologias do ISER e do IBGE, que oferecem parâmetros para organizar manifestações religiosas em grupos e subgrupos. Esse procedimento possibilitou registrar a diversidade presente no município e identificar padrões de distribuição espacial entre cristianismos, tradições afro-brasileiras, espiritualismos, religiões orientais, centros espíritas e outras expressões. A classificação funcionou como eixo para a construção do banco de dados utilizado nas etapas seguintes.

A coleta de informações envolveu o uso de tecnologia de georreferenciamento. As equipes responsáveis registraram coordenadas geográficas, endereços e classificações de cada ponto localizado, criando um conjunto de dados espaciais posteriormente tabulado. Esse método propiciou visualizar concentrações, dispersões e ausências de templos, favorecendo análises que articulam demografia, urbanização e presença religiosa. A utilização de mapas distritais ampliou a precisão da localização dos templos e ofereceu referências adequadas à dinâmica urbana local.

As etapas de conferência, atualização e revisão dos dados contemplaram situações comuns ao campo religioso urbano. Alguns templos encerraram as atividades antes do fechamento da pesquisa; outros iniciaram o funcionamento durante o processo; alguns mudaram de endereço por ocuparem imóveis locados. Esses movimentos foram incorporados ao levantamento e evidenciam a mobilidade de determinadas tradições. A sistematização final reuniu os registros validados e serviu de base para a elaboração dos mapas analíticos apresentados no capítulo.

Os resultados obtidos possibilitam observar a organização do campo religioso na cidade e a sua relação com setores centrais, bairros populares, áreas periféricas e eixos de circulação. A cartografia produzida revela padrões de concentração e dispersão, destaca a presença de grupos majoritários e minoritários e mostra como diferentes tradições ocupam o tecido urbano. Esse conjunto de informações fornece o suporte empírico que orienta a análise desenvolvida nas seções seguintes e contribui para a compreensão das dinâmicas religiosas locais entre 2017 e 2018.

4.1 Fundamentos teóricos e metodológicos do mapeamento religioso

A realização do mapeamento contou com a participação de 182 estudantes da disciplina Cultura Religiosa: Fenômeno Religioso, ministrada pela Profa. Dra. Giseli do Prado Siqueira no primeiro semestre de 2017, nos cursos de Administração, Engenharia Civil, Medicina Veterinária e Publicidade e Propaganda da PUC Minas, campus Poços de Caldas. As professoras vinculadas ao Grupo de Pesquisa Filosofia, Religiosidade e suas Interfaces também integraram o processo. A coleta inicial dos dados ocorreu ao longo de 2017 e se estendeu até 2018, período em que a equipe realizou a conferência dos pontos mapeados e ampliou a cobertura para áreas urbanas não visitadas anteriormente.

No início de 2019, o grupo iniciou nova verificação dos pontos identificados em anos anteriores, com apoio de agentes públicos de saúde cujas atividades diárias envolvem circulação constante pelos bairros. Esse procedimento buscava atualizar eventuais mudanças na localização de templos e espaços religiosos. Com o início do

isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19, essa etapa foi interrompida, o que limitou a continuidade da checagem presencial.

A coleta e o registro das informações foram realizados por meio do aplicativo G7 Geopontos, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria/RS e disponibilizado gratuitamente para o sistema Android. O uso desse recurso proporcionou a obtenção de coordenadas georreferenciadas e facilitou a consolidação das informações de campo. A Figura 12 mostra a aparência do aplicativo utilizado.

Figura 12 - Aparência do aplicativo



Fonte: aplicativo C7GeoPoint.

Para a identificação dos pontos mapeados, adotaram-se a classificação das manifestações religiosas elaborada pelo ISER e a estrutura classificatória utilizada pelo IBGE no Censo 2010. A legenda definida pela pesquisa organizou as categorias por cores, facilitando a visualização e a distinção dos agrupamentos religiosos na etapa de projeção cartográfica, conforme mostra a Figura 13.

Figura 13 - Classificação das manifestações religiosas

CORES	PROJETO
	CRISTIANISMO CATÓLICO
	CRISTIANISMO PROTESTANTE
	CRISTIANISMO PROTESTANTE PENTECOSTAL E NEOPENTECOSTAL
	IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS
	SALÃO DO REINO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ
	ESPIRITISMO KARDECISTA
	UMBANDA
	CANDOMBLÉ
	JUDAÍSMO
	BUDISMO
	RELIGIÕES ORIENTAIS
	DIVERSOS

Fonte: Siqueira, 2018.

A coleta exigiu, ainda, a obtenção do mapa digital do município junto à Secretaria de Planejamento. Por recomendação da própria secretaria, optou-se por subdividir a área urbana a partir do mapeamento distrital dos Correios, elaborado pelos funcionários que percorrem diariamente o núcleo urbano. Essa decisão elevou a precisão no registro e distribuição dos pontos. As categorias empregadas no mapeamento seguiram a classificação do ISER e do IBGE, organizando as manifestações religiosas nos seguintes grupos:

- a) Cristianismo católico;
- b) Cristianismo protestante;
- c) Cristianismo protestante pentecostal e neopentecostal;
- d) Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias;
- e) Testemunha de Jeová;
- f) Espírita kardecista;
- g) Umbanda;
- h) Candomblé;
- i) Judaísmo;
- j) Budismo;
- k) Religiões orientais;
- l) Diversos.

Os dados coletados pelos estudantes foram consolidados pelos membros do Grupo de Pesquisa/CNPq Filosofia, Religiosidade e suas Interfaces ao final de

2017. No início de 2018, realizaram-se ajustes na classificação e correções de nomes e endereços, alcançando-se o total de 395 pontos mapeados. Esse número supera o levantamento do Censo 2022, pois o mapeamento identificou não apenas templos com placas visíveis, mas também espaços domésticos utilizados para reuniões religiosas, como as chamadas “células”.

Durante o processo de conferência, verificou-se que alguns endereços haviam sido alterados e outros deixaram de existir, especialmente no período da pandemia, quando diversas igrejas neopentecostais encerraram as suas atividades. Observou-se também a abertura de novos templos, como a Igreja Vitória e Paz, instalada posteriormente na Avenida João Pinheiro, indicando a dinâmica constante do campo religioso no município.

Com os dados consolidados, foi elaborado um mapa geral com a projeção dos pontos sobre a imagem da cidade obtida no Google Earth. Em seguida, mapas temáticos específicos para cada manifestação religiosa foram produzidos, possibilitando a análise da distribuição espacial de cada grupo na malha urbana e oferecendo um retrato detalhado da configuração religiosa do município.

4.2 Procedimentos de coleta, classificação e registro georreferenciado

O aplicativo C7 Geopontos foi utilizado para o registro das coordenadas geográficas dos pontos identificados durante o mapeamento. A ferramenta armazena as informações num banco de dados SQLite, organizado em projetos que permitem caracterizar previamente os elementos a serem levantados. Segundo a finalidade do projeto, o usuário pode cadastrar diferentes tipos de elementos, como árvores, postes, bueiros ou hidrantes, associando a cada ponto georreferenciado até três atributos qualitativos e três atributos numéricos.

Os dados registrados no aplicativo podem ser exportados em formatos CSV, KML e GeoTXT, o que facilita a integração com sistemas de informação geográfica e a elaboração de mapas temáticos. No presente estudo, o C7 Geopontos foi empregado para localizar espacialmente templos e espaços religiosos no núcleo urbano de Poços de Caldas/MG, possibilitando a construção de um banco de dados georreferenciado que subsidiou as etapas posteriores de análise e representação cartográfica.

Para iniciar o uso do aplicativo, foi necessário elaborar um arquivo-mãe, que organiza a estrutura classificatória dos elementos a serem registrados no mapeamento. No caso do levantamento das manifestações religiosas, esse arquivo reuniu os grupos principais e os seus respectivos subgrupos. Assim, no grupo Cristianismo católico, por exemplo, foram incluídas as categorias: católica apostólica romana, católica apostólica brasileira e católica ortodoxa. A construção desse arquivo tomou como referência a classificação adotada pelo Censo 2010 do IBGE e a tipologia utilizada pelo ISER, garantindo uniformidade na identificação dos pontos registrados. O arquivo-mãe adotou a classificação conforme demonstrado no Quadro 5.

Quadro 5 - Classificação do arquivo-mãe

1. Cristianismo católico a) Igreja Católica Apostólica Romana b) Igreja Católica Apostólica Brasileira c) Igreja Católica Ortodoxa	2. Cristianismo protestante: a) Evangélicas de Missão b) Igreja Evangélica Luterana c) Igreja Evangélica Presbiteriana d) Igreja Evangélica Metodista e) Igreja Evangélica Batista f) Igreja Evangélica Congregacional g) Igreja Evangélica Adventista h) Igreja Episcopal Anglicana i) Outras
3. Cristianismo protestante pentecostal e neopentecostal a) Igreja Assembleia de Deus b) Igreja Congregação do Brasil c) Igreja O Brasil para Cristo d) Igreja Evangelho Quadrangular e) Igreja Universal do Reino de Deus f) Igreja Casa da Benção g) Igreja Deus é Amor h) Igreja Maranata	4. Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mórmons)

i) Igreja Nova Vida j) Evangélica Renovada não determinada	
5. Testemunhas de Jeová (Salão do Reino das Testemunhas de Jeová) a) Comunidade Evangélica b) Outras igrejas evangélicas de origem pentecostal ou neopentecostal	6. Espíritas (centros kardecistas) 7. Umbanda (terreiros, centros, casa) 8. Candomblé (terreiro) 9. Judaísmo (comunidade judaica) 10. Budismo
11. Religiões orientais a) Igreja Messiânica Mundial b) Outras: Sheicho-No-Ie	12. Diversos a) Taoísmo b) Islamismo c) Hare Krishna d) Terapias alternativas – Reiki; cirurgias espirituais, benzedoiras/benzedores e) Espaços espiritualistas

Fonte: elaborado pela autora com base em Siqueira (2018).

Antes do início da coleta de dados, o arquivo-mãe deve ser salvo no aplicativo, pois é ele que define os grupos e subgrupos disponíveis para seleção durante o registro dos pontos. Após essa etapa, o cadastramento de cada localidade segue uma sequência operacional: selecionar o projeto correspondente, ativar o GPS, escolher o elemento previamente classificado e registrar o ponto. Em seguida, são inseridas as informações específicas associadas ao local, que são então salvas no sistema. Ao final do levantamento, os dados precisam ser exportados pelo menu principal, possibilitando a sua utilização nas etapas posteriores de organização e análise.

A Figura 14 apresenta a tela inicial do processo e a sequência necessária até a seleção do elemento a ser registrado.

Figura 14 - Sequência de marcação dos pontos mapeados



Fonte: elaborada pela autora.

Após a seleção do elemento correspondente, o aplicativo apresenta, na tela, as informações de latitude, longitude e altitude do ponto registrado, seguidas da opção para salvar o registro. Com os pontos devidamente salvos, o usuário pode exportar os dados em arquivos nos formatos CSV, KML, GEOTXT ou Arquivo Info, permitindo a sua utilização em diferentes plataformas de análise e representação cartográfica. A Figura 15 ilustra essa sequência operacional.

Figura 15 - Sequência de ponto marcado salvando e exportando



Fonte: elaborada pela autora.

Esse procedimento resultou na marcação de 395 pontos correspondentes a templos e espaços de diferentes manifestações religiosas identificadas no município. Em seguida, os dados foram tabulados, revisados e ajustados conforme a

classificação dos grupos religiosos adotada no mapeamento, etapa que propiciou organizar as informações para as análises posteriores.

4.3 Organização, tabulação e construção dos mapas temáticos

Os resultados do mapeamento realizado no município de Poços de Caldas evidenciam concentração expressiva e diversidade de manifestações religiosas no centro urbano. Essa área reúne templos inseridos na dinâmica cotidiana do comércio e dos principais serviços públicos e privados, compondo um conjunto que se integra ao fluxo urbano e nem sempre é percebido pelos transeuntes. A segunda maior concentração localiza-se na zona sul, área marcada por conjunto habitacional e bairros populares, onde se observa presença significativa de novas igrejas pentecostais.

A distribuição territorial detalhada mostra que a zona central reúne 179 pontos dedicados a manifestações religiosas, correspondendo a 54,57% do total mapeado. Na sequência, a zona sul concentra 21,95% dos 395 templos identificados. A zona oeste abriga 14,33% e a zona leste, 9,15% das unidades religiosas. O setor norte do município, por sua vez, é ocupado por uma unidade de conservação de proteção integral, a Serra de São Domingos, onde se localiza o Cristo Redentor, ponto elevado que se tornou referência simbólica voltada para a cidade.

O Quadro 6 ilustra quais manifestações religiosas a pesquisa identificou.

Quadro 6 - Resultado do mapeamento

Cristianismo Católico		55
Católica Apostólica Romana	53	
Católica Apostólica Brasileira	2	
Cristianismo Católico de Missão		27
Evangélicas de Missão	27	
Cristianismo Protestante Pentecostal e Neopentecostal		186
Evangélicas de Origem Pentecostal	149	
Evangélicas de Origem Neopentecostal	21	
Comunidade Evangélica	16	
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias		3
Mórmons	3	
Testemunha de Jeová		7
Salão do Reino das Testemunhas de Jeová	7	
Espíritas		15
Centro Espíritas	15	
Umbanda		22
Terreiros, centros e casas	22	
Candomblé		6
Terreiros	6	
Judaísmo		1
Comunidade Judaica	1	
Budismo		4
Budismo	4	
Religiões Orientais		2
Igreja Messiânica Mundial	1	
outras	1	
Diversos		67
Terapias Alternativas - Reikis, Cirurgias Espirituais	43	
Espaços Espiritualistas	12	
Lojas Maçônicas	5	
outras	7	
TOTAL		395

Fonte: Siqueira, 2018.

A distribuição dos pontos mapeados também evidencia situações em que diferentes manifestações religiosas compartilham o mesmo logradouro. Um exemplo é a rua Castro Alves, onde foram identificados um centro de Umbanda, uma Igreja

católica e um terreiro de Candomblé. Essa configuração ilustra a convivência de expressões religiosas distintas em espaços contíguos do tecido urbano e revela como a diversidade se materializa na organização cotidiana da cidade. A Figura 16 registra essa proximidade, apresentando edifícios pertencentes a tradições distintas instalados na mesma rua.

Figura 16 - Foto da rua Castro Alves



Fonte: arquivo pessoal.

Em número de templos, o cristianismo protestante apresenta a maior concentração no município, enquanto, segundo o Censo 2022, a maioria da população se declara católica. A comparação entre registro espacial e declaração censitária evidencia dinâmicas distintas: a presença física dos templos e a forma como os grupos se identificam oficialmente. Outra observação relevante decorre da verificação das características dos locais mapeados.

Os templos espíritas, católicos e os da Congregação Cristã possuem, em geral, sedes fixas, ao passo que grande parte das igrejas pentecostais funciona em imóveis alugados. Em diversos municípios brasileiros, antigos cinemas e estabelecimentos comerciais passaram a abrigar templos, o que exemplifica formas de ocupação adaptadas às condições urbanas. No caso dessas igrejas, a mudança frequente de endereço decorre da natureza locatícia dos espaços utilizados.

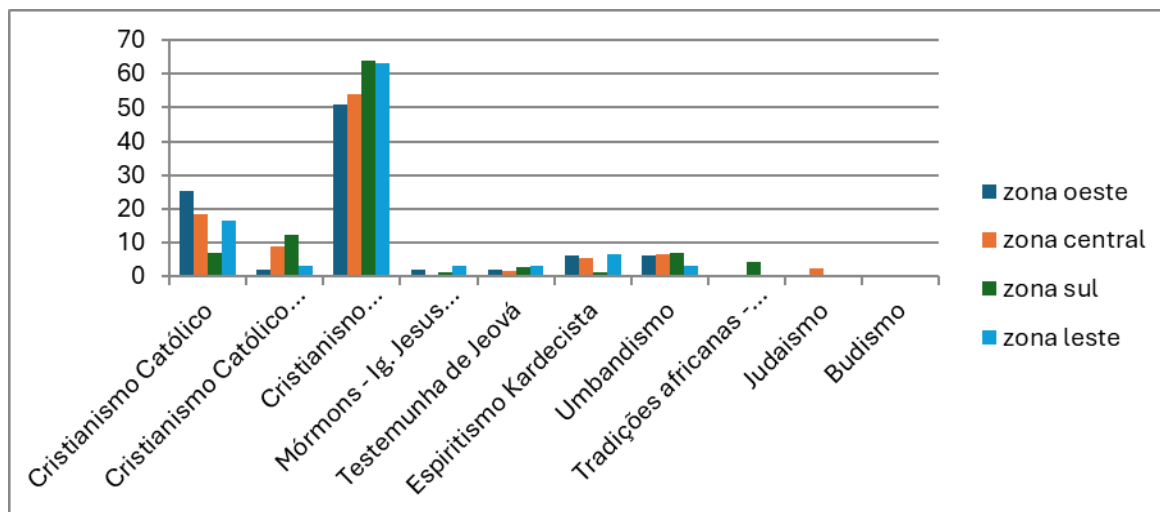
A análise da localização das manifestações religiosas evidencia variedade na composição da paisagem urbana. Siqueira e Sares (2018) ressaltam a presença de mobilidade entre credos, indicando que parte da população frequenta mais de um templo. A pesquisa registrou situações em que indivíduos que se declaram católicos participam também de atividades em centros espíritas ou terreiros de umbanda e candomblé. Fenômenos como múltipla pertença e trânsito religioso aparecem igualmente nos dados censitários analisados por Teixeira e Menezes (2013) em

Religiões em Movimento: o Censo de 2010, reforçando que a identificação religiosa não se limita a filiações exclusivas, mas envolve práticas que atravessam fronteiras institucionais.

No espaço urbano de Poços de Caldas, foram identificadas situações de compartilhamento de locais de culto, como o Templo São Jerônimo – Yle Ase Omo Ayra, que reúne práticas de candomblé e umbanda em um mesmo endereço localizado em área residencial. A coexistência de tradições em um único espaço evidencia arranjos locais construídos pelas comunidades religiosas e formas específicas de organização territorial.

A pesquisa de Siqueira e Sares (2018) estabelece ainda uma relação entre as observações empíricas sobre a distribuição territorial dos templos e os dados do Censo 2010 referentes à declaração religiosa da população. Essa comparação fundamentou a elaboração do Gráfico 1, que apresenta a composição das manifestações religiosas no município e possibilita compreender como o registro espacial dialoga com as tendências censitárias.

Gráfico 1 - Resultado do mapeamento religioso por tradição religiosa e perímetro urbano Poços de Caldas/MG



Fonte: Siqueira, Sares, 2018.

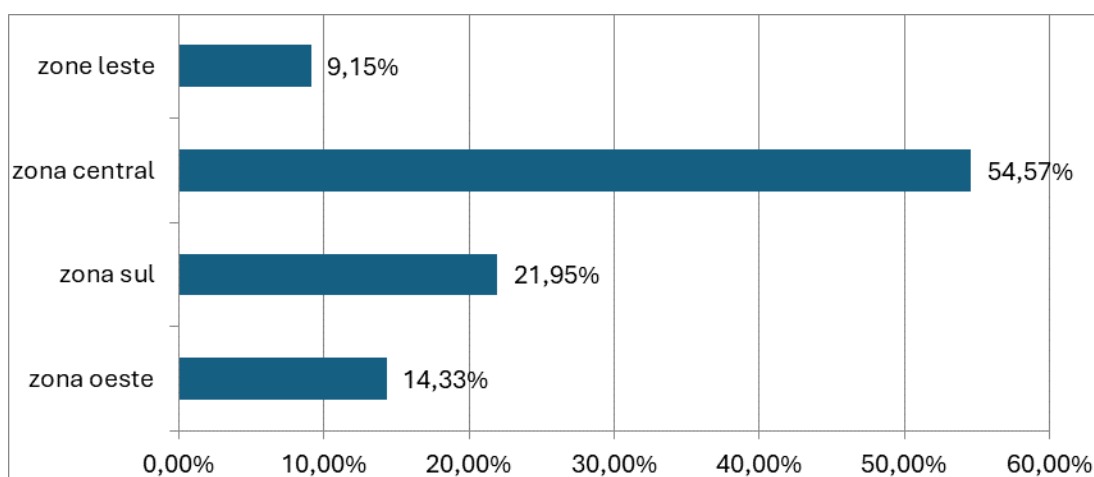
A localização da igreja matriz, dedicada a Nossa Senhora da Saúde, padroeira do município, apresenta uma particularidade relevante: o edifício encontra-se fora do eixo central planejado da cidade. Essa configuração resulta do direcionamento inicial do projeto urbano de Poços de Caldas, voltado prioritariamente

à organização de um núcleo destinado ao atendimento de visitantes que buscavam as águas termais. O centro urbano consolidou-se, assim, em torno de equipamentos voltados ao turismo e ao lazer, como o Palace Hotel, as Termas Antônio Carlos, sua praça adjacente e o antigo Palace Cassino.

Mesmo com essa organização espacial, o mapeamento realizado no perímetro urbano evidencia a presença constante da religiosidade na dinâmica cotidiana da cidade. A distribuição dos templos pelas diversas regiões demonstra que a prática religiosa integra a vida urbana de modo capilar, acompanhando a diversidade de bairros e trajetos percorridos pelos moradores.

O Gráfico 2 apresenta a distribuição dos templos religiosos identificados e destaca a concentração de 54,57% deles na região central. Essa presença significativa indica que, apesar do planejamento voltado ao turismo, o Centro da cidade reúne um conjunto diversificado de manifestações religiosas, configurando uma paisagem marcada pela convivência entre diferentes tradições no espaço urbano.

Gráfico 2 - Resultado do mapeamento religioso (%), por região, no perímetro urbano de Poços de Caldas/MG



Fonte: Siqueira, Sares, 2018.

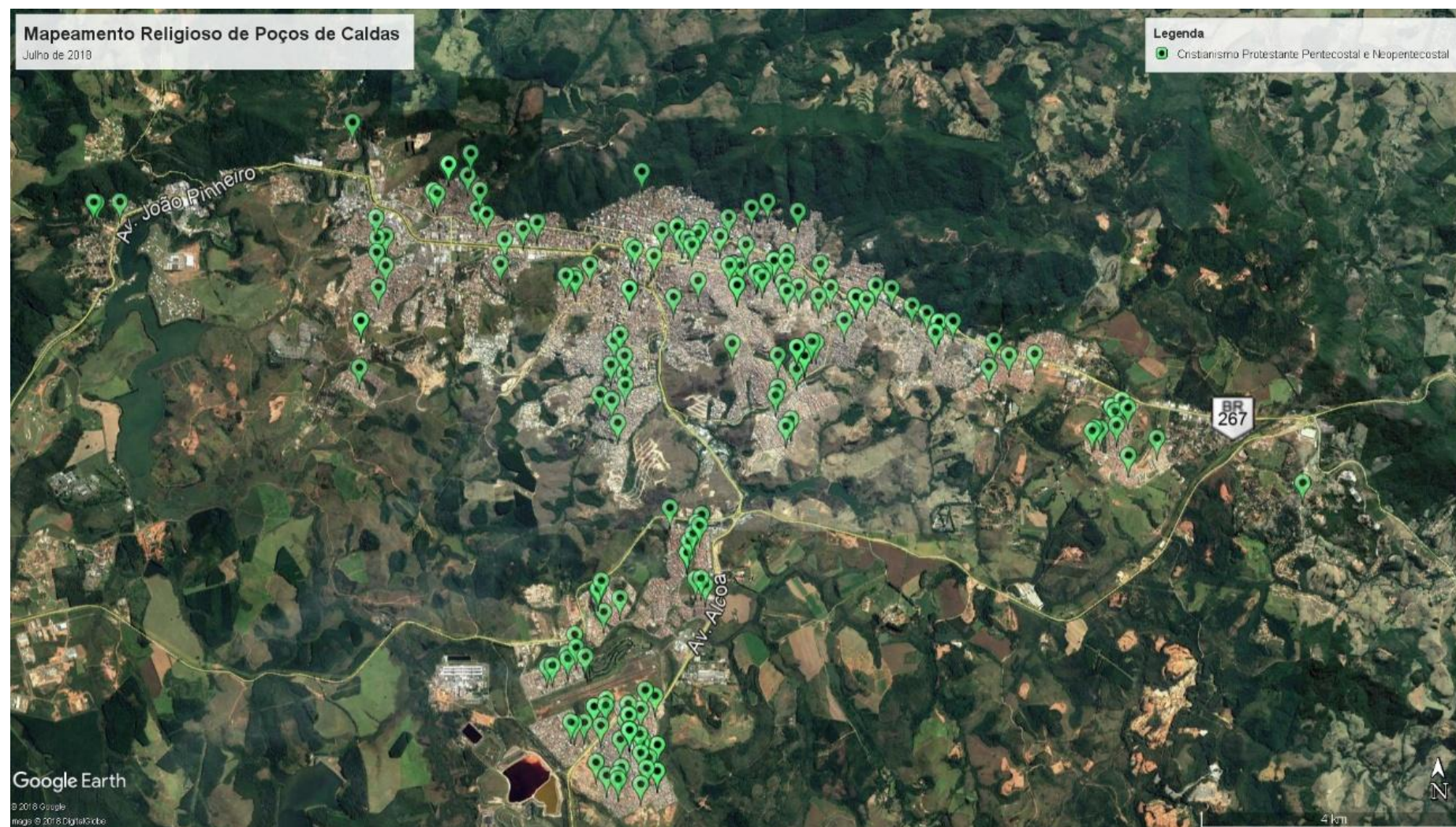
O mapeamento religioso realizado pelo Grupo de Pesquisa Filosofia, Religiosidade e suas Interfaces da PUC Minas, campus Poços de Caldas, nos anos 2017 e 2018, teve como objetivo identificar a localização dos templos existentes no município e as manifestações religiosas presentes no espaço urbano. A investigação considerou a convivência entre dimensões sagradas e profanas em um núcleo urbano diverso e dinâmico, buscando compreender como diferentes tradições se distribuem

na malha da cidade. Os resultados gerais apresentados anteriormente sintetizam esse esforço de registro e análise.

A espacialização observada revela particularidades da formação urbana de Poços de Caldas. Diferentemente de muitas cidades brasileiras, o Centro não se estruturou inicialmente em torno de uma catedral, mas de equipamentos voltados à recepção de visitantes interessados nas águas termais, como o Palace Hotel, as Thermas Antônio Carlos e o antigo cassino. A igreja matriz, dedicada a Nossa Senhora da Saúde, localiza-se fora do eixo central planejado, o que expressa o caráter singular da origem e do desenvolvimento da cidade. A compreensão histórica desse processo contribui para esclarecer a disposição atual dos templos e sua relação com o espaço urbano.

Para a construção dos mapas, as informações coletadas em campo foram sobrepostas ao Google Earth, resultando em uma representação geral da distribuição das manifestações religiosas e em mapas específicos por categoria. Entre as tradições destacadas, aparecem cristianismo protestante pentecostal e neopentecostal, cristianismo católico, cristianismo de missão, espiritismo, umbanda, candomblé e budismo. No Mapa 1, observa-se a presença de manifestações religiosas em todas as regiões da cidade, alcançando inclusive bairros mais distantes. Há concentração maior na região sul, onde se localiza o Conjunto Habitacional e outros bairros populares, configurando um padrão espacial que se distingue pela dispersão territorial e pela inserção capilar dessa manifestação religiosa.

Mapa 1 - Cristianismo protestante pentecostal e neopentecostal



Fonte: Google Earth.

Em continuidade ao mapeamento, observa-se a distribuição do cristianismo católico na cidade no Mapa 2. Seus templos, em geral de maior porte e com construções mais elaboradas, concentram-se predominantemente na região central, acompanhando a configuração histórica do núcleo urbano. Na região sul, área que reúne o Conjunto Habitacional e uma densa ocupação populacional, foram identificados apenas cinco templos católicos. Esse dado contrasta com a presença significativa de igrejas pentecostais e neopentecostais nessa mesma área, indicando padrões distintos de ocupação religiosa no espaço urbano e sugerindo dinâmicas próprias de expansão e inserção territorial entre os diferentes grupos.

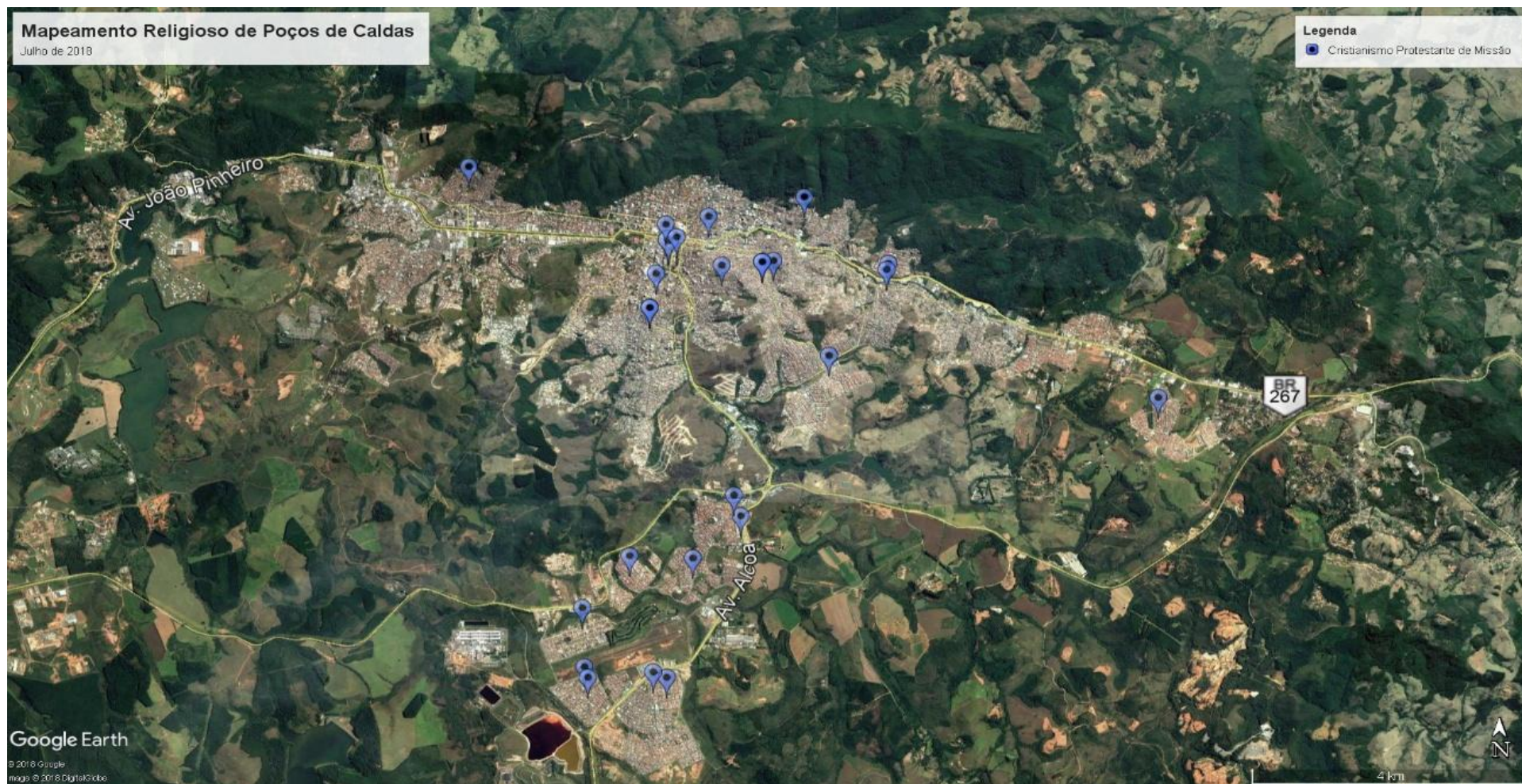
Mapa 2 - Cristianismo católico



Fonte: Google Earth.

O Cristianismo protestante de missão, contido no Mapa 3, apresenta distribuição marcada pela concentração no centro urbano, acompanhando a presença histórica das principais instituições religiosas da cidade. Ao mesmo tempo, observa-se uma inserção expressiva desses templos na região sul, onde o número identificado supera o de templos católicos. Esse contraste evidencia dinâmicas diferenciadas de ocupação territorial entre os grupos cristãos e contribui para compreender a organização espacial das manifestações religiosas em Poços de Caldas.

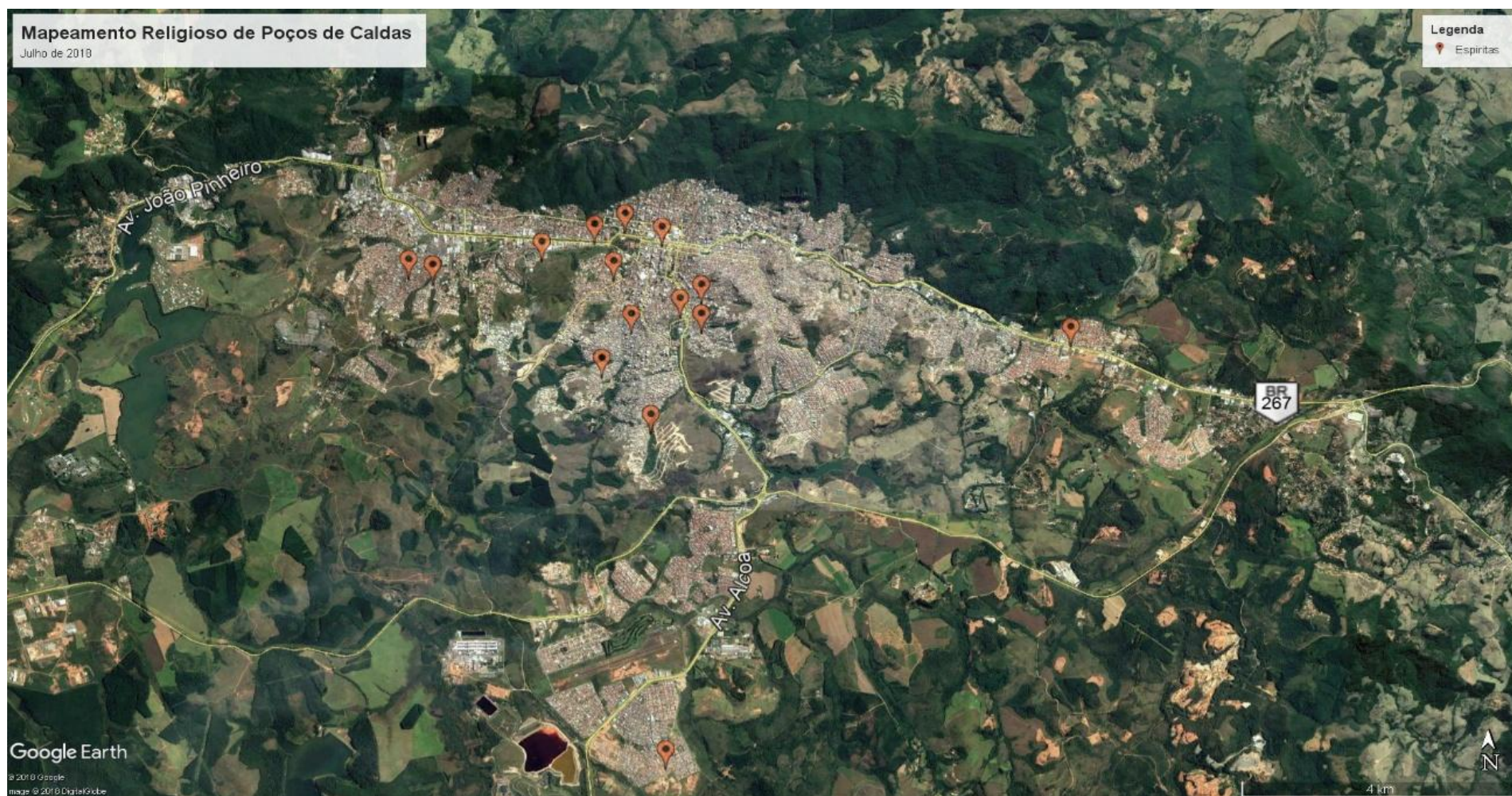
Mapa 3 - Cristianismo protestante de missão



Fonte: Google Earth.

A presença dos templos espíritas, observada no Mapa 4, concentra-se predominantemente na área central da cidade, acompanhando a distribuição dos principais serviços urbanos e das instituições já consolidadas na região. Apenas um templo foi identificado na zona sul, área que apresenta elevada concentração populacional. Esse contraste entre densidade demográfica e distribuição das casas espíritas indica padrões específicos de territorialização dessa manifestação religiosa em Poços de Caldas.

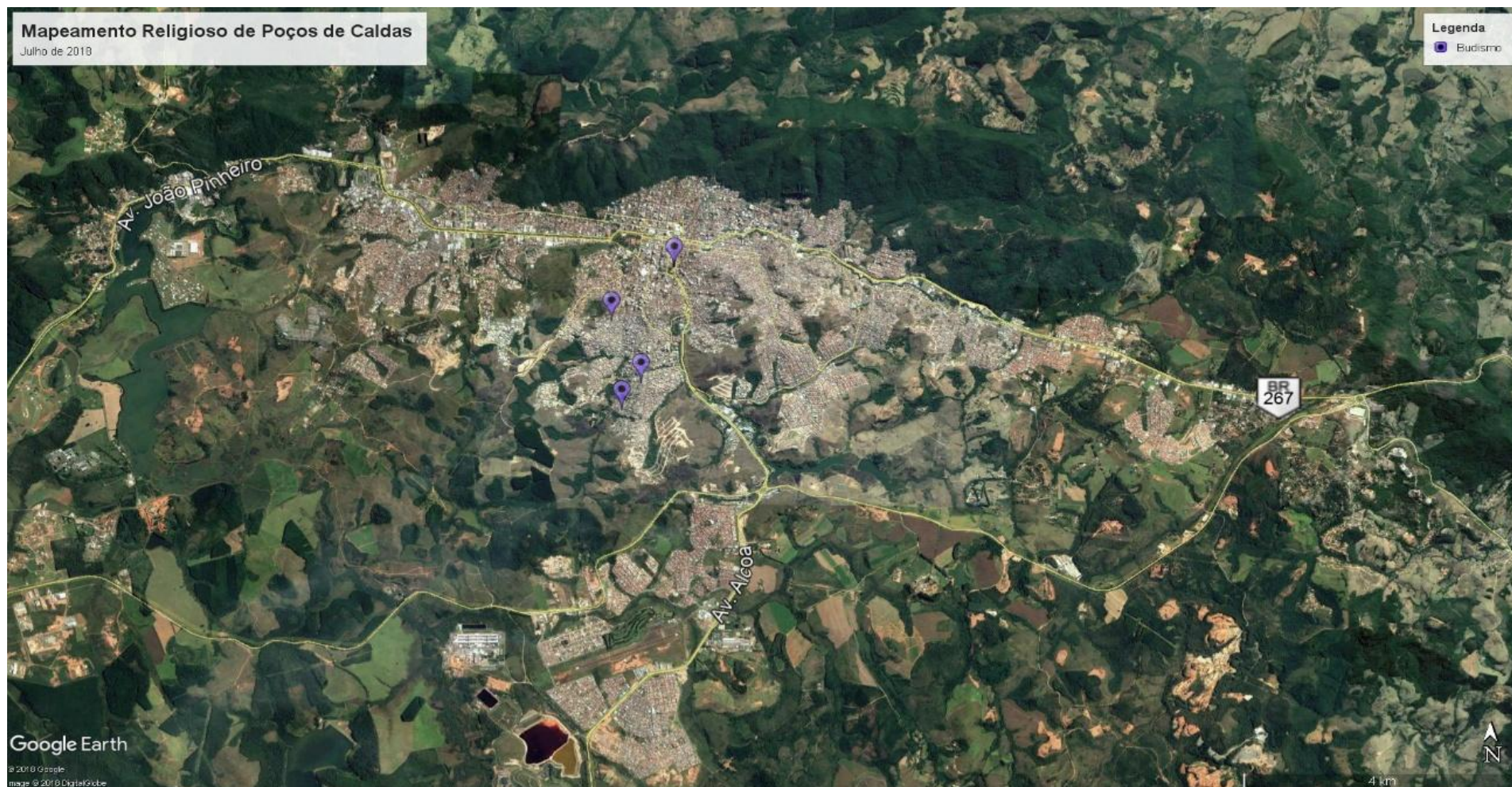
Mapa 4 - Espiritismo



Fonte: Google Earth.

O budismo também compõe o quadro religioso identificado no município, ainda que com menor quantidade de templos quando comparado em comparação com tradições cristãs ou afro-brasileiras. Sua presença indica a inserção de expressões religiosas de caráter transnacional no contexto local e amplia a diversidade observada no mapeamento. O Mapa 5 apresenta a localização dos espaços budistas na malha urbana de Poços de Caldas, possibilitando visualizar sua distribuição territorial e a relação desses pontos com as diferentes regiões da cidade.

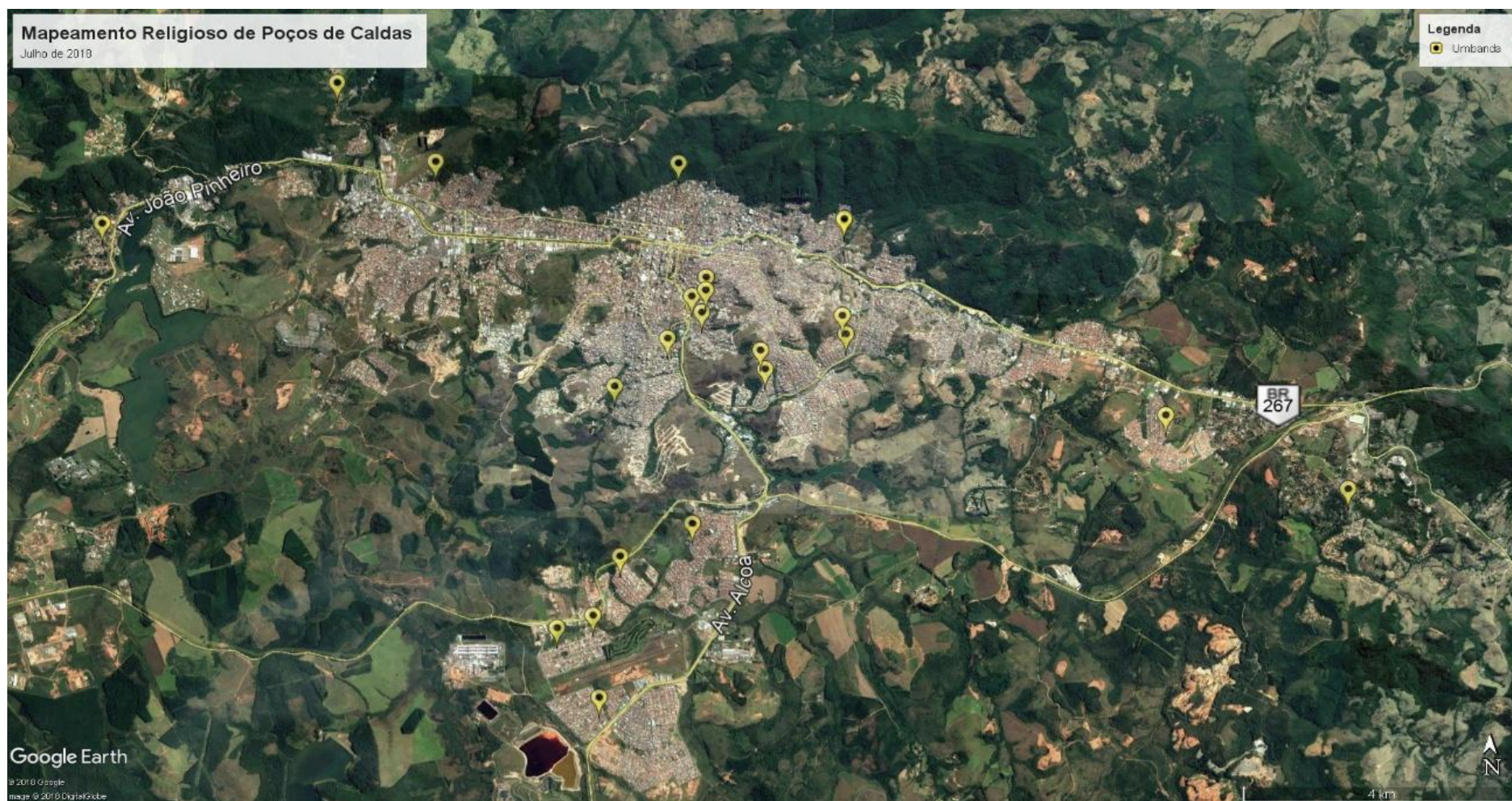
Mapa 5 - Budismo



Fonte: Google Earth.

As manifestações religiosas de matriz africana também integram o panorama identificado no município. No caso da Umbanda, a distribuição espacial evidencia a presença tanto no centro urbano quanto em áreas periféricas, compondo um conjunto que amplia a diversidade religiosa local. O Mapa 6 apresenta a localização desses templos, proporcionando a observação de sua inserção nas diferentes regiões da cidade.

Mapa 6 - Umbanda



Fonte: Google Earth.

O Candomblé também integra o conjunto de tradições religiosas identificadas no município. Sua distribuição espacial revela presença mais periférica, com templos localizados majoritariamente fora do núcleo central da cidade. Apenas um ponto foi registrado na área central, indicando um padrão distinto da Umbanda e das demais tradições mapeadas. O Mapa 7 exhibe essa configuração, propiciando visualizar a inserção territorial do Candomblé no contexto urbano de Poços de Caldas.

Mapa 7 - Candomblé



Fonte: Google Earth.

Referente ao Judaísmo, foi encontrado um local no Centro da cidade identificado para suas reuniões, uma pequena sala alugada, cuja localidade está demonstrada no Mapa 8.

Mapa 8 - Judaísmo

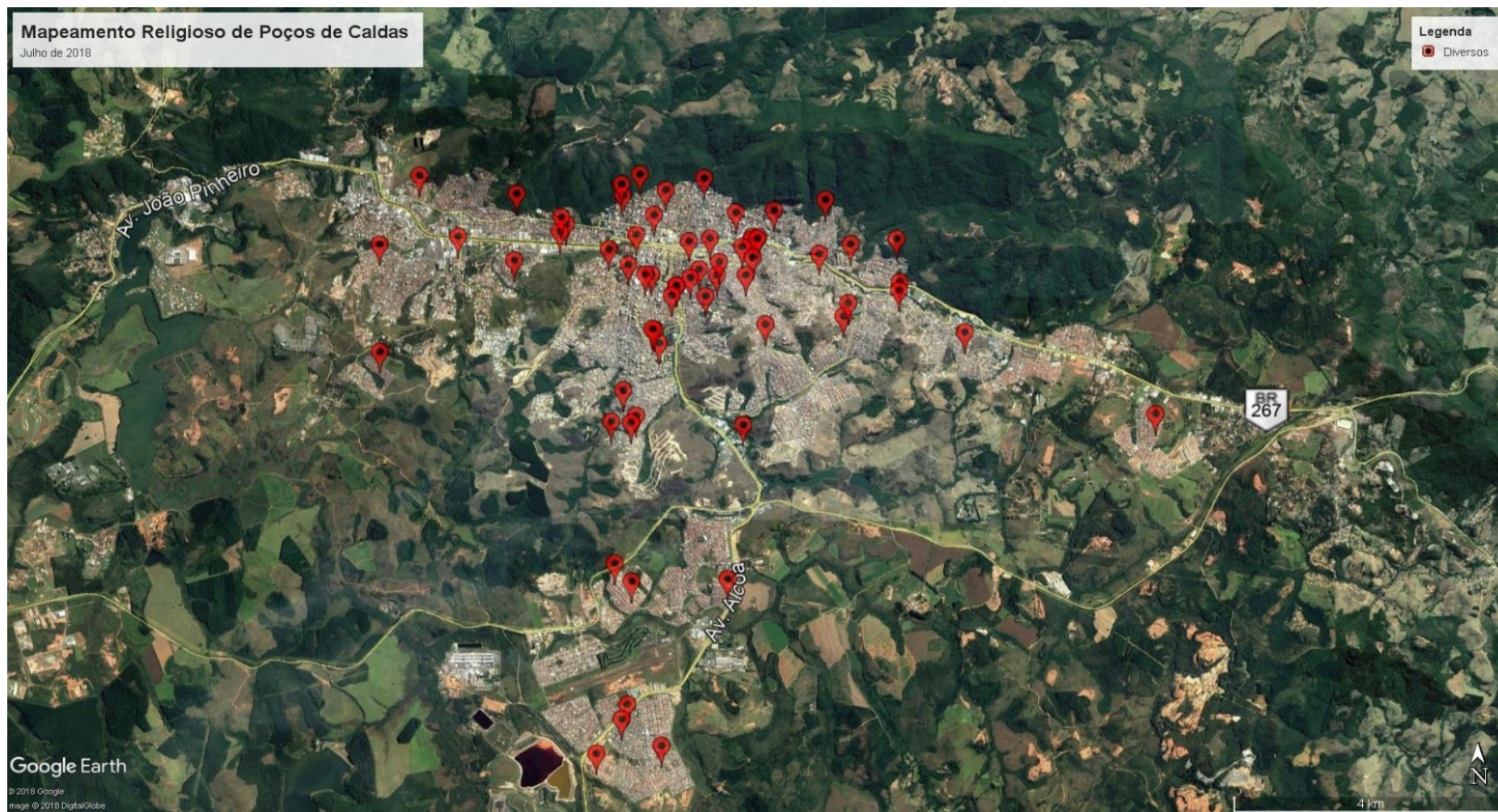


Fonte: Google Earth.

O mapeamento também identificou outras manifestações cuja classificação o ISER classifica como associações religiosas, mas, para o mapeamento deste trabalho utilizou-se a denominação “diversos”. Nesse grupo estão as lojas maçônicas, espaços espiritualistas, terapias alternativas e/ou complementares, benzedadeiras e benzedores, perfazendo 17%, ou seja, 67 pontos mapeados. O Mapa 9 indica os locais identificados.

A visão total da diversidade das manifestações religiosas identificadas pelo mapeamento encontra-se no Mapa 10. Observando-se esse último mapa, verifica-se como a religiosidade está presente na cidade de Poços de Caldas, mesmo sendo relegada a segundo plano pelos idealizadores desta cidade.

Mapa 9 - Diversos



Fonte: Google Earth.

4.4 Análise dos resultados do mapeamento religioso em Poços de Caldas (2017-2018)

O mapeamento realizado em Poços de Caldas entre 2017 e 2018 identificou 395 pontos de manifestações religiosas distribuídos pelo perímetro urbano. Esse levantamento, feito por meio do aplicativo de georreferenciamento C7 Geopontos, possibilitou o registro de templos formalmente instituídos, espaços de culto doméstico, grupos de oração e locais destinados a práticas espiritualistas. A abrangência dos dados evidencia a complexidade do campo religioso local, cuja diversidade se manifesta tanto na presença de tradições consolidadas quanto em expressões recentes, articuladas com distintas formas de organização ritual e comunitária. Essa ampla variação de formatos demandou instrumentos metodológicos capazes de captar diferentes graus de institucionalidade.

A consolidação dos dados revelou predominância de templos vinculados ao Cristianismo protestante pentecostal e neopentecostal, que representou 47% das ocorrências registradas. Esse quantitativo expressivo relaciona-se à dinâmica dessas igrejas, caracterizadas por maior mobilidade institucional, uso frequente de espaços alugados e rápida adaptação aos bairros em expansão urbana. O mapeamento identificou presença significativa desse segmento em áreas de maior adensamento populacional, sobretudo na região sul da cidade, corroborando análises que associam a expansão pentecostal à ocupação de territórios populares e a estratégias de proximidade comunitária.

O Cristianismo católico constitui o segundo maior grupo em número de templos mapeados, com 14% do total, seguido pelo Cristianismo de missão (7%). Embora o número de templos católicos seja menor em proporção ao de igrejas pentecostais, sua distribuição espacial reflete presença institucional consolidada, marcada por edificações de maior porte e por centralidade histórica na conformação religiosa do município. A localização da matriz fora do eixo planejado da cidade ilustra especificidades do processo urbanístico local, em que o turismo termal estruturou a área central, enquanto o espaço religioso ocupou outra região do território.

As tradições espíritas correspondem a 4% dos pontos mapeados, com templos majoritariamente concentrados no centro urbano. Essa distribuição sugere articulação entre local de culto e circulação cotidiana da população, indicando que a

localização central pode favorecer o acesso a atividades de estudo, atendimento ou reuniões mediúnicas. A proporção de templos espíritas observada no mapeamento é superior ao percentual identificado nos dados censitários, resultado que dialoga com características das edificações, geralmente menores, e com o fluxo diversificado de frequentadores.

As manifestações de matriz africana, Umbanda e Candomblé, apresentam, juntas, pouco mais de 11% dos pontos mapeados, com distribuição que combina centralidade e presença em áreas periféricas. No caso da Umbanda, há templos tanto no centro quanto em bairros residenciais. Já o Candomblé mostra localização mais periférica, com apenas um templo na área central. Esses dados evidenciam padrões diferenciados de territorialização vinculados às especificidades rituais e às formas de organização interna de cada tradição.

O Budismo, embora represente 1,01% dos pontos identificados, compõe o conjunto de tradições orientais presentes na cidade e reflete a inserção de referências não cristãs no cenário religioso local. Assim como outras tradições minoritárias, como o Judaísmo, Testemunhas de Jeová e Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, sua presença contribui para ampliar o espectro de práticas e cosmologias encontradas no município, alinhando-o às tendências de pluralização observadas em outras cidades brasileiras.

O grupo denominado Diversos, responsável por 17% dos pontos mapeados, inclui organizações classificadas pelo ISER como associações religiosas. Nele aparecem lojas maçônicas, espaços espiritualistas, centros de terapias alternativas e práticas de cura, além de benzedoiras e benzedores. A concentração desses espaços reforça a expansão de movimentos que articulam espiritualidade, cuidado e terapias integrativas, evidenciando formas de religiosidade que não se enquadram nos modelos confessionais tradicionais. Esse conjunto expressa dimensões contemporâneas do pluralismo religioso e aponta para transformações das fronteiras entre religião, espiritualidade e bem-estar.

A análise espacial indica forte concentração de templos na região central, que reúne 54,57% dos pontos mapeados. Logo depois, a zona sul, com 21,95% das ocorrências, seguida pelas zonas oeste (14,33%) e leste (9,15%). Essa distribuição evidencia que o centro urbano reúne maior diversidade religiosa e concentra edificações de diferentes tradições, refletindo tanto a dinâmica histórica de ocupação quanto a presença de serviços, comércio e circulação cotidiana. Já a zona sul destaca-

se pela instalação de novas igrejas pentecostais, acompanhando o crescimento populacional e o perfil socioeconômico dos bairros.

O mapeamento também possibilita observar fenômenos como múltipla pertença e mobilidade religiosa, identificados por estudos como o de Teixeira e Menezes (2013). Foram registradas situações em que um mesmo indivíduo frequenta diferentes templos, além de espaços compartilhados entre tradições, como locais que abrigam simultaneamente práticas de Candomblé e Umbanda. Esses elementos reforçam a fluidez das fronteiras religiosas no contexto urbano e demonstram formas de vivência religiosa que se articulam com redes de sociabilidade e circulação simbólica.

A comparação entre o mapeamento e os dados censitários indica convergências e distanciamentos entre número de templos e declaração de pertencimento religioso. Enquanto a maior parte da população se declara católica, os pentecostais e neopentecostais predominam em número de templos. Esse descompasso revela diferenciações no modo como cada tradição ocupa o espaço urbano, na frequência aos cultos e no tamanho das edificações, além de indicar estratégias distintas de presença territorial. Ao sintetizar essas dinâmicas, o mapeamento confirma a diversidade religiosa existente em Poços de Caldas e situa o município dentro do panorama mais amplo de transformações do campo religioso brasileiro, constituindo base empírica para as discussões teóricas desenvolvidas na tese.

5 MAPEAMENTO E SUA IMPORTÂNCIA COMO MÉTODO GEOGRÁFICO

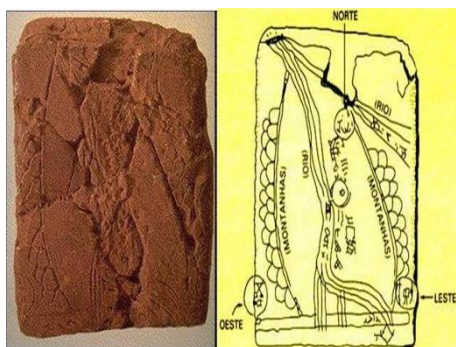
O Mapa é a certeza de que existe O LUGAR, o mapa guarda sangue e tesouros. Deus nos fala no mapa com sua voz geógrafa. (Adélia Prado)¹⁴

Com a análise realizada dos componentes curriculares Geografia e Ensino Religioso, é possível, por meio da linguagem cartográfica e do mapeamento dos locais sagrados identificados num núcleo urbano, realizar a conexão interdisciplinar capaz de atingir as habilidades e conhecimentos propostos pela BNCC.

Cartografia é uma palavra relativamente nova nas ciências, tendo surgido no início do século XIX, inventada pelo historiador português Manoel Francisco de Barros e Sousa, o visconde de Santarém. Segundo Seeman (2013), uma invenção brasileira, porém, historicamente, a representação cartográfica é anterior à invenção da escrita. Conforme Waldman (2018), “não se tem notícia de qualquer grupo humano que tenha descartado o uso de linguagem cartográfica”, no entanto é possível encontrar sociedades que “dispensaram a escrita” como maneira de transmitir conhecimento.

Vários autores e estudiosos da cartografia mencionam o mapa de Ga-Sur (Figura 17) como primeiro a ser descoberto, datado, aproximadamente, entre 2400 a 2000 a.C., uma peça cartográfica elaborada em argila com desenhos em que se pode observar a configuração do vale do rio Eufrates, com representações de regiões montanhosas, possível indicação de assentamento humano e com indicadores cardeais básicos de norte, sul, leste e oeste, mas sem escala.

Figura 17 - Mapa de Ga Sur



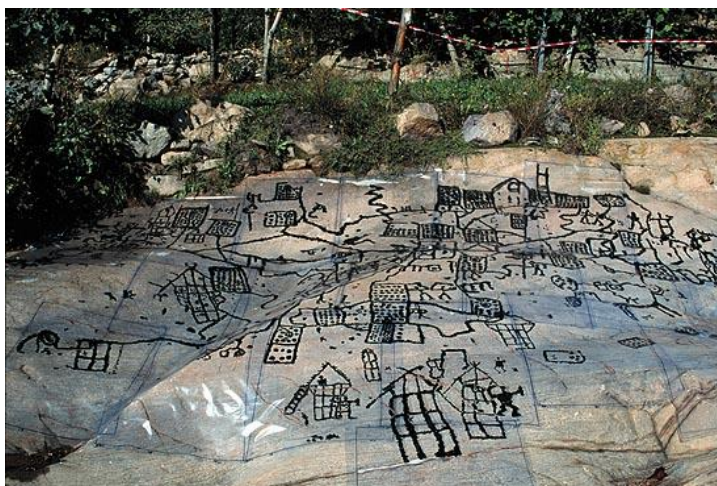
Fonte: Geomundo, 2011.

¹⁴ PRADO, Adélia. Terra de Santa Cruz. Rio de Janeiro: Record; 1981.

Waldman (2018) lembra que este mapa pertence à cultura sumeriana, no período Sargônida, tendo sido encontrado por expedição arqueológica ocorrida em 1930 e 1931 no sítio ancestral de Kirkuk, situado hoje no Curdistão iraquiano.

Além desse, outro mapa foi descoberto em 1932 no norte da Itália, conhecido como o Mapa de Bedolina. Neste caso, como aponta Waldman (2018), a representação cartográfica é uma gravação rupestre que retrata a ocupação humana do Vale Camonica, uma comunidade pré-histórica do primeiro milênio a.C., Idade do Ferro europeia (Figura 18).

Figura 18 - Mapa de Bedolina



Fonte: Bedolina Map. Wikipedia, [s.d.]. Disponível em:

https://en.wikipedia.org/wiki/Bedolina_Map#/media/File:Bedolina_roccia_1_foto_rilievo.jpg. Acesso em : 06/10/2018

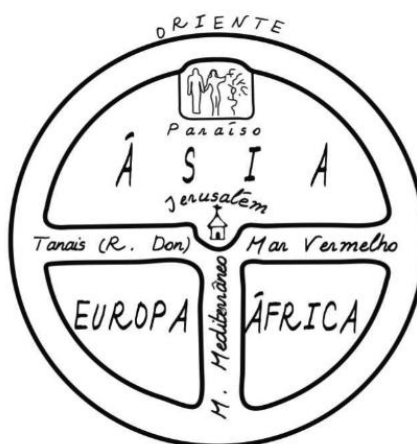
Observa-se, nesse mapa, maior detalhamento da paisagem e da representação espacial, com indicações de caminhos, edificações, bem como formas geométricas que podem identificar campos arados.

Seemann (2013) afirma que trabalhar com mapas vai além de adicionar nomes aos lugares demarcados, visto que é preciso interpretar as representações, não se restringindo às demarcações; é ler o mapa demoradamente, possibilitando a observações de detalhes.

Na Idade Média, um mapa esquemático, exemplificado por Seemann (2013) para explicar que o mapa deve ser interpretado “como uma forma de comunicação que só pode ser compreendida dentro do seu próprio contexto”, o Mapa

de Roda (Figura 19), também denominado “T no O”, ilustra mistérios religiosos e acontecimentos históricos numa narrativa visual da história cristã, tendo como fundo informações geográficas sem as preocupações modernas da convenção cartográfica de escala, projeção e legenda, com formas simples dos traços que representam massas terrestres dos continentes Ásia, Europa e África, mas também os três filhos de Noé – Sem está representando pela Ásia (parte maior ao primogênito); Cam, pela África e Jafé, pela Europa. Dois grandes rios, possivelmente o Nilo e o Tanais (atual Don da Rússia), dividem os continentes e, ao centro, a cidade de Jerusalém, como representação da Bíblia.

Figura 19 - Mapa de Roda



Fonte: Seeman, 2013, p. 35.

Interessa observar o formato em T, o que pode ser interpretado como a fé cristã, representada pelo símbolo da cruz, e as três partes, o dogma da Santíssima Trindade. Dessa maneira, Seeman frisa a importância de conseguirmos ter uma leitura entre as linhas de uma representação de artefatos antigos, pois seu conteúdo precisa ser contextualizado como manifestações humanas. A falta desse entendimento é a causa da não compreensão de mapas antigos, medievais, também denominados primitivos, além de outros desenhos rejeitados cartograficamente.

Uma observação muito interessante realizada pelo antropólogo Maurício Waldman (2018) é que existem contestações e controvérsias referentes aos “mais antigos dos mapas”, porque as escavações arqueológicas, bem como os estudos da história da cartografia, foi, em geral, patrocinadas por instituições europeias e norte-americanas, que indicam preferências por sítios prestigiados, segundo ele, pelo

“universo acadêmico ocidental, caso do Egito, Oriente Médio e nações ocidentais como a Grécia e a Itália”. Essa condução de estudos resulta num desconhecimento da produção cartográfica de povos e culturas da África Negra, Ásia Central, Oceania, extremo oriente e das Américas, que, para ele, são locais “relegados à periferia do sistema global”.

Sua crítica é exemplificada pelas sociedades tradicionais africanas, que, “séculos antes do contato com os europeus”, já demarcavam linhas de fronteiras entre reinos e regiões, usavam a métrica para indicar distâncias e percursos e temas cartográficos diversos e múltiplos de compartimentação territorial.

Waldman (2018) destaca a existência de “múltiplos sistemas de orientação e de rica variedade de peças cartográficas” africanas, cujo destaque é o mapa do Reino Luba, atual República Democrática do Congo, cuja reprodução dos desenhos se reporta a moradas de espíritos, árvores sagradas, câmaras de iniciação e a localização de cerimoniais da corte de Luba. Trata-se de uma representação destoante do conhecimento ocidental.

Em recente publicação sobre o poder através dos mapas, Cunha e Ferreira (2025) lembram que, com os avanços dos conhecimentos de geometria e da matemática dos séculos XVII a XIX, a cartografia passou a ser mais rigorosa e objetiva; no entanto, os cartógrafos “continuam a transpor para os mapas as estruturas sociais do poder vigente” (p. 28). Ilustram suas observações com levantamento de mapas históricos com representações indicativas de poder vigente em épocas diversas (Cunha; Ferreira, 2025), além de informarem a existência do uso de projeções cilíndricas centradas, que distorcem a dimensão do plano, representando Europa, África e América com dimensões semelhantes, mesmo sabendo-se que a Europa é quase duas vezes menor que a América do Sul. Em síntese, os autores destacam que os métodos de representação cartográfica evoluíram nos últimos três séculos, principalmente com o avanço tecnológico, que proporciona uma representação cada vez mais dinâmica, com mais exatidão geográfica.

Para eles:

a cartografia contemporânea define-se por outra característica determinante: a democratização do mapa. Hoje o mapa apoia todas as atividades desenvolvidas no território, do turismo e das simples caminhadas para lazer, à localização de pontos de interesse comercial, educativo e de saúde. O mapa está o nosso computador, no nosso carro e no nosso telemóvel. O mapa é incontornável na vida quotidiana! Por isso, falamos dele, por isso o queremos tecnicamente perfeito, mas também desenhado com arte e leveza.

Porque o mapa é uma representação do nosso território, dos nossos lugares e das nossas vivências! (Cunha; Ferreira, 2025, p. 29).

Enquanto os autores citados consideram o mapa uma representação de lugares vividos, Seeman (2013) diz que “somos mapeadores da realidade, alguns mais e outros menos”, indicando que a cartografia faz parte da prática social, sendo, portanto, humana. Trabalhar com mapas é ir além de adicionar nomes a lugares demarcados; expressa ideias, conceitos, emoções e atitudes.

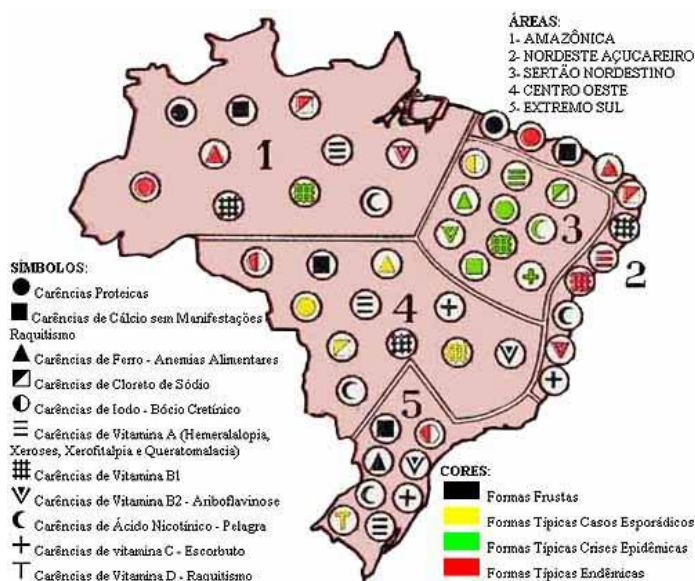
No tocante à compreensão cartográfica infantil, Seeman destaca que mapas e imagens “auxiliam na construção da percepção do espaço, na aquisição do conhecimento e na síntese da informação geográfica” (Seeman, 2013, p. 89).

5.1 Cartografia temática

A cartografia temática desenvolveu-se, segundo Martinelli (2016), com o avanço científico no final do século XVIII e início do século XIX, com o intuito de representar fatos e fenômenos da realidade. No século XX, ela entrou em outra era, a da informática, com o auxílio de satélites, computadores e os novos sistemas de obtenção de dados e informações. Martinelli (2016) observa que “deve existir uma clara conscientização com o fim de avaliá-la permanentemente em seu contexto social... não basta que os mapas respondam apenas à pergunta “onde?”, outras questões devem ser contempladas, como, por exemplo, qual a sua finalidade”.

Nesse contexto, o método cartográfico de espacialização de temas específicos identificados numa dada localidade tem destaque nacional com o estudo da fome no Brasil, realizado pelo médico sanitarista Josué de Castro. Este estudo resultou no livro *Geografia da Fome*, em que o autor explica a incidência da fome em suas várias modalidades no território nacional. Lançado em 1956, o livro ilustra o Brasil separado por regiões e a incidência do fenômeno da fome, como mostra a Figura 20.

Figura 20 - Mapa da fome



Fonte: http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/2005/09/box_andre.htm.
Acesso em: 06/10/2018

Observa-se uma representação diferenciada das regiões do Brasil relacionadas ao tema específico da fome, e os símbolos e as cores utilizados possibilitam entender a ocorrência e o tipo de fome das regiões de maneira a transmitir o conhecimento necessário para a compreensão do fenômeno em questão. Essa representação é muito importante e levou a ONU, por exemplo, à elaboração do Mapa da Fome Mundial.

Outro mapa importante é o da Babilônia, de 500 a.C., confeccionado em argila, representando a concepção de mundo da época. Segundo a historiadora Kantor, foi o cartógrafo alemão Martin Waldseemüller (1475-1522) que elaborou o primeiro mapa do mundo, dividindo a Terra entre oriente e ocidente, em abril de 1507. Foram reproduzidas mil cópias, mas somente uma resistiu ao tempo e se encontra no museu do Congresso Americano. Antes dele, outros povos haviam tentado esboçar uma concepção espacial do mundo, assim como os chineses há 10 mil a.C..

Quando se pretende elaborar um mapa temático, algumas regras básicas são necessárias. De acordo com Martinelli (2003), é preciso “entender que uma representação geográfica – o mapa temático – deve ser concebida como a transcrição das relações que existem entre os objetos, fatos ou fenômenos por relações visuais de mesma natureza”. O autor completa a observação afirmando que “nunca deve ser uma mera ilustração de um contexto geográfico, e sim comparecer como um meio capaz de revelar o conteúdo da informação que norteará o discurso científico”, visto

que, dessa maneira, proporcionará ao leitor uma reflexão sobre o assunto ali representado e possibilitará alcançar conhecimento (Martinelli, 2003).

Nesse contexto, o conhecimento básico da representação gráfica se faz necessário; segundo o autor, é uma linguagem do “universo da comunicação visual” que faz parte da comunicação social.

Algumas recomendações a serem observadas na elaboração dos mapas temáticos incluem: o título deve corresponder ao tema a ser representado; a organização da legenda precisa ter concepção e representação gráfica conveniente ao tema, lembrando que a legenda é o guia de leitura do mapa; a orientação sempre é o norte geográfico; deve-se atentar aos significados dos signos (símbolos); deve-se verificar se o mapa dá a resposta visual imediata às questões que ele representa. Importante destacar que o comentário do mapa precisa reunir informações referentes ao porquê de ele ter sido elaborado dessa ou daquela maneira, e o comentário interpretativo deve mostrar o que revela o mapa. Os detalhes são importantes e podem levar ao desdobramento do tema, resultando numa coleção de mapas.

No caso desta tese, o mapa temático “Manifestações Religiosas da Cidade de Poços de Caldas/MG” resultou numa coleção de mapas, cada um com a representação específica de cada manifestação religiosa identificada durante o mapeamento religioso.

As cores e a textura devem corresponder à temática, sendo recomendado associar as cores de cada manifestação religiosa aos símbolos de indicação da sua localidade. Importante destacar que a legenda é o guia de leitura de um mapa.

O uso da tecnologia propicia uma interpretação visual mais próxima da realidade, novas maneiras de criar um mapa e facilidade de produção. O mapeamento realizado envolveu o uso de novas tecnologias, utilizando-se um aplicativo livre para celular compatível com o sistema Android, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria, tendo sido possível sobrepor as informações numa imagem de satélite do local mapeado por intermédio do Google Earth. Com isso, obtiveram-se mapas com uma nova aparência e dinâmicos que, quando visualizados na internet, possibilitam a aproximação do ponto mapeado.

Martinelli (2003) descreve as atividades que devem ocorrer quando se depara com um mapa temático: leitura, análise e interpretação. A leitura se inicia com o título, que deve conter as informações sobre a que se refere, de onde é e quando essas informações foram coletadas. A legenda deve incluir o significado de cada signo

e sua relação, sendo que o método de representação escolhido precisa estar em consonância com a legenda. A análise passa pelo aprofundamento da leitura inicial, e a interpretação se refere a possíveis explicações baseadas no que se vê.

A eficácia de um mapa é verificável pela resposta visual instantânea que a representação contida nele ocorre. Martinelli (2016) diz que mapas confeccionados para crianças podem explorar as analogias entre as formas e o que elas representam. No atlas proposto, para cada manifestação religiosa mapeada há signos representativos, porém, na categoria cristianismo, foi escolhido um símbolo único, com variação de cores para cada tipo de manifestação cristã.

Referente à textura e à cor dos mapas, aspectos importantes na confecção de mapas, o atlas utiliza imagem de satélite e símbolos religiosos, facilitando a interpretação e a leitura.

No atlas, a mesma representação contará com um desenho livre, como se fosse feito por uma criança. Dessa forma, a criança poderá observar duas maneiras diferentes de representação cartográfica.

5.2 Atlas Geográfico Religioso de Poços de Caldas/MG

Com base no mapeamento realizado em 2017/2018 pelo Grupo de Pesquisa Filosofia, Religiosidade e suas Interfaces, foram identificadas as manifestações religiosas existentes na cidade de Poços de Caldas/MG e proposta a criação de um atlas.

O objetivo principal desse atlas é colaborar, como material didático, com as aulas de Ensino Religioso e Geografia, uma vez que o material sistematiza elementos culturais do município com a visualização cartográfica da configuração das manifestações religiosas na cidade. Lembrando Pereira, Matias e Lima (2017): “a visualização cartográfica deve proporcionar o maior nível possível de interatividade para que ocorra maior interação do usuário com a informação e, por consequência, construção do saber” (p. 740).

Duas representações cartográficas farão parte do atlas. A primeira é resultado direto do mapeamento cuja interface é correspondente ao Sistema Web de Informação Geográfica (Google Earth), e a outra, uma imagem desenhada de forma lúdica pela artista plástica convidada a ilustrar o atlas. Conforme destacam os autores

citados, na construção de um atlas, a inserção de textos livres e o uso de imagens ilustrativas, vídeo e som, no caso de um atlas digital, facilitarão a interatividade e a construção do saber.

As explicações sobre as manifestações registradas serão narradas por uma criança, Sophia, numa linguagem simples, porém baseada nas definições e explicações dos pesquisadores do ISER, do IBGE e de especialistas da área de Ciências da Religião da PUC Minas, bem como de outros peritos que explicam a formação física, geológica, em que a malha urbana se desenvolveu.

A ideia é de que, por intermédio da personagem Sophia, os usuários do atlas aprendam as especificidades geográficas em que a cidade de Poços de Caldas se desenvolveu, e conheçam aspectos culturais da religiosidade presente na localidade. Com isso, ter-se-á um material que apresenta os contextos histórico, geográfico e religioso, representados pela diversidade de manifestações religiosas da contemporaneidade. A identificação dos templos na malha urbana e o reconhecimento de seus principais símbolos e tradições comporão seu conteúdo.

O atlas apresenta o seguinte sumário: apresentação; história da descoberta das águas termais, que levaram o sagrado à região e eram consideradas milagrosas; descrição física da cidade de Poços de Caldas e sua formação geológica (vulcanismo); 13 capítulos dedicados às manifestações religiosas mapeadas; e um mapa com todas as manifestações identificadas.

Como apontado anteriormente, o atlas é apresentado por uma personagem, a Sophia, que simula um diálogo com prováveis leitores infantis. Nesse diálogo, sua abordagem destaca especificidades de cada manifestação identificada pelo mapeamento. Por exemplo, para descrever as manifestações cristãs, ela aparece no bondinho indo em direção ao Cristo Redentor. Todos os capítulos são abertos com uma manifestação religiosa existente em Poços de Caldas.

Cada manifestação religiosa está composta de duas representações, uma com o mapa elaborado e outra com a ilustração da mão da personagem como se estivesse livremente realizando uma colagem, formando um mapa com aplicação do símbolo indicativo das manifestações religiosas.

A princípio, o atlas deverá ser digital, mas poderá, se houver financiamento, ser publicado em papel, bem como se pretende elaborar uma versão inclusiva, em braile, para que crianças com deficiência visual possam identificar e conhecer as manifestações religiosas da sua cidade.

5.2.1 Geografia local

Descrever a geografia do município de Poços de Caldas passa pela explicação sobre a sua formação geológica, ocorrida aproximadamente há 80 milhões de anos. Para isso, foram realizadas pesquisa bibliográfica e entrevistas com a geóloga Ângela Maria Martins Marques dos Santos, que contribuiu com a interpretação dos processos de grande interesse ambiental e geológico ocorridos na região. A especificidade geológica da área, decorrente da sua formação vulcânica, e as características geomorfológicas únicas apresentam uma configuração geomorfológica denominada caldeira vulcânica.

A dificuldade na definição de caldeira vulcânica, bem como de cratera vulcânica, dá-se pelo fato de envolver diversos processos anteriores às atividades geológicas necessárias para que isso ocorra. A caldeira vulcânica é uma cadeia de montanhas em círculo formada quando um vulcão, ao expelir toda a lava quente, deixa uma caverna subterrânea vazia que desaba, formando uma planície fechada envolvida pelas montanhas. No caso específico da cidade de Poços de Caldas ninguém conseguiu ainda definir se houve extravasamento de lava ou vulcanismo estrógeno, característico da saída da lava por um edifício cônico. Houve, sim, atividades vulcânicas, que, ao longo de 80 milhões de anos, foi se desenvolvendo mediante fissuras das quais saía a lava. Discute-se, inclusive, a existência de um cone vulcânico formado nessa região.

Há duas hipóteses a respeito da configuração geomorfológica da região. Segundo a geóloga Ângela, em Poços de Caldas há evidências de que, ao longo 80 milhões de anos, um ou mais vulcões extravasaram, criando um cone. ou dois O mais provável é que tenha ocorrido na região um magmatismo de fissura que chegou à superfície e um magmatismo de alçamento de material fundido, que seria a matéria do interior que subiu como uma grande massa de lava. Prova disso é a presença do sianito, rocha de composição mineralógica formada por feldspato (potássico e plagioclásio) e quartzo, típica de material que já se esfriou antes mesmo de atingir a superfície. O sianito é uma rocha ígnea plutônica (ou intrusiva) que se formou pelo resfriamento lento e pela cristalização do magma dentro da crosta terrestre (não na superfície, como em um vulcão). Esta é uma das hipóteses que buscam entender a configuração da localidade.

O que se pode afirmar é que essa região é um complexo vulcânico. A área não é caracterizada como a de um vulcão, como os Andes, cuja formação é perfeita e onde se observa o edifício vulcânico em que uma face aparece, para quem observa, como um triângulo.

Outra hipótese é a existência de uma série de chaminés vulcânicas que se bascularam (se moveram) juntas. Pode ser que, na região de Poços de Caldas, tenha acontecido o extravasamento de um vulcão, entretanto há pouquíssimas evidências disso. O magmatismo da região se deu lentamente devido à separação dos continentes, que foram fissurando o substrato e gerando material quente que, por ser menos denso, subiu, vindo a escorrer pelas fissuras ou alimentaram um vulcão clássico. Esse material endureceu por fora e, em determinado momento, a câmara subterrânea esvaziada se moveu, cedeu e foi preenchida com o material de superfície que, por sua vez, formou a planície interior do sítio que ficou emoldurado por áreas de terreno mais elevado, com uma composição geológica de rochas mais resistentes.

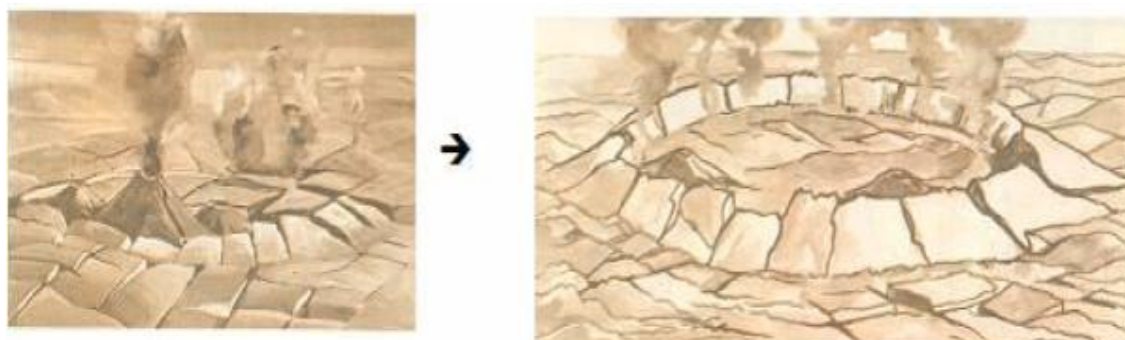
Para a geóloga entrevistada, a história geológica não é simples, pois, para se construir um modelo geológico, são necessários vários anos de estudos, com várias hipóteses e teorias. No caso específico, não houve diversos vulcões ao mesmo tempo com lava, e sim um vulcanismo sianítico. No estado de São Paulo, ocorreu o vulcanismo básico, os basaltos, que formaram as terras roxas que se estendem até o Paraná. As evidências indicam, no entanto, que, em Poços de Caldas, não houve vulcões para expelirem toda lava preta dos basaltos, e sim fissuras abissais que extravasaram o material líquido, pastoso e gaseificado que se formou na subsuperfície por conta da deriva continental. Como se observa, as explicações não são simples, e as explicações técnicas são mais complexas ainda. Vários foram os eventos para que se chegasse ao que hoje se denomina caldeira vulcânica, que nada mais é do que uma feição geomorfológica derivada de uma atividade vulcânica extinta. As evidências em campo indicam essas possíveis ações em tempo geológico.

A geóloga indica utilizar “manifestações vulcânicas” no atlas como termo mais apropriado. Com isso, propõe-se a seguinte explicação: 80 milhões de anos atrás, grandes manifestações vulcânicas aconteceram. Lavas emergiram e alcançaram a superfície, e, quando acabou o material vulcânico quente interno, houve a formação de uma grande caverna que desabou, formando a planície onde está a cidade, que ficou com as montanhas no entorno.

Ângela explica que as montanhas ao redor da grande caldeira são grandes diques formados pela massa magmática que se soergueu de maneira reta onde a fratura é quase perpendicular. Essa massa cortou o material que já estava fissurado e menos resistente, subindo como diques, retos, formando rochas mais resistentes que se tronaram montanhas circulares.

A descrição da geóloga Ângela corrobora a hipótese evolutiva descrita por Leinz (1998), citado no trabalho de mestrado de Alberti (2008) sobre o processo do vulcanismo da Idade Mesozoica em rochas encaixadas que colapsaram na parte central, formando uma grande caldeira com aproximadamente 30 quilômetros de diâmetro (Figura 21). Cabe lembrar que um detalhamento desse processo foi realizado por Holmes (1992), indicando manifestações vulcânicas do Cretáceo Superior (87 milhões de anos atrás), evoluindo em fases até 60 milhões de anos atrás.

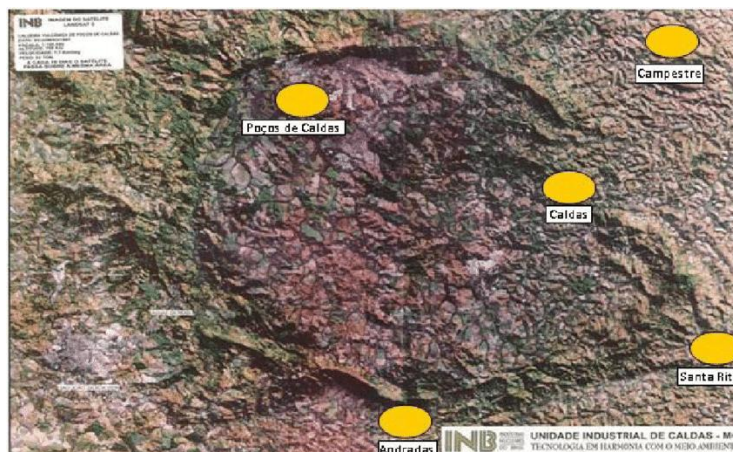
Figura 21 - Formação hipotética do planalto de Poços de Caldas/MG



Fonte: Leinz, 1998, *apud* Alberti, 2008.

A Figura 22, uma imagem de satélite, mostra a denominada caldeira vulcânica que abriga os municípios de Poços de Caldas, Caldas, Pocinhos e Andradas.

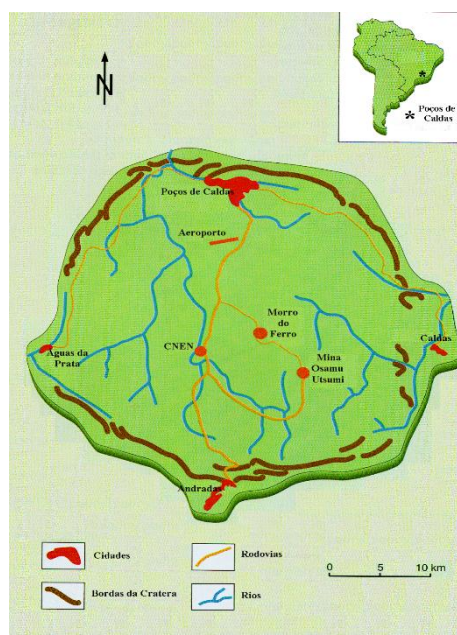
Figura 22 - Caldeira vulcânica



Fonte: Imagem de satélite Landsat 5, 1 de junho de 1997. *Download Scientific Diagram*
<https://share.google/SH7OuPqL05CBupSFI>.

A tese de Cipriani (2002) traz uma ilustração (Figura 23), adaptada pelo autor, da caldeira vulcânica para melhor entendimento da sua formação.

Figura 23 - Caldeira vulcânica



Fonte: Cipriani, 2002.

Quanto às águas termais, a geóloga Ângela relata que se desenvolveram bem depois. Como as manifestações vulcânicas provocam vários episódios de formação de rocha, e devido à variação brusca de temperatura entre a lava (800 a 1.000 graus) e a superfície (que é bem mais fria), há o choque térmico. Quando a lava atinge a superfície, resfria-se rápido, formando rochas muito quebradas. Com isso, a

água da chuva penetra mais profundamente e se esquentam, retornando, posteriormente, como água termal. No caso da cidade de Poços de Caldas, as águas da chuva penetram a uma profundidade de 350 metros, aquecem-se, dissolvendo sais das rochas, e sobem lentamente para surgir nas fontes termais. A surgência das águas termais é superficial.

Essa explicação deve estar presente no atlas, visto que foi pelas “águas milagrosas” que a religiosidade chegou à região.

5.2.2 Símbolos

“Os símbolos são o coração da identidade cultural, passando informações sobre todos os aspectos da vida” (O’Connell; Airey, 2010).

Os símbolos estão presentes em todas as culturas humanas, estruturas sociais e religiosas, que trazem informações da visão de mundo e do cosmo em que o homem está inserido.

O’Connell e Airey (2010) citam o sábio chinês Confúcio, segundo o qual “os signos e símbolos governam o mundo, não as palavras e as leis”. Em *Sinais e Símbolos: origem, história e significado*, faz a mesma citação: “os sinais e os símbolos regem o mundo, não as palavras ou as leis”. A diferença está nos verbos utilizados: reger e governar, que, apesar de sinônimos, apresentam uma diferença significativa entre si. Reger tem um sentido mais amplo de orientar, e governar tem o sentido de administrar. Essa publicação também afirma que o simbolismo é uma forma de linguagem universal e antiga, de comunicação internacional que transcende as barreiras históricas, nacionais, culturais, linguísticas e religiosas.

A palavra “símbolo” (*symbolon*), símbolo? originada do verbo grego *symballein*, significa juntar, reunir, mas que também é usado com o sentido de ocultar ou encobrir, foi encontrada pela primeira vez no Egito, num selo de chumbo utilizado como uma marca de identidade. Becker (1999) diz que *sybmbolum* significa também “os artigos de fé de uma comunidade religiosa resumidos em poucas afirmações fundamentais, com o qual (*sic*) sempre estava associado algo misterioso, um *arcano*” (Becker, 1999, p. 5).

Rosa (s/d) afirma que o simbolismo “nasce da necessidade que o homem tem de atribuir um significado ou conferir identidade a cada coisa – interna ou externa – que ele experimenta” (p. 9). Tanto no Oriente quanto no Ocidente, “o simbolismo é parte essencial da cultura”. Os símbolos são componentes do conhecimento artístico, científico, filosófico e religioso, sendo, segundo a autora, “indispensável à divulgação desse conhecimento”.

Referente às manifestações religiosas, a simbologia é considerada por Rosa (s/d) uma linguagem básica. No esoterismo, a simbologia é complexa; quem não tem o conhecimento de sua interpretação não consegue entender o significado das informações que os símbolos transmitem, como no caso da Maçonaria, Teosofia e Rosacruz.

Cabe a lembrança de que as pinturas rupestres, os primeiros indícios dos símbolos utilizados pelo homem, retratam o cotidiano com desenhos de animais e outras formas, como círculos e espirais. Os símbolos religiosos são diversos, com significados diferentes de acordo com a crença.

Neste curto contexto, o atlas apresenta os símbolos das manifestações religiosas identificadas na cidade de Poços de Caldas de maneira que o estudante possa identificá-las por meio de seus símbolos.

Para o cristianismo, escolheu-se a cruz latina, com braços mais curtos e deslocados para cima, que “se tornou o símbolo central do cristianismo” (O’Connell; Airey, 2010, p. 109). O que distinguirá o tipo de manifestação cristã será a sua cor. A escolha da paleta de cores se deu a partir de uma reunião com parte dos integrantes do Grupo de Pesquisa Filosofia, Religiosidade e suas Interfaces, cujo intuito foi facilitar a visualização do mapa geral composto de todas as manifestações religiosas.

A escolha dos símbolos representativos de cada manifestação religiosa para a indicação nos mapas temáticos do atlas encontra-se no Quadro 7.

Quadro 7 - Símbolos e religiões correspondentes

Símbolo	Manifestação religiosa
	Cristianismo
	Espiritismo kardecista
	Umbanda
	Candomblé
	Judaísmo
	Budismo
	Diversos
	Religiões orientais

Fonte: elaborado pela autora.

A videira que simboliza a plenitude e a vida para os espíritas kardecistas. Segundo o *Dicionários de Símbolos*, de Udo Becker (1999), na Grécia a videira era consagrada a Dionísio, em referência aos seus mistérios.

A Umbanda, religião brasileira, tem como símbolo um sol, que simboliza iluminação, vitalidade e conhecimento, com uma imagem que, a princípio, remete a um pássaro, porém pode representar uma pessoa alada, voando em direção à evolução, segundo seus adeptos.

No caso do Candomblé, escolheu-se como representação a imagem de um búzio, artefato utilizado desde para decoração em altares até a rituais de adivinhação,

embora a tradição da adivinhação com búzios tenha origem na Turquia,¹⁵ como conhecimento transmitido quando a África foi invadida pelos turcos. Os africanos iniciaram o jogo associando-o aos Orixás para fazer as adivinhações. Os adeptos do candomblé passam por um atendimento particular com o babalorixá (pai de santo) ou a ialorixá (mãe de santo), que joga os búzios para saber qual é o Orixá de cabeça do consulente.

Para simbolizar o Judaísmo, foi escolhida a estrela de Davi, que, segundo as informações obtidas na publicação *Almanaque Ilustrado – Símbolos* (O’Connell; Airey, 2010), também é conhecida como selo de Salomão ou pentagrama, pelas tradições místicas.

Para o Budismo, o símbolo para identificar locais em que os adeptos do budismo de Poços de Caldas se encontram é a roda do Dharma, que significa a roda da existência ou a lei de Buda, que levam ao caminho interior, à iluminação.

As religiões orientais encontradas durante o mapeamento estão representadas pelo símbolo Ying Yang.

Na classificação estabelecida pelo mapeamento, um grupo de manifestações consideradas religiosas foi denominada “diversos”, contendo desde benzedeadas e benzedeiros a cartomantes, casas espiritualistas, maçonaria, aplicação de Reiki, locais que realizam cirurgias espirituais, pontos de encontro de bruxas etc. Para representar esse grupo, escolheu-se uma lupa, que é o símbolo do Grupo de Pesquisa Filosofia, Religiosidade e suas Interfaces, representando a visão minuciosa de todas as maneiras de se ligar ao sagrado.

5.2.3 Processo de criação

Um grande desafio é a elaboração da cartografia escolar, cujas pesquisas e estudos vêm se desenvolvendo desde 1995, segundo Almeida e Juliasz (2014). Para as autoras, “a cartografia aparece como linguagem mediadora para a construção dos conceitos geográficos”, possível mediante uma aula em que se utiliza a cidade com a localização de estabelecimentos. O atlas proposto se coaduna com as

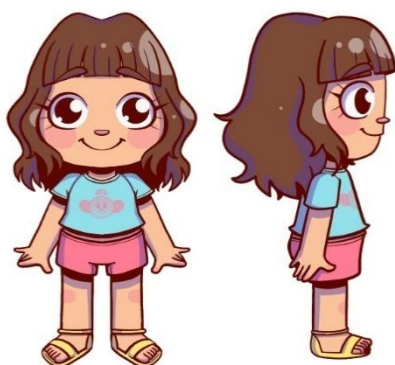
¹⁵ A HISTÓRIA dos búzios. *Vida tarot*, [s.l.], 14 outubro 2019. Disponível em: <https://blog.vidatarot.com.br/historia-dos-buzios/>. Acesso em: 20 out. 2022

pesquisadoras citadas, pois utiliza a cidade, porém com a localização de templos religiosos, possibilitando, por meio da cartografia, trabalhar conceitos geográficos com o ensino religioso: a interdisciplinaridade pela cartografia temática.

A proposta da interdisciplinaridade aqui se apresenta na materialização e no contexto sugerido, ou seja, o atlas, ilustrado de modo lúdico por meio de uma personagem infantil denominada Sophia, que conta como foi a criação da cidade de Poços de Caldas, descreve as características físicas importantes que atraíram a religiosidade à cidade e apresenta as manifestações religiosas encontradas mediante o mapeamento religioso realizado nos anos de 2017 e 2018.

Com a ajuda e troca de experiência da ilustradora e artista plástica Marina P. Mariano, foi possível materializar as ideias desenvolvidas nesta tese. A narradora do atlas, a personagem Sophia, encontra-se na Figura 24.

Figura 24 - Sophia



Fonte: Marina P. Mariano.

Alguns ensaios foram realizados para a escolha da capa do atlas. A Figura 25 retrata algumas propostas, sendo que a escolha foi a personagem apontando para o mapa; porém a última figura foi escolhida para a página que indicará as manifestações referentes ao cristianismo, que retrata bem a cidade com seu Cristo Redentor no alto da Serra São Domingues, uma unidade de conservação de proteção integral municipal.

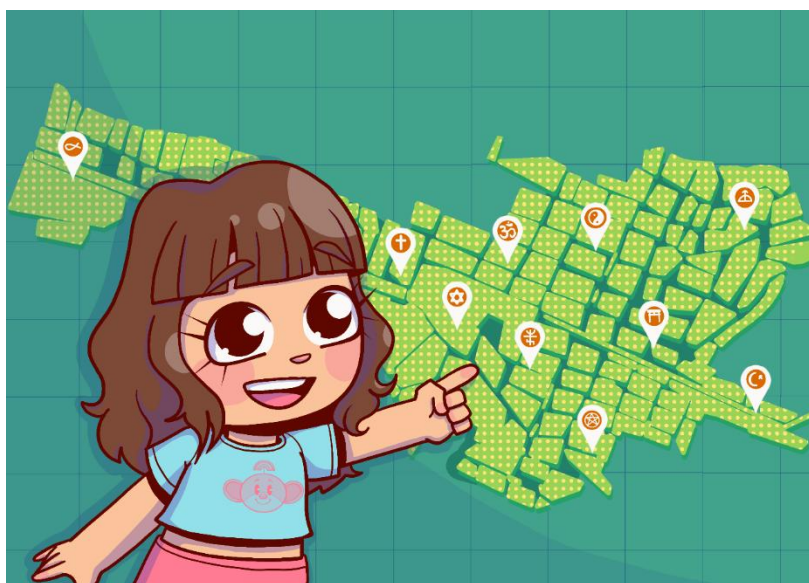
Figura 25 - Propostas de capa



Fonte: Marina P. Mariano.

Na capa, o mapa do núcleo urbano da cidade foi ilustrado com pinos indicativos de localização e símbolos de diversas manifestações religiosas, cujo resultado pode ser observado na Figura 26.

Figura 26 - Capa escolhida



Fonte: Marina P. Mariano.

Um grande desafio foi escolher a linguagem adequada, pois ela deveria ser simples, direta e compreensível. A personagem teria que conversar com a criança e, por intermédio da ilustração, transmitir conhecimento sobre a religiosidade e a geografia existentes na cidade em que a criança mora.

Além da linguagem, há os símbolos, a representação da personagem no ambiente religioso diverso, de modo que a visualização transmita características

proeminentes e correspondentes à manifestação religiosa que se quer identificar. Os esboços mostrados na Figura 27 mostram esse desafio.

Para descrever a Umbanda, a personagem está tocando atabaque na festa de Cosme e Damião, ou Ibeji, que é o termo correto. Para retratar o Espiritismo kardecista, Sophia está observando Chico Xavier psicografando, médium que melhor representa essa religião no Brasil. No Catolicismo, Sophia está rezando o terço e, no Protestantismo, lendo a Bíblia. No Candomblé, Sophia observa o jogo de búzios de uma mãe de santo. Para o Budismo, a personagem está em estado de meditação, em busca do nirvana.

Nos pentecostais, algumas opções foram analisadas: a primeira seria Sophia usando um véu, típico das mulheres da Congregação Cristã; outra posição representativa é a imposição das mãos na cabeça de uma pessoa orando por ela. A escolha, porém, foi a personagem de mãos elevadas cantando louvores, gesto comum a diversas manifestações neopentecostais.

Em outras manifestações religiosas, os destaques foram as benzedeadas, pela sua presença e trabalho desenvolvido na sociedade poços-caldense.

Na parte geográfica do atlas, o foco está na explicação da formação geológica da área onde se estabeleceu o município de Poços de Caldas, e, para isso, como apontado anteriormente, consultou-se a geóloga Ângela Maria Martins Marques dos Santos para explicar como se deu essa formação. Na ilustração, a personagem Sophia observa uma maquete com diversos processos do vulcanismo, forma encontrada para melhor entendimento da criança do que seria uma manifestação vulcânica. Sobre as águas termais, a ilustração conta com a presença dos dois portugueses que descobriram a surgência delas com pessoas se banhando na água quentinha.

As Figuras 27 e 28 mostram dois esboços das ideias que foram sendo desenvolvidas no decorrer do trabalho de estruturação do atlas. Esse processo demandou consultas a materiais didáticos, estudos e pesquisas sobre as manifestações religiosas encontradas na cidade de Poços de Caldas, bem como visitas a templos mapeados para se obterem imagens que poderiam ser ilustradas, como a participação na festa de Cosme e Damião num Centro de Umbanda.

Esse processo de criação exigiu também várias conversas explicativas com a artista plástica sobre como ocorrem as orações, as reuniões, quais símbolos e características diferenciam cada manifestação religiosa identificada na cidade, bem como onde deveriam estar as ilustrações. Interessante destacar que a ilustradora

idealizou os desenhos com base em suas lembranças de quando era criança: foi abordada na rua por um missionário mórmon e diversas vezes foi acordada aos domingos por Testemunhas de Jeová tocando a campainha de sua casa para oferecer uma revista.

Figura 27 - Esboço das ilustrações



Fonte: Marina P. Mariano.

Figura 28 - Esboço em construção



Fonte: Marina P. Mariano.

No Apêndice, encontra-se o atlas em sua primeira versão para análise e conhecimento.

Finalizando, interessa lembrar que as primeiras publicações dedicadas ao ensino para a escola básica se deram em 1821, mediante edições particulares de obras cuja ênfase era o ensino religioso. A influência da religião é observada desde o início do ensino no país, o que levou os primeiros livros didáticos nacionais a conterem conteúdo religioso em destaque, além de Geografia, História de Portugal e História nacional. O método usado no início foi o catequético, por meio de perguntas e respostas, como apontado no artigo de Sarah Schmidt que trata dos primeiros livros didáticos no Brasil (Schmidt, 2021).

CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi analisar a configuração espacial das manifestações religiosas observadas no perímetro urbano do município de Poços de Caldas, Minas Gerais, por meio do mapeamento do fenômeno religioso entre os anos de 2017 e 2018, e apresentar um Atlas Geográfico Religioso do município.

O mapeamento, feito com o auxílio do aplicativo de georreferenciamento C7 Geopontos, possibilitou identificar 395 pontos de manifestações religiosas distribuídos pela área de estudo. Foram registrados templos formalmente instituídos, espaços de culto doméstico, grupos de oração e locais destinados a práticas espiritualistas. A abrangência dos dados propiciou evidenciar a complexidade do campo religioso local, cuja diversidade se manifesta tanto na presença de tradições consolidadas quanto em expressões recentes, articuladas com distintas formas de organização ritual e comunitária.

No cômputo geral, a consolidação dos dados revelou a predominância de templos vinculados ao Cristianismo Protestante Pentecostal e Neopentecostal, que representam 47% das ocorrências registradas e se caracterizam por apresentar maior mobilidade institucional, como o uso frequente de espaços alugados, significativa presença do segmento em áreas de maior adensamento populacional, sobretudo na região sul de Poços de Caldas, e rápida adaptação aos bairros em expansão urbana. Tais dados são corroborados em estudos que associam a expansão pentecostal à ocupação de territórios populares e a estratégias de proximidade comunitária.

O Cristianismo Católico constitui o segundo maior grupo em número de templos mapeados, com 14% do total, seguido pelo Cristianismo de Missão (7%). Como apontado anteriormente, embora o número de templos católicos seja menor em proporção ao de igrejas pentecostais, sua distribuição espacial reflete uma presença institucional consolidada, marcada por edificações de maior porte e por centralidade histórica na conformação religiosa do município. A localização da matriz fora do eixo planejado da cidade ilustra especificidades do processo urbanístico local, em que o turismo termal estruturou a área central, enquanto o espaço religioso ocupou outra região do território.

Com base nas manifestações religiosas de tradições espíritas, como, por exemplo as vertentes de forte influência europeia, foram registrados 4% dos templos

majoritariamente concentrados no centro urbano. Essa distribuição sugere articulação entre local de culto e circulação cotidiana da população, indicando que a localização central pode favorecer o acesso a atividades de estudo, atendimento ou reuniões mediúnicas. A proporção de templos espíritas dessa natureza foi observada no mapeamento como superior ao percentual identificado nos dados censitários, resultado que dialoga com características das edificações, geralmente menores, e com o fluxo diversificado de frequentadores.

As manifestações de matriz africana, Umbanda e Candomblé, apresentam, juntas, pouco mais de 11% dos pontos mapeados, com distribuição que combina centralidade e presença em áreas periféricas. No caso da Umbanda, há templos tanto no centro quanto em bairros exclusivamente residenciais.

Os espaços da manifestação identificada como Candomblé estão sobretudo localizados em regiões mais periféricas que as da Umbanda e de outras de tradições espíritas, havendo apenas um templo na área central. Esses dados evidenciam padrões diferenciados de territorialização vinculados às especificidades rituais e às formas de organização interna de cada tradição.

O Budismo, com 1,01% dos pontos identificados, compõe o conjunto de tradições orientais presentes na cidade e reflete a inserção de referências não cristãs no cenário religioso local. Da mesma forma, a ocorrência de outras tradições minoritárias, como o Judaísmo, Testemunhas de Jeová e Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, contribui para ampliar o espectro de práticas e cosmologias encontradas no município, alinhando-se às tendências de pluralização observadas em outras cidades brasileiras.

O grupo denominado “diversos”, responsável por 17% dos pontos mapeados, inclui organizações classificadas pelo ISER como associações religiosas. Nele, aparecem lojas maçônicas, espaços espiritualistas, centros de terapias alternativas e práticas de cura, além de benzedeadas e benzedores. A concentração desses espaços reforça a expansão de movimentos que articulam espiritualidade, cuidado e terapias integrativas, evidenciando formas de religiosidade que não se enquadram nos modelos confessionais tradicionais. Essas formas de organização expressam dimensões contemporâneas do pluralismo religioso e apontam para transformações das fronteiras entre religião, espiritualidade e bem-estar.

A análise espacial da cartografia produzida indica forte concentração de templos na região central, que reúne 54,57% dos pontos mapeados. A zona sul

aparece em seguida, com 21,95% das ocorrências, seguida pela zona oeste (14,33%) e pela zona leste (9,15%). Essa configuração evidencia o centro urbano como território que reúne a maior diversidade religiosa por concentrar edificações de diferentes tradições.

O mapeamento proporcionou, também, observar a existência de espaços que são compartilhados por diferentes tradições, como aqueles que abrigam simultaneamente práticas de Candomblé e Umbanda. Isso reforça a fluidez das fronteiras religiosas no contexto urbano e demonstra formas de vivência religiosa que se articulam com redes de sociabilidade e circulação simbólica caracterizada pela tolerância.

A comparação entre o mapeamento e os dados censitários indica convergências e distanciamentos entre número de templos e declaração de pertencimento religioso. Enquanto a maior parte da população se declara católica, os pentecostais e neopentecostais predominam em número de templos. Esse descompasso revela diferenciações no modo como cada tradição ocupa o espaço urbano, na frequência aos cultos e no tamanho das edificações, além de indicar estratégias distintas de presença territorial. Ao sintetizar essas dinâmicas, o mapeamento confirma a diversidade religiosa existente em Poços de Caldas e situa o município no panorama mais amplo de transformações do campo religioso brasileiro, constituindo base empírica para as discussões desenvolvidas neste trabalho. Nesse sentido, a análise do mapeamento possibilitou evidenciar relações intrínsecas entre geografia e religião na medida em que esta última mostrou sua influência nas transformações espaciais e na dimensão da paisagem e do território do município.

Estudar, refletir e conhecer as diversas manifestações religiosas proporcionou melhor compreensão dos acontecimentos atuais que o país vivencia. A influência religiosa na política não é um fato novo, contudo sua atuação no modo de influenciar as ações políticas, em diversas escalas de organização, tem ganhado configurações específicas na atualidade. Determinadas religiões têm investido de forma peremptória nas pautas de costume, no que se refere à orientação de modos de comportamento, como se vestir, por exemplo.

Entender a fé humana e o sagrado, com suas mais variadas manifestações, é um grande desafio para a Geografia e para todo pesquisador que busca entender a cultura e o modo de vida da sociedade contemporânea.

Ler, estudar e se inteirar do conhecimento da Geografia da Religião, ou das religiões, foi um presente que esta tese proporcionou. Pensar o espaço a partir das manifestações religiosas existentes, conhecer cada uma delas, observar e analisar sua distribuição espacial e entender o sagrado ao lado do profano deslumbra o interesse em continuar desvendando a influência do divino no nosso dia a dia.

Certamente, a Geografia e a Cartografia, aliadas ao ensino da religião, podem abrir inúmeros caminhos para que a cultura local seja compreendida. Enriquecer as interpretações da vida cotidiana evitando o proselitismo nas escolas, as explicações reducionistas, unidimensionais, ingênuas ou, algumas vezes, intencionalmente equivocadas, é o propósito da produção do atlas. A intenção é contribuir para o trabalho dos profissionais da Educação responsáveis pelo ensino da Religião, da Geografia e das demais áreas do conhecimento.

A Geografia analisa, interpreta e descreve o espaço. O Ensino Religioso não confessional, numa abordagem antropológica, ressignifica o espaço e o tempo, promove o diálogo entre as duas ciências e pode integrar os demais componentes curriculares, sendo a Cartografia utilizada como linguagem e veículo desse diálogo importante e necessário.

Os seres humanos sacralizam momentos, objetos, pessoas sem ao menos parar para pensar o que significa o sagrado, como ele se encontra e como é vivenciado no cotidiano. Reportam-se ao divino de modo corriqueiro, casual, às vezes sem respeito. O desafio maior está em compreender as diferenças e conviver com elas de modo equilibrado, respeitoso e ético.

Nesse ínterim, o papel do educador se faz presente, e sua responsabilidade quanto à compreensão da sociedade e de suas várias facetas é um grande desafio. Este trabalho de criação de um material didático interligando conhecimento facilitará a tarefa diária do ensinar, pois oferece a visualização como facilitadora do entendimento espacial, do conhecimento das manifestações religiosas que compõem a cultura local, sua simbologia e a possibilidade do entendimento e diferenciação de tradições culturais que compõem a sociedade contemporânea local.

As linguagens do ensino da Geografia e do Ensino Religioso se diferem, têm formas de ver e dizer o mundo específicas, porém há espaço para a construção de diálogos comuns, e, por meio da cartografia, da análise do espaço, com seus componentes estabelecidos, como os templos religiosos, é possível realizar a

conexão de conhecimentos, promovendo o entendimento da cultura de um determinado lugar, suas especificidades, seu povo e suas escolhas.

A religiosidade de ontem e de hoje também diferem pela diversidade, multiplicidade de caminhos, pelo trânsito entre as várias manifestações religiosas, mas o sagrado permanece junto ao profano num viver às vezes controverso, porém presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosângela Dion de; JULIASZ, Paula C. Strina. **Espaço e Tempo na Educação Infantil**. São Paulo: Contexto, 2014.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira; DO PRADO SIQUEIRA, Giseli. Ensino Religioso na escola pública brasileira e a questão da laicidade. **Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 18, n. 55, p. 33, 2020.

BECKER, Udo. Dicionário de símbolos. Tradução de Edwino Royer. Coleção Dicionários. São Paulo: Paulus; 1999.

BERKENBROCK, Volney José. **O mundo religioso**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. *In*: Corrêa, R.L.; Rosendahl, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; 2012. vol.1.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Brasília: Congresso Nacional, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 out. 2020

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Brasília: Congresso Nacional, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 out. 2020

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 12 out. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 12 out. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.475, de 22 de julho de 1997**. Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9475.htm#:~:text=D%C3%A1%20nova%20reda%C3%A7%C3%A3o%20ao%20art,e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional. Acesso em 12 out. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.475, de 22 de julho de 1997**. Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9475.htm#:~:text=D%C3%A1%20nova%20reda%C3%A7%C3%A3o%20ao%20art,e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional. Acesso em 12 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira; DO PRADO SIQUEIRA, Giseli. Ensino Religioso na escola pública brasileira e a questão da laicidade. **Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 18, n. 55, p. 33, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em 12 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Documento de área, da Área 44: Ciências da Religião e Teologia**. Brasília: CAPES, 2019. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/ciencia_religiao_tologia.pdf. Acesso em: 12 out. 2020.

CASANOVA, José. **Public religions in the modern word**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.

CARVALHO, Gardênia Baffi de; SILVA, Tainá Maria. Uma viagem às paisagens do passado: resenha do livro *The Past is a Foreign Country*. **Revista Geografia e Pesquisa**, v. 10, n. 2, p. 68–72, 2016.

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CIPRIANI, Moacir. **Mitigação dos Impactos Sociais e Ambientais Decorrentes de Fechamento Definitivo de Minas de Urânio**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências) – Unicamp, Instituto de Geociências, Campinas, 2002.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 35-86.

CLAVAL, Paul; CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A paisagem dos geógrafos. In: CLAVAL, Paul; CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Paisagens, textos e identidades**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Caminhos paralelos e entrecruzilhados**. São Paulo: Unesp, 2018.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs). **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural**: uma antologia, v. 1. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 92-123.

CUNHA, Lúcio; FERREIRA, Rui. Cartografia: da representação geográfica à representação do poder. **Revista Imagem & Território, Guarda**, n. 2, 2025.

CUNHA, Luiz Antônio. **Educação e Religiões**: a descolonização religiosa da Escola Pública. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. 112 p.

DE OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a geografia da religião do movimento pentecostal. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 34, p. 135-58. 2012.

DIAS, Luciana Valin Gonçalves. **Águas termais que configuram cidades**: Caldas da Rainha (Portugal) e Poços de Caldas (Minas Gerais - Brasil) - um estudo comparativo. 2023. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

DIAS, Luciana Valin Gonçalves. **Um estudo de morfologia urbana da cidade de Poços de Caldas**. 2016. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2016.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

FERREIRA, Denison da Silva. Território, territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência Geográfica. **Revista Campo-Território**, v. 9, n. 17, p. 111-35, 2014.

FICKELER, Paul. Questões fundamentais na geografia da religião. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, p. 7-35, 2013.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. Tradução Isa Mara Lando. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GIBSON, Clare. Sinais e símbolos. Origem, história e significado. Köniswinter: HF Ullmann; 2008.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Espacialidades de conformação simbólica em geografia da religião: um ensaio epistemológico. **Espaço e cultura**, n. 32, 2012.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: Ibplex, 2008.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Estruturas da territorialidade católica no Brasil. **Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, v. 10, n. 205-228, 2006.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. Por uma geografia do sagrado. **Ra'e Ga: o Espaço Geográfico em Análise**, v. 5, n. 1, p. 253-65, 2002.

GIOTTO, Enio; CARDOSO, Claire Delfini Viana; BILUCA, V. L.; *et al.* **Sobreposição de imagens georreferenciadas GIF no Google Earth com o Sistema CR Campeiro 7**. Universidade Federal de Santa Maria, 2000.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Quadros geográficos**: uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GRUEN, W. **O ensino religioso na escola**. Petrópolis: Vozes; 1995.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **Geo Uerj**, n. 5, p. 7, 1999.

HOLZER, Werther. A Geografia Cultural e a História: uma leitura a partir da obra de David Lowenthal. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 23-2, 2012.

IBIAPINA, Felipe. Sacralizando o espaço: geossímbolos de um terreiro de umbanda. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 228, p. 81-9, 2021.

INCONTRI, Dora. (2025) O mapa religioso do Brasil e o avanço do fanatismo. **GGN**, 2025. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/cidadania/o-mapa-religioso-do-brasil-e-o-avanco-do-fanatismo-por-dora-incontri/#author-box> Acesso: 7 ago. 2025.

INSTITUTO DE ESTUDOS DA RELIGIÃO. **Religiões em conexão**: números, direitos, pessoas. Rio de Janeiro: ISER, 2014. Disponível em: <http://www.iser.org.br/site/wp-content/uploads/2015/04/Comunica%C3%A7%C3%B5es-do-ISER-69.compressed.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JÚNIOR, Nelio Paulo Sartini Dutra; DE OLIVEIRA, Hélio Oliveira Carlos Miranda. A Territorialidade do Espiritismo em Ituiutaba-MG: um olhar geográfico. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 14, n. 1, p. 79-8, 2016.

LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**: contribución a la teoría de las representaciones. Ciudad de México: FCE, 2006.

LÉGER-HERVIEU, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARTINELLI, Marcello. **Cartografia temática**: caderno de mapas. São Paulo: EDUSP, 2003.

MARTINELLI, Marcello. **Cartografia Temática**: Caderno de Mapas. São Paulo: EDUSP; 2016.

MARTINS, Mateus Pires; CHAGAS, Priscilla Borgonhoni. Território, Territorialização e Territorialidade: proposta de avanço de chaves teóricas para a análise da(s) dinâmica(s) das cidades. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 17, n. 2, 2021.

MEGALE, Nilza Botelho. **Memórias históricas de Poços de Caldas**. Poços de Caldas: Sulminas, 2002.

MEZAROBBA, Glenda. O Brasil e a nova direita. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, ano 22, n. 305, p. 80-3, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes Limitada, 2011.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2015.

MOTTA, Vânia Cardoso da; FRIGOTTO, Gaudêncio. Por que a urgência da reforma do Ensino Médio? Medida Provisória nº 746/2016 (Lei nº 13.415/2017). **Educação Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 139, p. 355-372. Abr./jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/8hBKtMRjC9mBJYjPwbNDkTk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 20 nov. 2022.

O'CONNELL, Mark; AIREY, Raje. **Enciclopédia completa dos signos e símbolos**: identificação e análise do vocabulário visual que forma nossos pensamentos e dita as nossas reações com o mundo à nossa volta. Tradução Débora Ginza. São Paulo: Escala, 2010.

PALS, Daniel. **Nove teorias da religião**. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2019.

PANIZZA, Andrea De Castro. **Como Eu Ensino Paisagem**. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

PARK, C.C. **Sacred Words**. An Introduction to Geography and religion. London: Routledge; 1994.

PEREIRA, Alexandre Barbosa; AZEVEDO, Clara de Assunção. MARRAS, Stelio. 2004. A Propósito de Águas Virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. **Campos - Revista de Antropologia**, v. 5, n. 2, p. 195–198, 2004.

PEREIRA, Cassio Expedito Galdino; SEEMANN, Jörn. (Re)apresentações cartográficas do espaço municipal: mapas artísticos em deriva da cartografia escolar.

Revista Geografares. V. 17, p. 48-65, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/8053>. Acesso em: 12 out. 2020.
PEREIRA, Clevisson Junior. Geografia da Religião: um olhar panorâmico. **Raega – O Espaço Geográfico em Análise**, v. 27, 2013.

PEREIRA, Eduardo; MATIAS, Lindos Fonseca; LIMA, Suely Franco Siqueira. Contribuição tecnológica para elaboração de Atlas Escolar. **Educação Temática Digital**. v., n. 4 p. 737-758, out./dez 2017.

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral; PROVESI, José Roberto (orgs.). Milton Santos: Globalização, território e política em debate. Itajaí: Univali, 2008.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. **Espaço Geográfico, Território Usado e Lugar**: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. **Para Onde!?**, v. 8, n. 2, p. 154-61, 2014.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROMANCINI, Sônia Regina; ROSSETTO, Onélia Carmem; NORA, Giseli Gomes Dalla (orgs). **Representações culturais no espaço**: perspectivas contemporâneas em geografia. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015. E-book. Disponível em: http://neer.com.br/site/wp-content/uploads/2018/09/V_NEER_Cuiaba-MT_op.pdf. Acesso em: 12 out. 2020.

ROSENDAHL, Zeny. Construindo a geografia da religião no Brasil. **Espaço e Cultura**, n. 15, p. 1-13, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7734>. Acesso em: 12 out. 2020.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: algumas reflexões geográficas. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5753086-Espaco-e-religiao-algumas-reflexoes-geograficas.html>. Acesso em: 12 out. 2020.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, o sagrado e o profano. *In*: _____. **Uma procissão na geografia**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2018. p. 77-92.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia da Religião: uma proposição temática. **Espaço e Tempo**, p. 9-19, 2002.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia de religião: uma proposta. **Espaço e Cultura**, n. 1, p. 45-4, 1995.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades. **Espaço e Cultura**, n. 2, p. 26-39, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6135>. Acesso em: 12 out. 2020.

ROSENDAHL, Zeny. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. **Encontro de Geógrafos da América Latina**, v. 10, p. 12928–42, 2005.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia cultural**: uma antologia. vol. 2. Rio de Janeiro: SciELO; Ed. UERJ, 2013.

SALGADO, Ivone; PEREIRA, Renata. A formação de núcleos urbanos no Brasil Colônia: procedimentos para elevar freguesias a vilas na Capitania de São Paulo na segunda metade do século XVIII. **Paranoá**, Brasília, n. 18, p. 1-22, 2017.

SANTOS, Alberto Pereira dos. **Meio ambiente**: construção de um novo mundo. São Paulo: DPL, 2004.

SANTOS, Milton. O espaço geográfico como categoria filosófica. **Terra Livre**, n. 5, 1988.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo. Ed. Hucitec, 1978.

SAQUET, Marcos Aurelio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos Aurelio. Campo-Território: considerações teórico-metodológicas. **Revista Campo-Território**, v. 1, n. 1, p. 60–81, 2006.

SCHMIDT, Sarah. Os primeiros livros didáticos. **Revista Pesquisa Fapesp**, São Paulo, ano 22, n. 305, 2021.

SEEMANN, Jörn. “Cartografia Culturais” na Geografia Cultural: entre mapas da cultura e a cultura dos mapas. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 21, n. 2, p. 61-82, 2001. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4214/3687>. Acesso em: 12 out. 2020.

SEEMANN, Jörn. **Carto-Crônicas**: uma viagem pelo mundo da Cartografia. 2.ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

SEEMANN, Jörn. Entre mapas e narrativas: reflexões sobre as cartografias da literatura, a literatura da cartografia e a ordem das coisas. **Ra’eGa: o espaço geográfico em análise**. Curitiba, v. 30, p. 85-105, 2014a. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/36084>. Acesso em: 12 out. 2020.

SEEMANN, Jörn. Estratégias pós-fenomenológicas para cartografar uma região: narrativas, mapeamentos e performance. **Geograficidade**. v. 3, n. 2, p. 65-78, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12865/pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

SEEMANN, Jörn. Mapping religious phenomena: a cultural-cartographic approach. **Espaço e cultura**, n. 36, p. 115-37, 2014b. Disponível em: <https://www.e->

publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/18928/13719. Acesso em: 12 out. 2020.

SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memórias do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 4, n. 1, 2002.

SEEMANN, Jörn; CARVALHO, Mariano Oliveira de. Cartografia Escolar em Ação: caminhos para uma geografia cidadã e militância geográfica no Brasil. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v. 21, n. 1, p. 123-36, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/viewFile/20508/pdf_1. Acesso em: 12 out. 2020.

SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2019.

SERPA, Angelo; BRITO, Marcelo Sousa; CATHALA, J. **Territórios da cultura popular**. 2007. DVD. 2 v.

SILVA, Tânia Elias Magno da. Josué de Castro e os estudos sobre a fome no Brasil. **Cronos**, Natal, v. 10, n. 1, p. 51-77, 2009.

SIMÕES, C. S. ; MOURA, Danieli Velela. A Evolução Histórica do Conceito de Paisagem. **Ambiente & Educação (FURG)**, v. 15, p. 187-194, 2010.

SIQUEIRA, Giseli do Prado. Ensino Religioso e os aportes teóricos da interculturalidade, da ética da alteridade, da religiosidade para o desenvolvimento da atitude dialogal. In: FERREIRA, Amauri Carlos; MATTOS, Sônia Missagia de (Orgs.). **Educação em fronteiras: o Ensino Religioso na formação de valores**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas; 2022. 153-166.

SIQUEIRA, Giseli do Prado; BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira; SILVA, Wellington Teodoro da. A Conferência de Medellín: contexto político-ecclesial e a posição sobre a Educação e a Juventude. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 50, p. 648-676, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n50p648/13557>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SIQUEIRA, Giseli do Prado; SARES, Maria Izabel Ferezin. Interfaces da presença religiosa em Poços de Caldas. In: Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, 2018, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte, 2018, p. 1007-1014. Disponível em: <https://www.soter.org.br/anais-28/anais-28>. Acesso em: 30 mar. 2022.

SPOSITO, Eliseu Savério; SAQUET, Marcos Aurélio. O conceito de território no Brasil: entre o urbano e o rural. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 2, n. 38, p. 84-112, 2016.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento**: o censo de 2010. Petrópolis: Vozes, 2013.

TWEED, Thomas; CRUZ, Eduardo Rodrigues. O estudo interdisciplinar de geografia e religião: uma abordagem pragmática. **Último Andar**, v. 25, n. 39, p. e57586–e57586, 2022.

VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; SEEMANN, Jörn.; SILVA, Josier Ferreira da Silva, *et al.* (orgs.) **Hierópolis**: o sagrado, o profano e o urbano. Fortaleza: UFC, 2013. E-book. Disponível em: https://www.academia.edu/13886329/HIER%C3%93POLIS_o_sagrado_o_profano_e_o_urbano. Acesso em: 12 out. 2020.

WALDMAN, Maurício. **Mapa e Representação da Realidade**. Série Cartografia, n 1. São Paulo: Kotev. 2018.

APÊNDICE

Atlas Geográfico Religioso

Poços de Caldas - MG



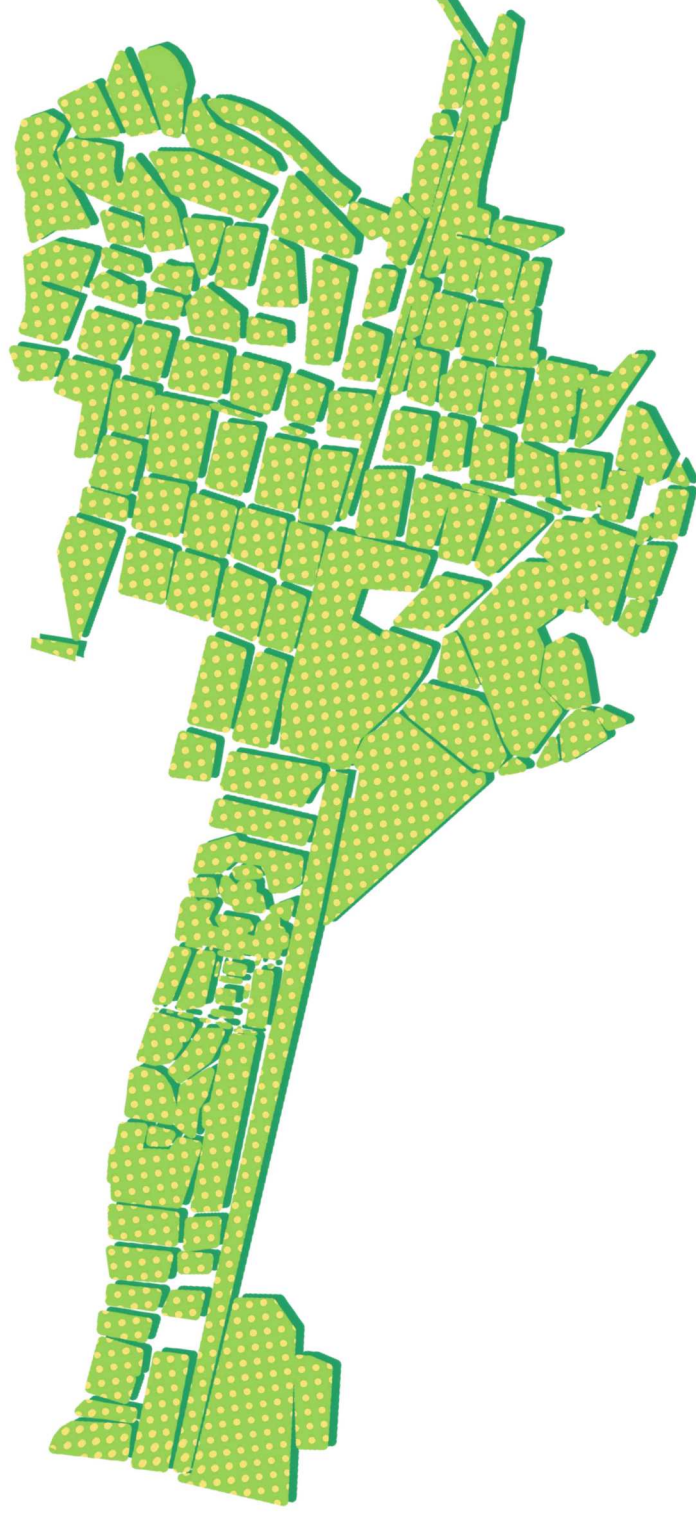
MARIA TERESA MARIANO

GISELI DO PRADO SIQUEIRA

JOÃO PEDRO PEZZATO

Atlas Geográfico Religioso

Poços de Caldas - MG



POÇOS DE CALDAS
2025

EDITORA:

Coordenação Geral

MARIA TERESA MARIANO

Coordenadores

MARIA TERESA MARIANO

GISELI DO PRADO SIQUEIRA

JOÃO PEDRO PEZZATO

Capa, Ilustração e Arte

MARINA PASQUARIELLO MARIANO

Elaboração Cartográfica

DAVI JOSÉ ALMEIDA MIGUEL

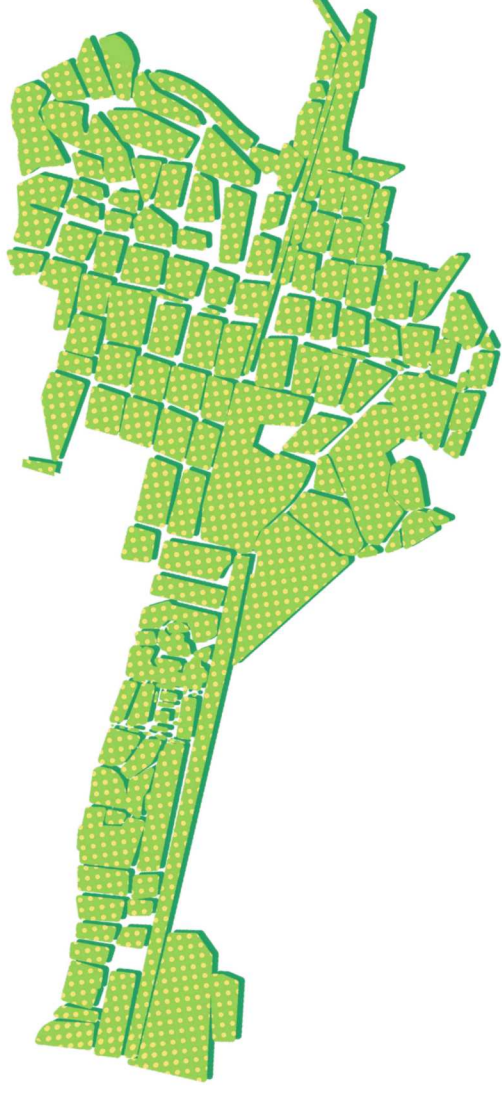
Colaboradores Técnicos

ANGELA M. MARTINS MARQUES DOS SANTOS

MARIA ISABEL FEREZIN SARES

Design Gráfico

EMÍLIO MORETTI



Agradecimentos

Ao Grupo de Pesquisa Filosofia, Religiosidade e suas Interfaces, da PUC/Minas campus Poços de Caldas e a todos os alunos e professores que participaram do **Mapeamento Religioso** realizado nos anos de 2017 e 2018, na cidade de Poços de Caldas, estado de Minas Gerais.

Especial agradecimento a Profa. Dra. Giseli do Prado Siqueira e ao Prof. Dr. João Pedro Pezzato.

Agradecemos a Profa. Dra. Maria Isabel Ferezin Sares, a Geóloga Ângela Maria Martins Marques dos Santos e ao nosso ex-aluno Davi José Almeida Miguel. Especial e importante as participações da nossa Ilustradora, Artista Plástica Marina Pasquariello Mariano, cujo trabalho possibilitou a materialização deste Atlas Geográfico Religioso, e ao Designer, Emílio Moretti, pelo carinho e atenção dada na finalização desta obra.



Sumário

Prefácio	
Apresentação	
1 Conhecendo Poços De Caldas	Pág. 09
2 Mapeamento Religioso	Pág. 15
3 Cristianismo	Pág. 17
3.1 Católico	Pág. 19
3.2 Protestante	Pág. 23
3.3 Pentecostal E Neopentecostal	Pág. 27
3.4 Igreja De Jesus Cristo Dos Santos Dos Últimos Dias	
3.5 Testemunhas De Jeová	Pág. 31
4 Espiritismo Kardecista	Pág. 35
5 Religiões De Matriz Africana	Pág. 39
5.1 Umbanda	Pág. 43
5.2 Candomblé	Pág. 45
6. Budismo	Pág. 49
7 Religiões Origem Japonesa	Pág. 53
7.1 Messiânica Mundial	Pág. 57
7.2 Seicho No Ie	Pág. 58
8 Judaísmo	Pág. 60
9 Outras Manifestações	Pág. 64
10 Mapa Religioso Total	Pág. 68
6 Budismo	Pág. 75
7 Religiões Origem Japonesa	Pág. 53
7.1 Messiânica Mundial	Pág. 57
7.2 Seicho No Ie	Pág. 58
8 Judaísmo	Pág. 60
9 Outras Manifestações	Pág. 64
10 Mapa Religioso	Pág. 68
Total	Total Pág



Prefácio

Um atlas de mapeamento religioso é uma obra cartográfica que visualiza a distribuição, história e impacto das religiões no mundo, usando mapas coloridos, gráficos e textos para mostrar a geografia das crenças, seus desafios contemporâneos (como conflitos, ateísmo, e questões ambientais) e a influência de religiões como Cristianismo, Islamismo, Budismo e Hinduísmo, além de estudos específicos sobre o Brasil. Existem diferentes tipos, incluindo os que focam no mundo contemporâneo (como o "Atlas das Religiões") e os que se aprofundam na geografia bíblica para contextualizar as Escrituras (como o "Atlas Bíblico Patmos" ou de autores como John A. Beck).

Apresentação

Atlas escolar municipal tem sido um instrumento relevante no processo de ensino e aprendizagem na educação básica, estimulando o conhecimento do lugar em que se vive. Este Atlas em especial vai além, pois trás a **proposta da interdisciplinaridade** entre o ensino da Geografia e do Ensino Religioso, é um Atlas Geográfico Religioso.

A proposta deste Atlas é o uso da cartografia temática como ferramenta e instrumento, para o entendimento da diversidade das manifestações religiosas de um dado lugar. Acreditamos que este material possa colaborar com os profissionais da educação, responsáveis pelo ensino da Geografia, do Ensino Religioso e nas mais diferentes áreas do saber. Desta forma, poderão identificar os locais considerados como sagrados no núcleo urbano do município de Poços de Caldas, e as diversas manifestações religiosas ali estabelecidas. Com isso, pode-se evitar o proselitismo nas escolas, o preconceito entre as diversas manifestações religiosas, mas entendendo cada uma delas e sua importância no desenvolvimento da cultura local.

Para isso, contamos com a personagem **Sophia** que irá dialogar com o leitor e a leitora, percorrendo sobre a formação do relevo e da geomorfologia local, uma especificidade que resultou nas águas termais, ou melhor dizendo: Águas Milagrosas, veículo que trouxe a religiosidade ao local onde se formou a cidade mineira de Poços de Caldas.

Conhecendo Poços de Caldas

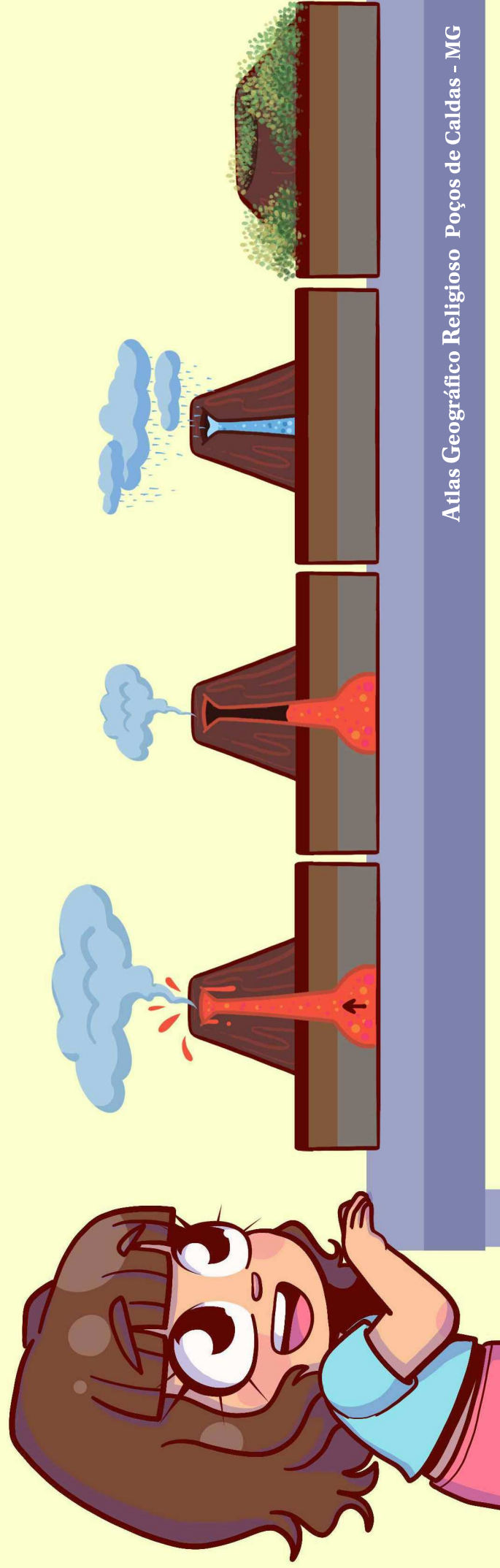


"Oi, amigos e amigas!

**Eu sou a Sophia e vou contar
uma história muito especial
sobre a cidade de Poços de Caldas.**

Há muuuito tempo atrás, mais ou menos 80 milhões de anos, ocorreram manifestações vulcânicas na região onde está a cidade de **Poços de Caldas**. A lava quente saiu de dentro da Terra e subiu. Quando toda essa lava saiu, lá embaixo ficou um buraco enorme, como uma caverna. Essa caverna desmoronou e virou um planalto, e ao redor ficaram montanhas.

Esta formação no relevo deram o nome de Caldeira Vulcânica.



Depois, a lava esfriou e virou rochas cheias de rachaduras. Quando chove, a água entra por essas rachaduras e desce bem fundo, até 350 metros! Lá embaixo é muito quente, então a água esquenta, dissolve os minerais das rochas, a água fica quentinha e com esses minerais dissolvidos e depois vaisubindo devagarzinho até aparecer na superfície. É assim que nasceram as poças de água quentinha.



Um dia, dois portugueses que estavam caçando descobriram essas poças. Eles já conheciam águas quentes de Portugal e sabiam que essas águas com cheiro forte podiam ajudar a curar algumas doenças.

Logo, muitas pessoas começaram a tomar banho nessas águas e ficavam melhores do dores e problemas de pele.

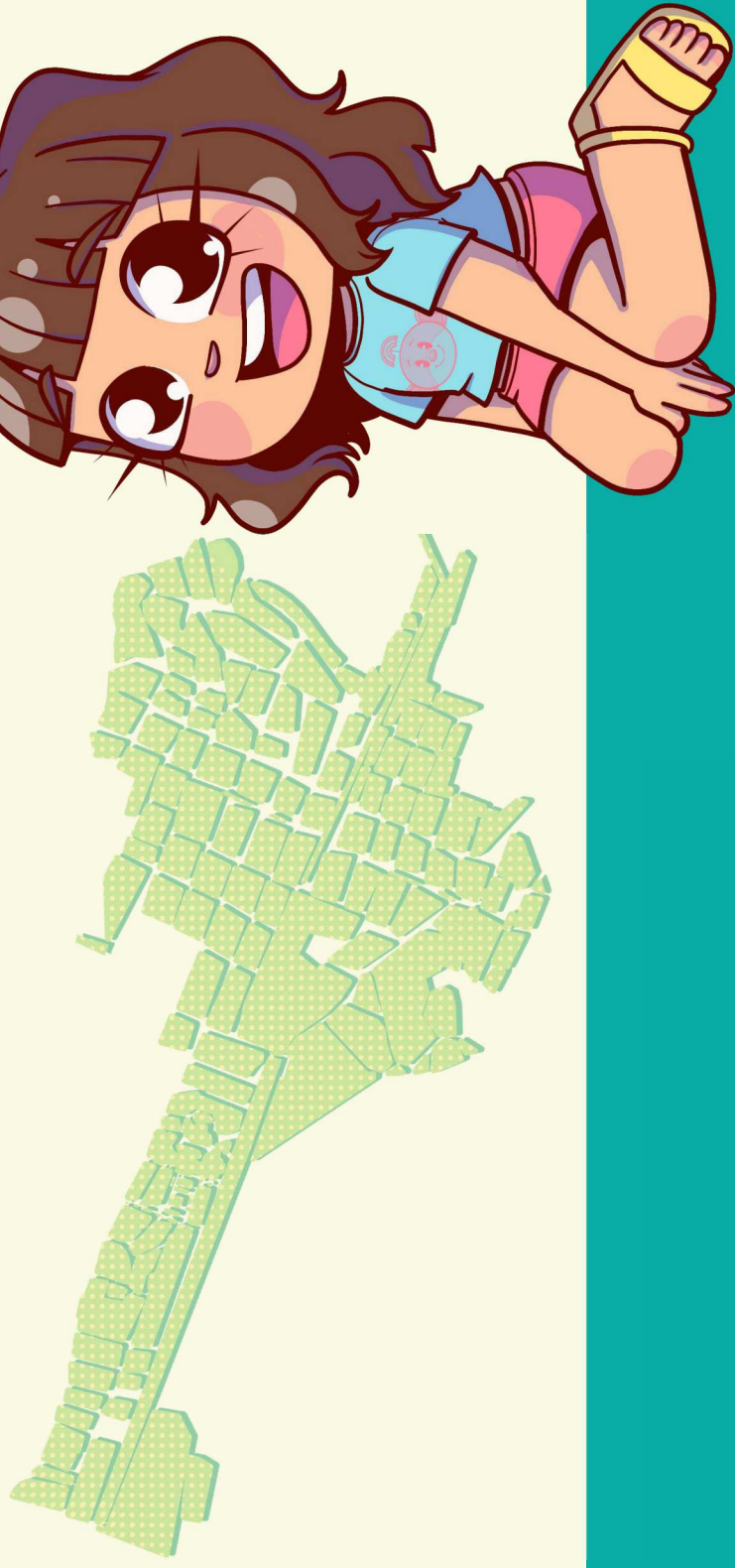
As pessoas ficavam tão felizes que subiam no monte mais alto para agradecer a Deus pelas Águas Milagrosas.

Hoje, onde era este monte está a Igreja São Benedito.

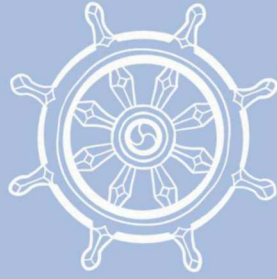
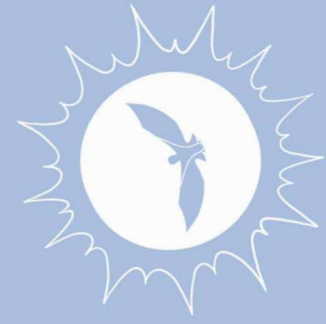




Depois de tudo isso, a cidade de Poços de Caldas foi fundada. Com o tempo, outras formas de fé e religiosidade também chegaram por aqui. Hoje, existem muitas manifestações religiosas diferentes que fazem parte da vida da cidade. Cada uma delas mostra como Poços de Caldas cresceu e ficou cheia de tradições e histórias bonitas que até hoje encantam muita gente!"

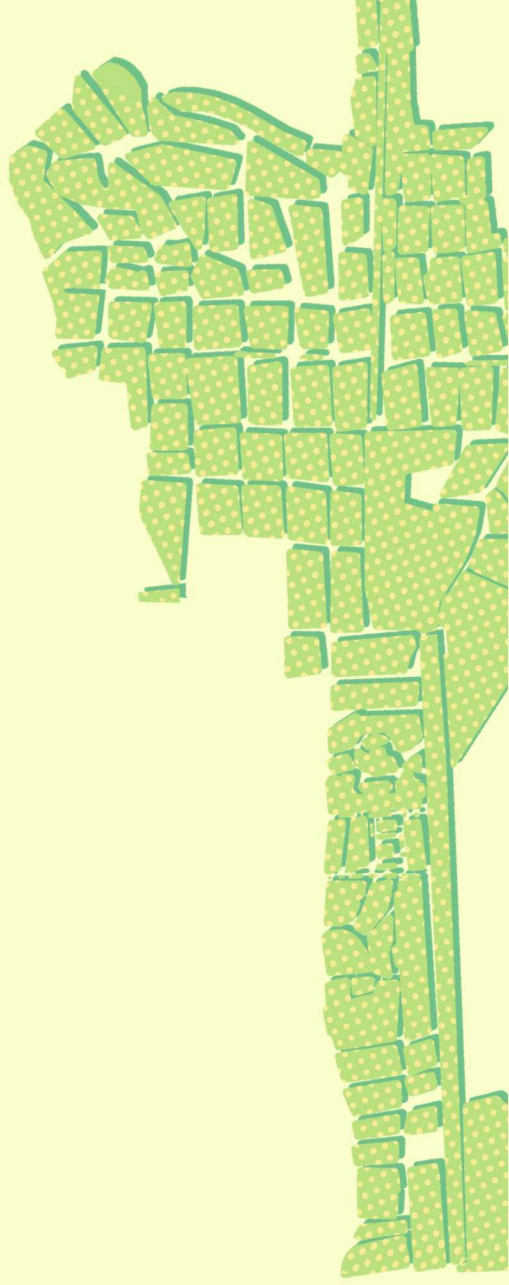


Mapeamento religioso

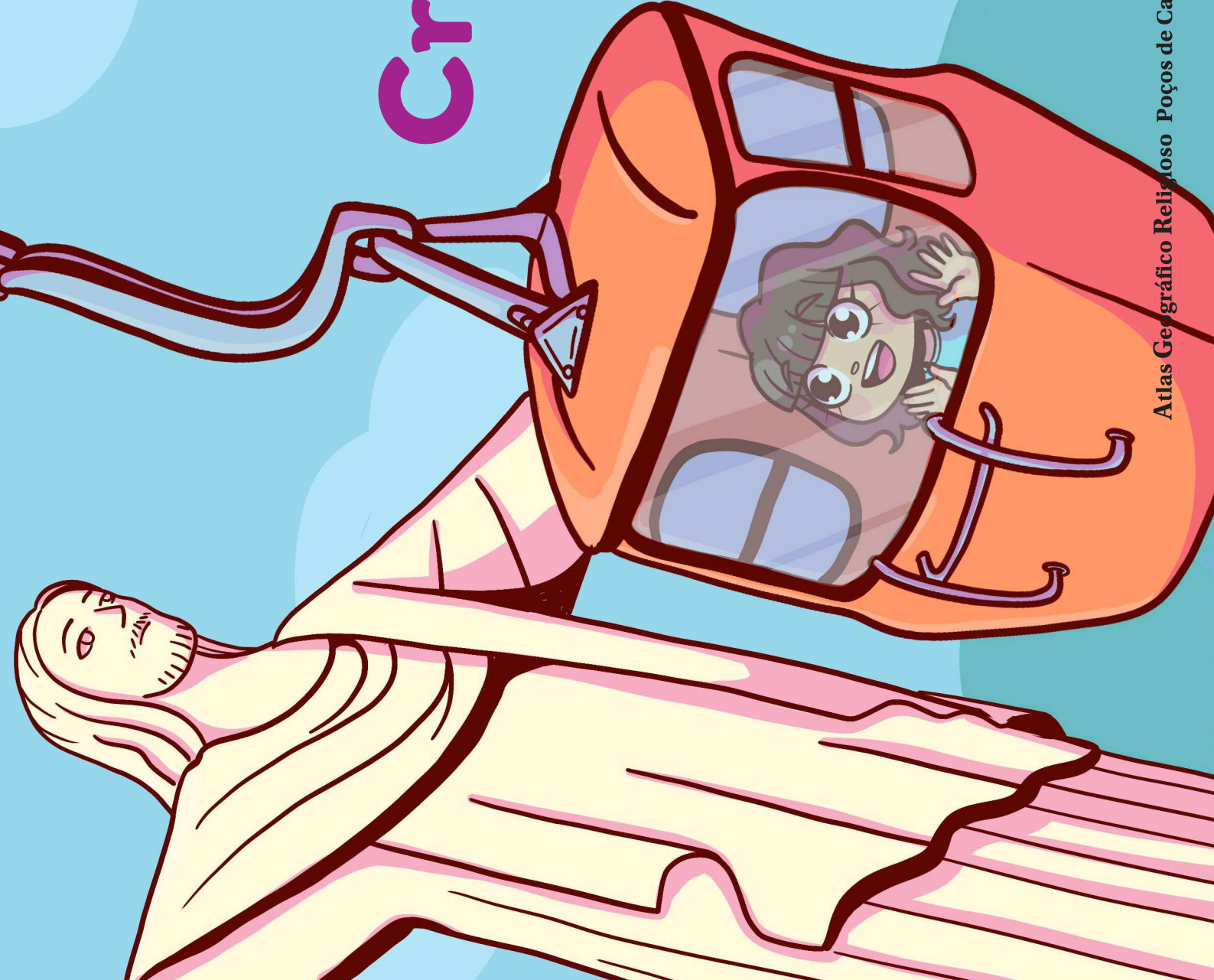


"Oi, meu amigo! Agora vou te contar sobre várias manifestações religiosas que existem na nossa cidade. Cada uma delas tem um jeito especial de falar sobre Deus e Deuses, sobre a vida e sobre como devemos tratar as pessoas.

Vamos juntos nessa viagem?"



Cristianismo

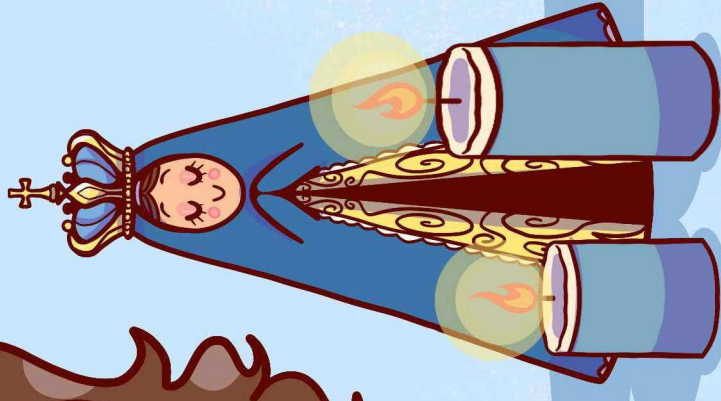
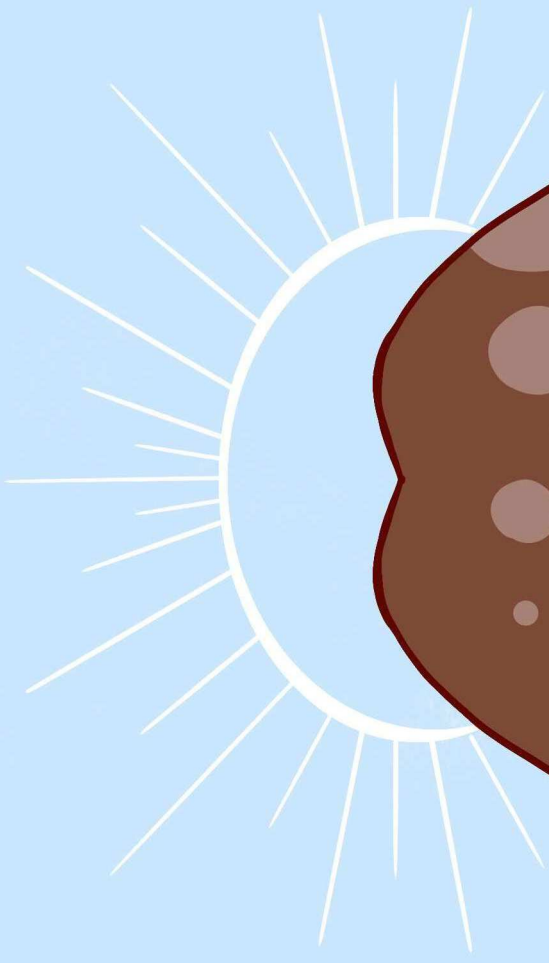


Cristianismo

"Os cristãos acreditam que Jesus Cristo é o filho de Deus. Ele veio ensinar que devemos amar o próximo e fazer o bem. Como acreditam em um único Deus, chamamos isso de monoteísmo." Na nossa cidade temos diversas igrejas cristãs.

Vamos conhecer as Igrejas Cristãs que o mapeamento encontrou:

Católico



"No catolicismo existe uma organização bem antiga: o Papa é o líder, depois vêm os cardeais, bispos, padres e diáconos. É uma das maiores religiões do cristianismo, e muita gente no Brasil e em Poços de Caldas é católica."





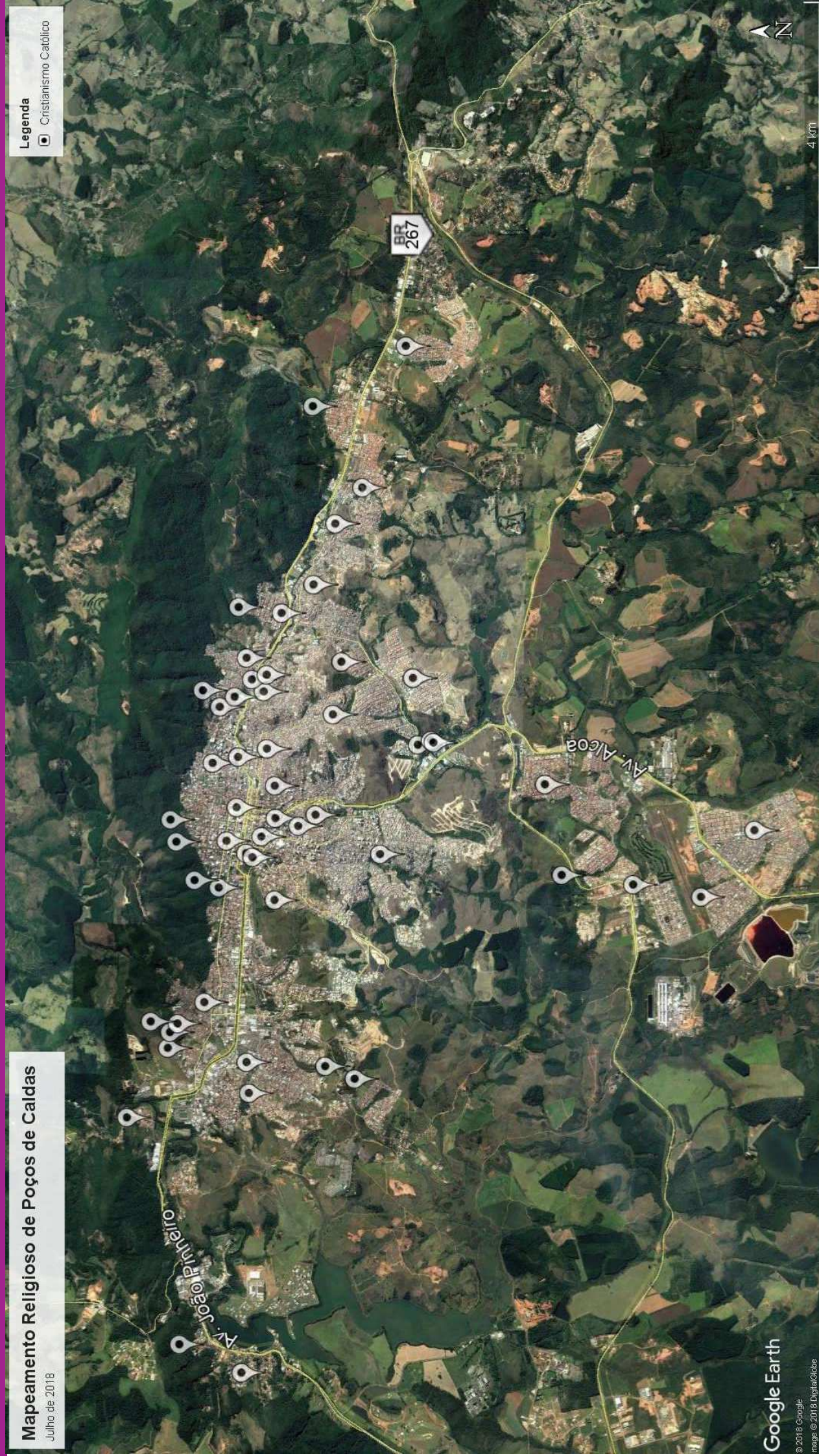
Mapeamento religioso de Poços de Caldas

Mapeamento Religioso de Poços de Caldas

Julho de 2018

Legenda

☒ Cristianismo Católico



Protestante





"Os protestantes acreditam que a Bíblia é a única fonte de fé. Eles surgiram quando algumas pessoas não concordaram com práticas da Igreja Católica. Com o tempo, foram se dividindo em vários grupos, cada um com suas tradições."



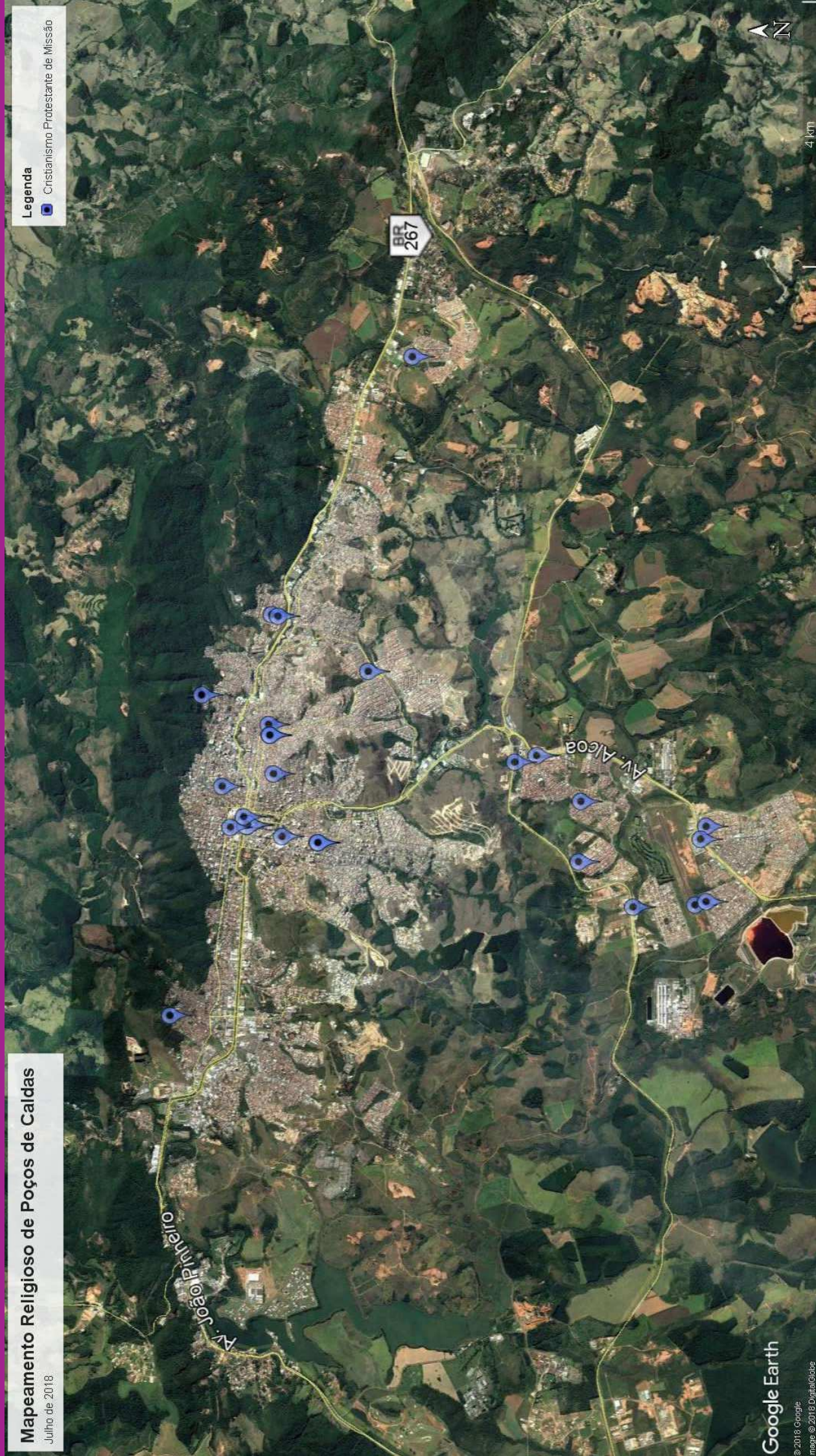
Mapeamento religioso de Poços de Caldas

Mapeamento Religioso de Poços de Caldas

Julho de 2018

Legenda

■ Cristianismo Protestante de Missão



Protestante Pentecostal



"Os pentecostais nasceram nos Estados Unidos e acreditam em experiências diretas com Deus, como falar em outras línguas ou curar pessoas. Já os neopentecostais falam muito sobre fé ligada ao sucesso pessoal e financeiro, e usam bastante a televisão e rádio para espalhar suas mensagens." Eles tem lugares para se reunir em toda a cidade.



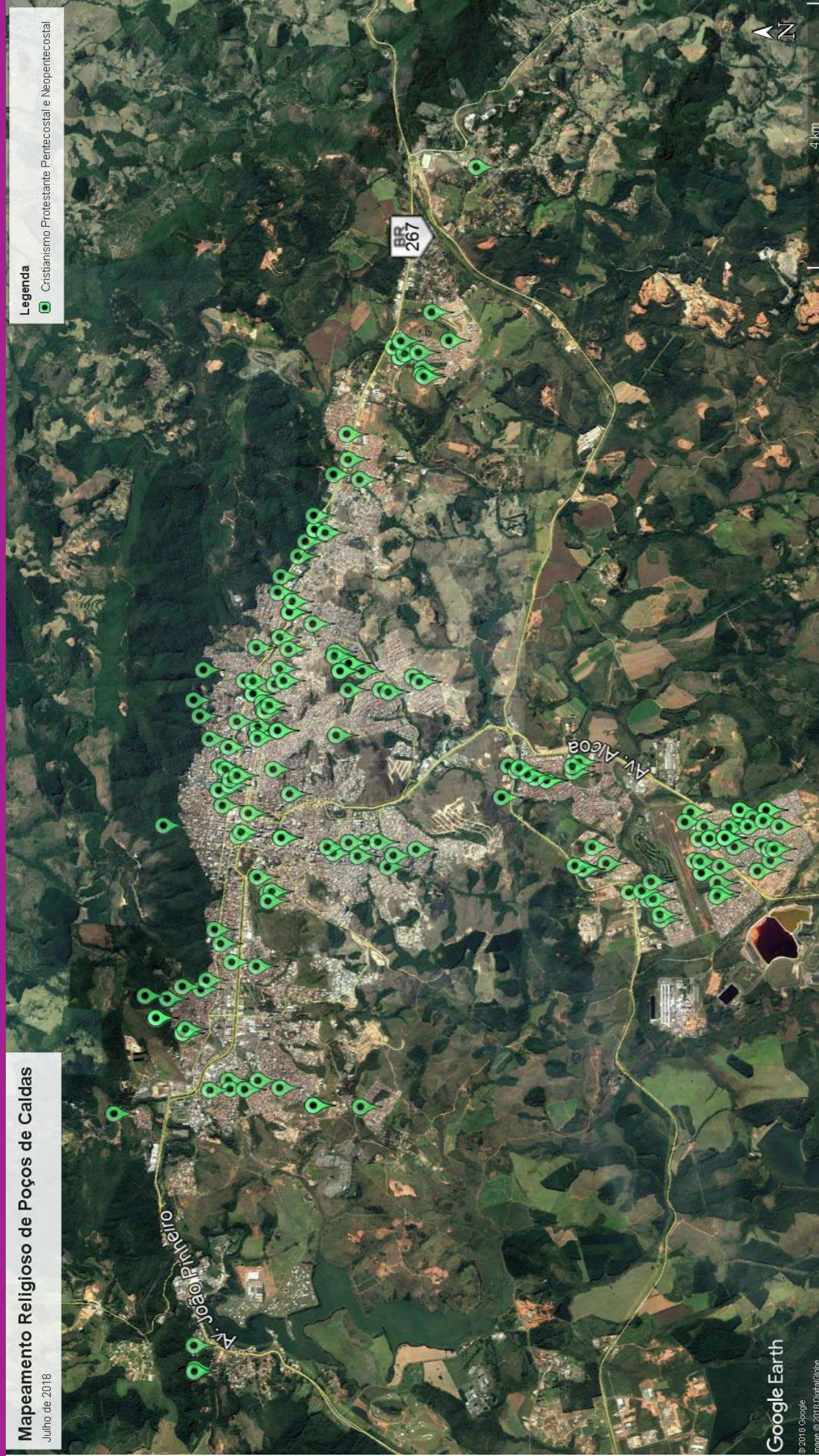
Mapeamento religioso de Poços de Caldas

Mapeamento Religioso de Poços de Caldas

Julho de 2018

Legenda

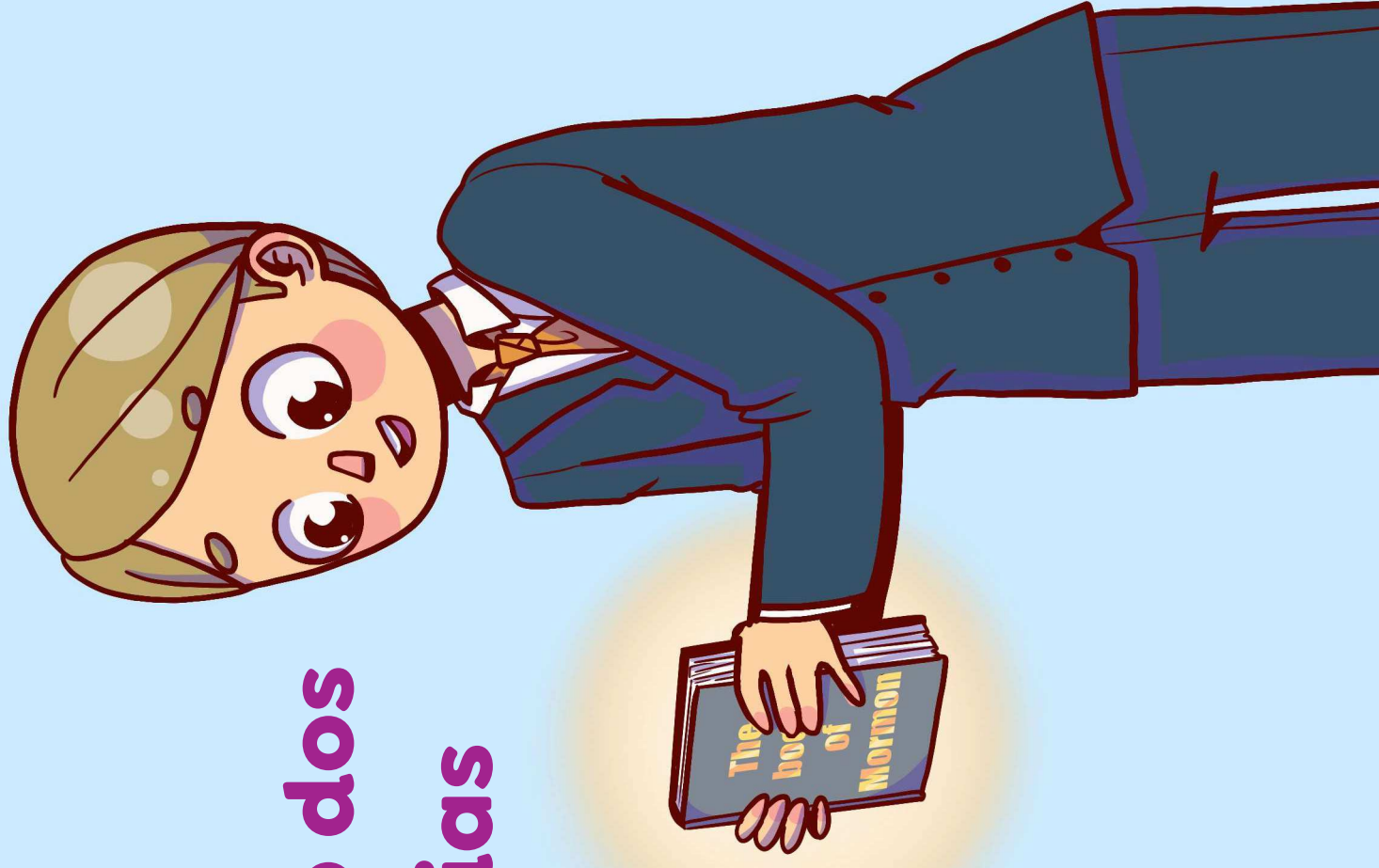
 Cristianismo Protestante Pentecostal e Neopentecostal

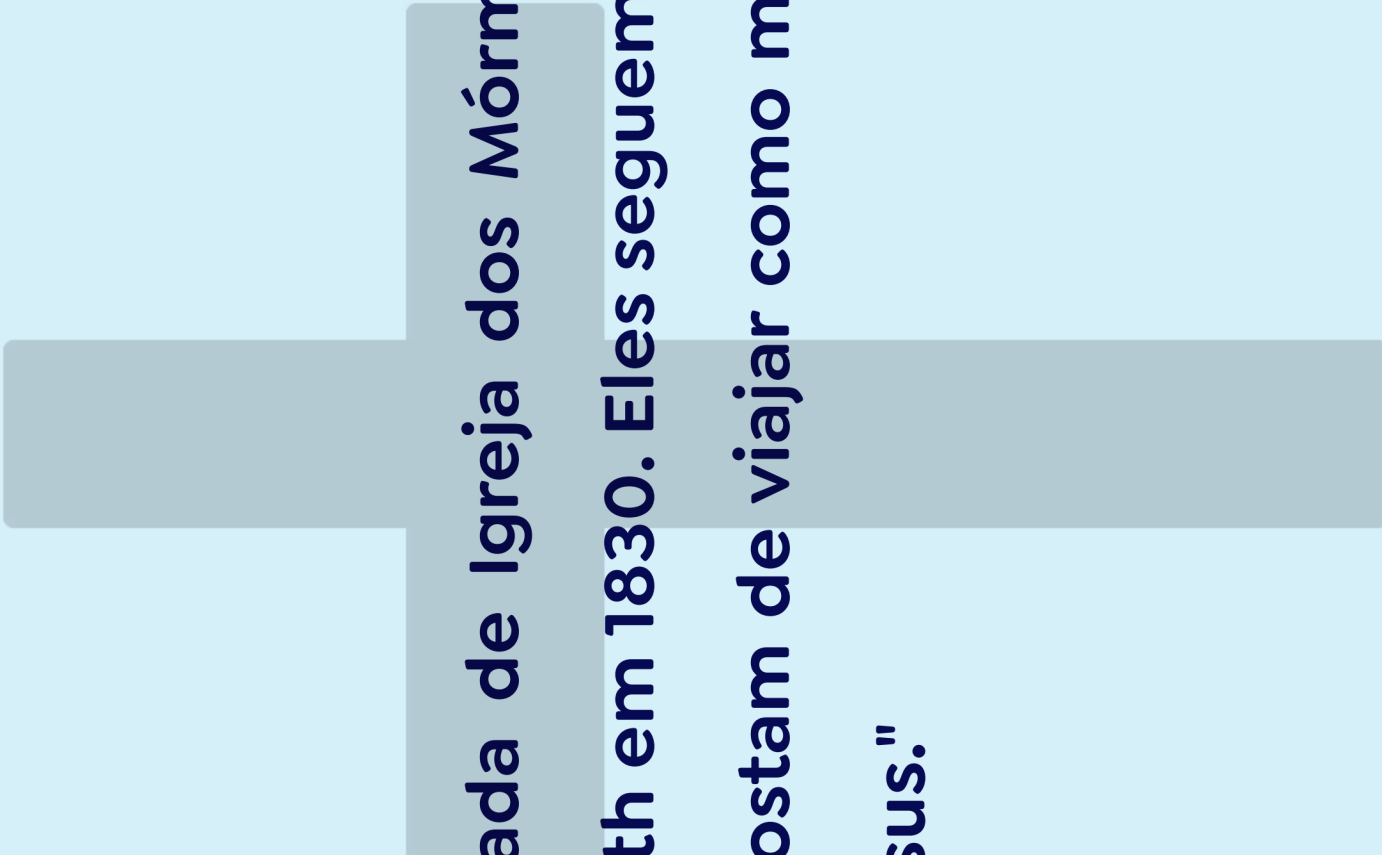


Google Earth

© 2018 Google
Image © 2018 DigitalGlobe

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias





Também chamada de Igreja dos Mórmons, foi criada por Joseph Smith em 1830. Eles seguem a Bíblia e o Livro de Mórmon e gostam de viajar como missionários para contar sobre Jesus."



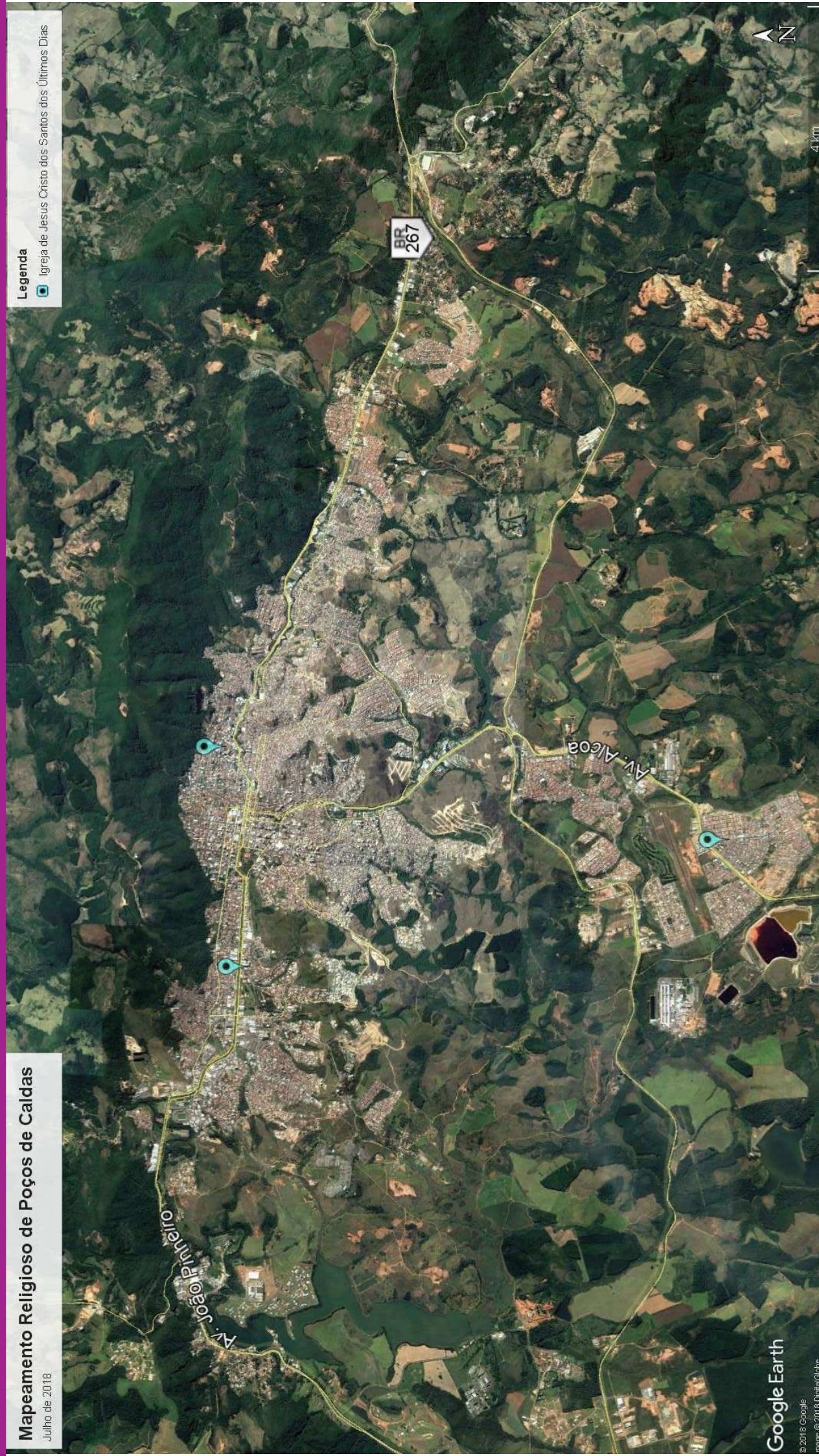
Mapeamento religioso de Poços de Caldas

Mapeamento Religioso de Poços de Caldas

Julho de 2018

Legenda

 Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias



Testemunhas de Jeová



**"Eles chamam Deus de Jeová e acreditam que alguns vão
morar no céu e outros viverão para sempre num paraíso
na Terra. Têm regras bem firmes, como não poder doar
ou receber sangue, e divulgam sua fé com revistas
chamadas A Sentinela."**



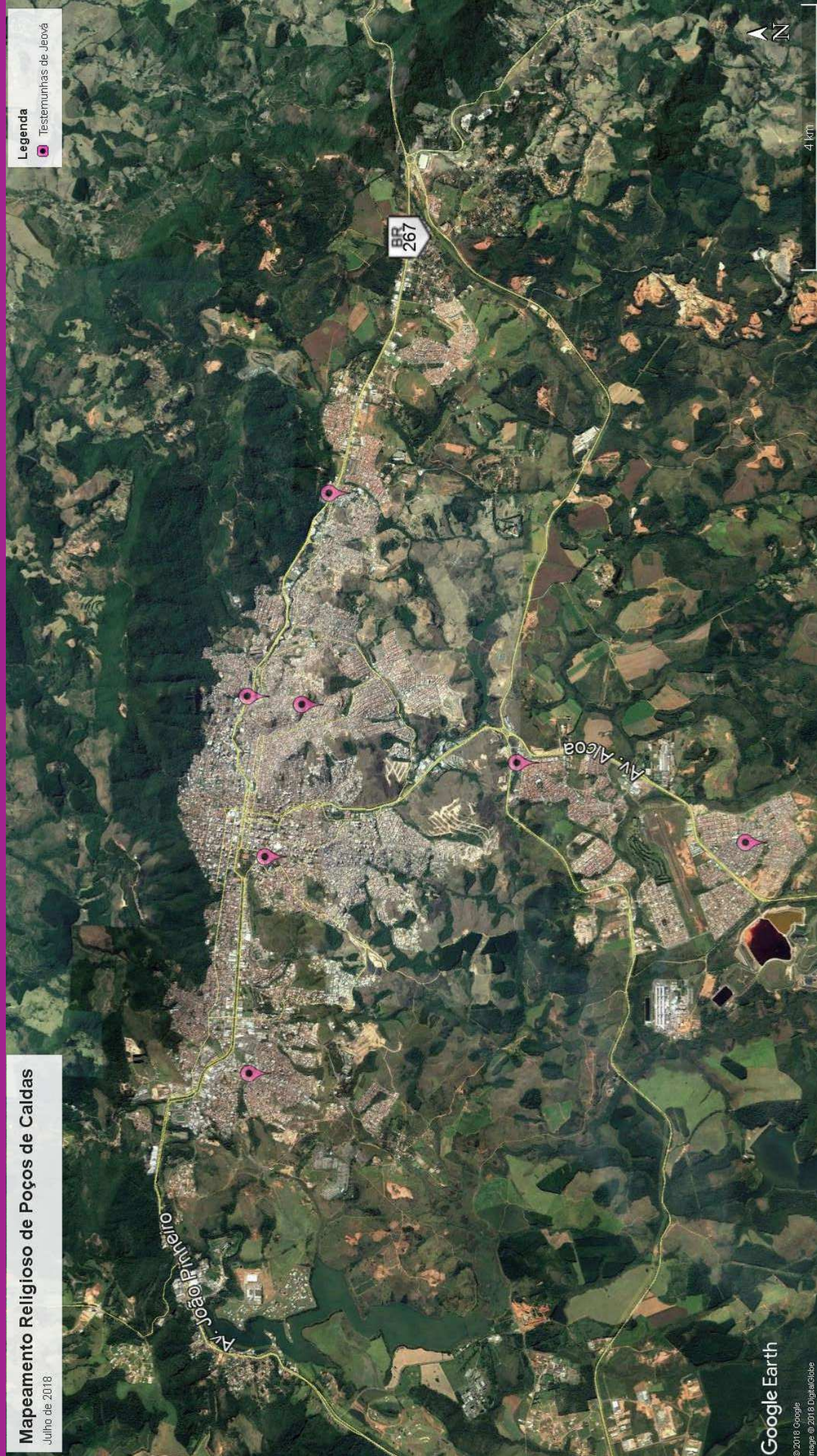
Mapeamento religioso de Poços de Caldas

Mapeamento Religioso de Poços de Caldas

Julho de 2018

Legenda

Testemunhas de Jeová



Google Earth

© 2018 Google
Imagem © 2018 DigitalGlobe

Espiritismo Kardecista



"Os espíritas acreditam que, quando alguém morre, pode nascer de novo em outra vida. Eles seguem os ensinamentos de Jesus e acreditam em Deus. No Brasil Chico Xavier foi um grande representante dessa religião."





Mapeamento religioso de Poços de Caldas

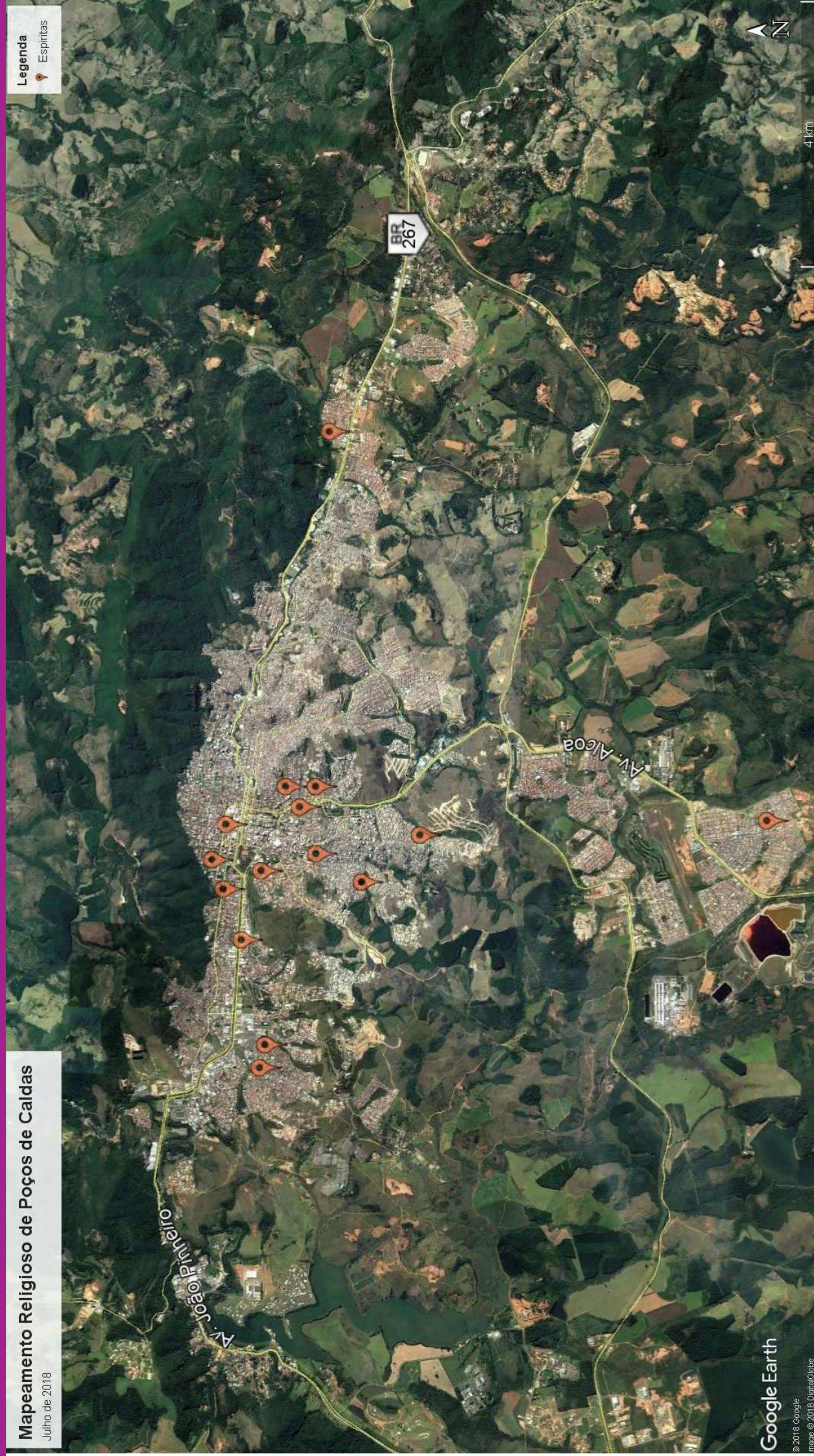
Mapeamento Religioso de Poços de Caldas

Julho de 2018

Legenda



Espiritas



Google Earth

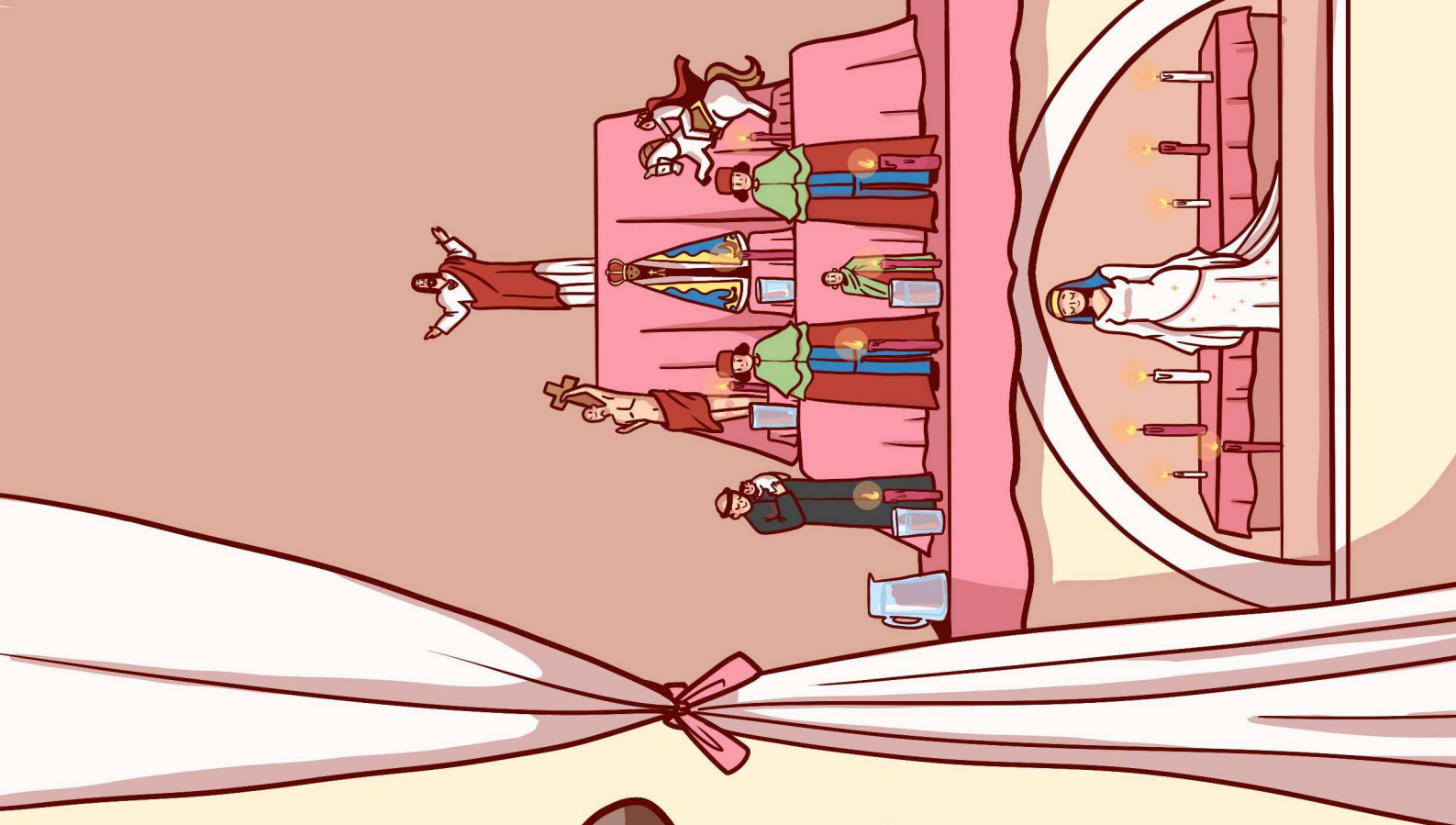
© 2018 Google
Imagem © 2018 DigitalGlobe

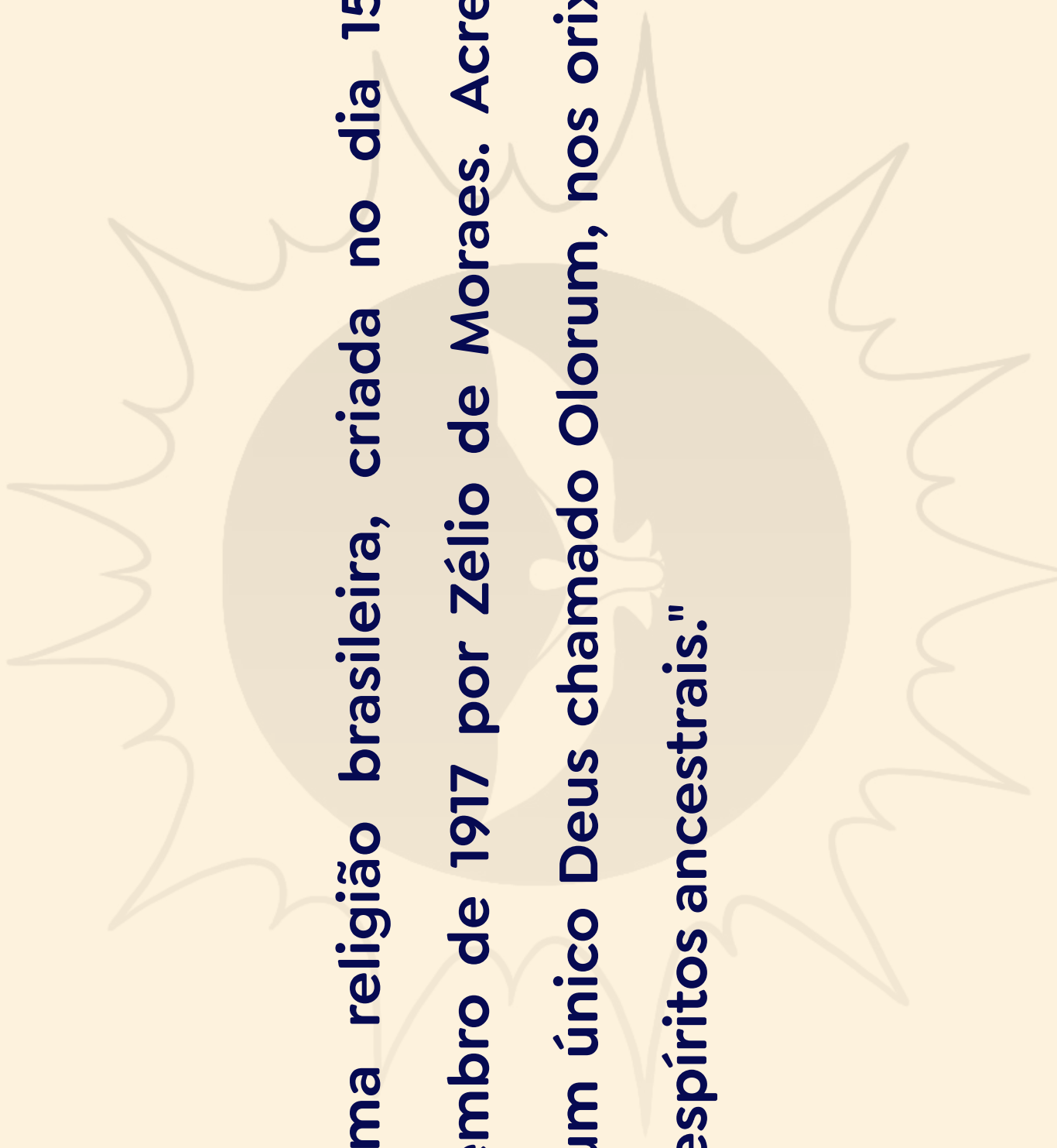
Religiões de Matriz Africana



"Essas religiões vieram da África e não tinham livros escritos. Os mais velhos narravam mitos. Aqui no Brasil, elas se misturaram como catolicismo e tradições indígenas, criando novas formas de fé."

Umbanda





"É uma religião brasileira, criada no dia 15 de novembro de 1917 por Zélio de Moraes. Acredita em um único Deus chamado Olorum, nos orixás e nos espíritos ancestrais."



Mapeamento religioso de Poços de Caldas

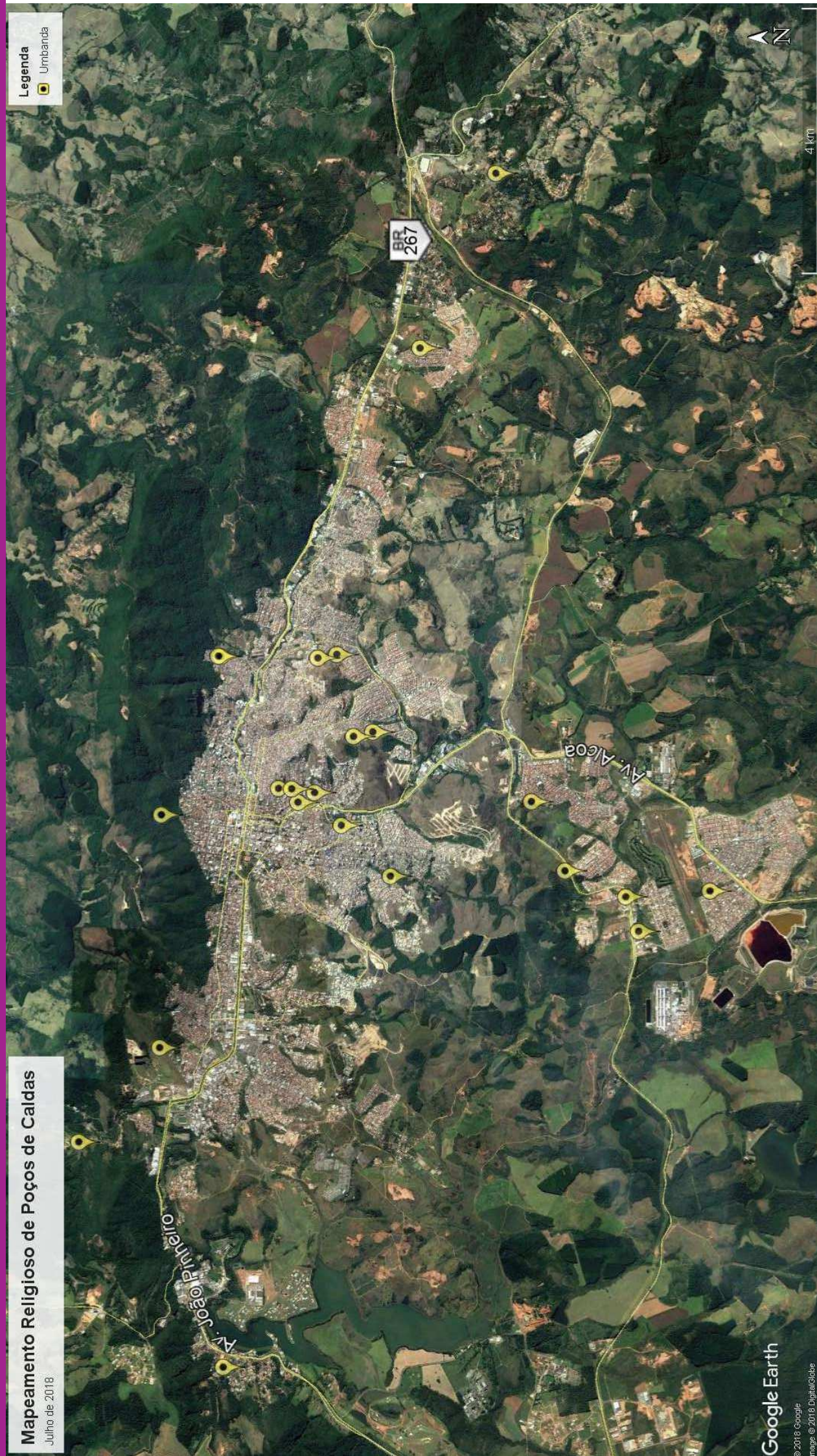
Mapeamento Religioso de Poços de Caldas

Julho de 2018

Legenda



Urbãnda

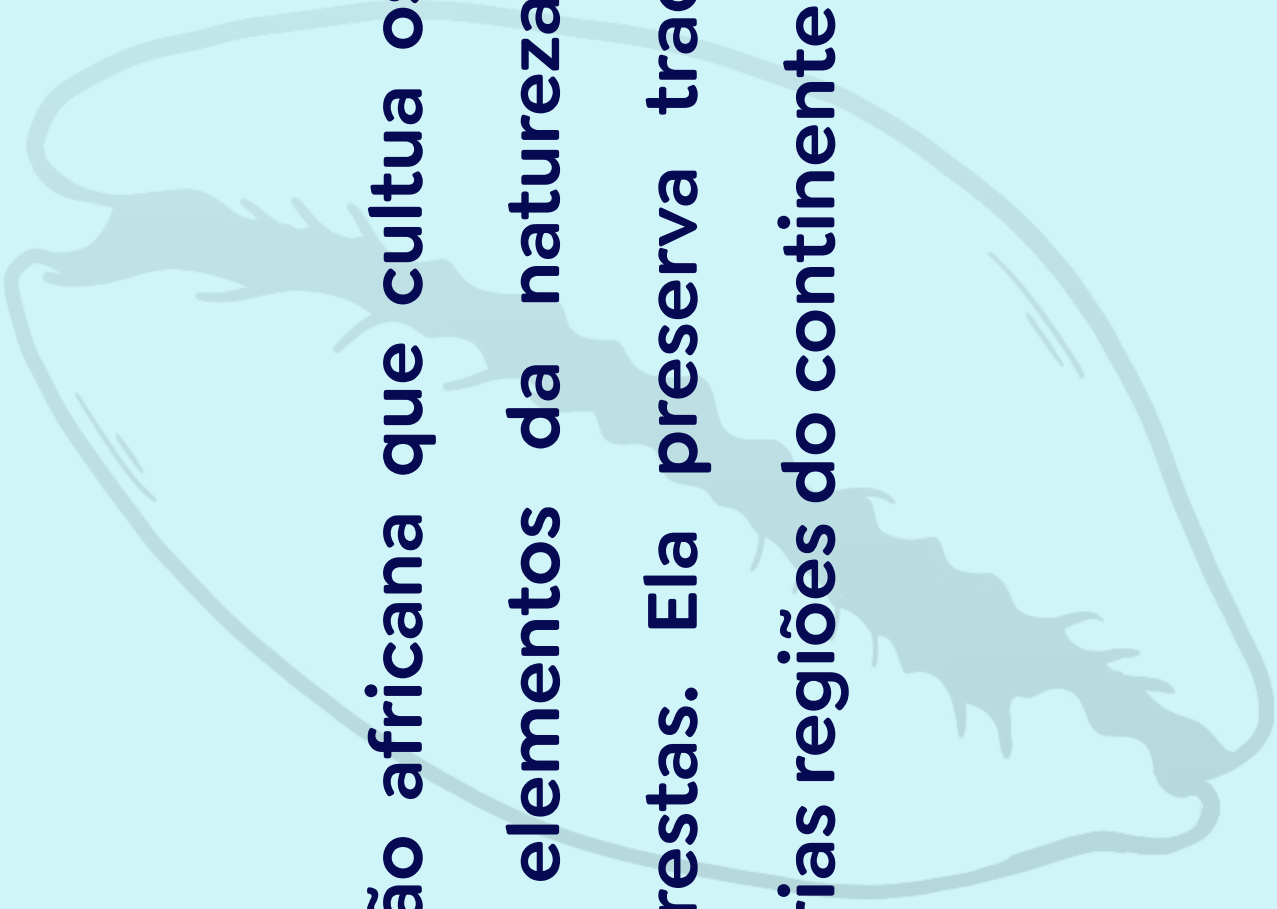


Google Earth

© 2018 Google
Image © 2018 DigitalGlobe

Candomblé





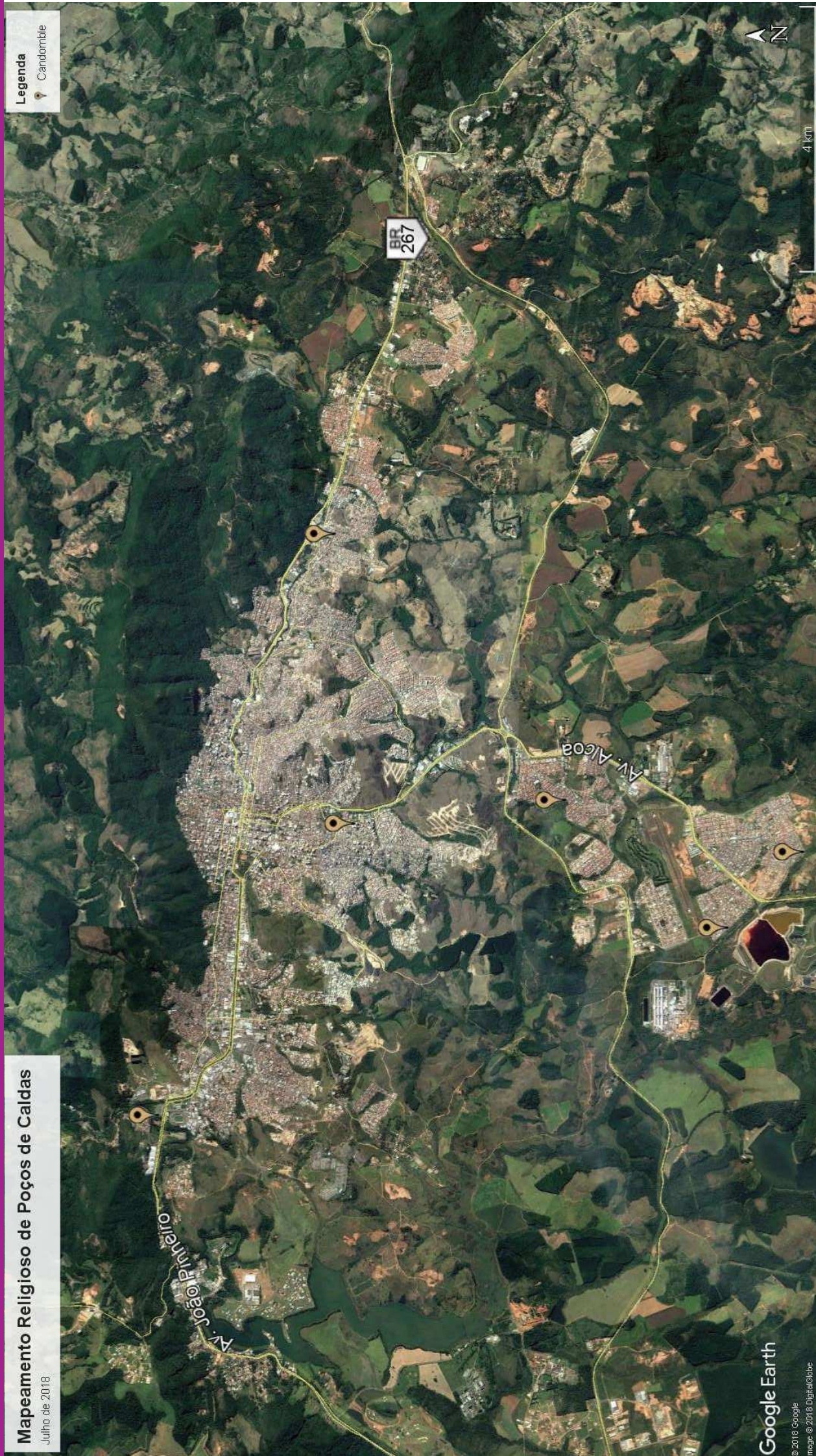
"É uma religião africana que cultua os orixás, que representam elementos da natureza, como rios, ventos e florestas. Ela preserva tradições muito antigas de várias regiões do continente Africano."



Mapeamento religioso de Poços de Caldas

Mapeamento Religioso de Poços de Caldas

Julho de 2018

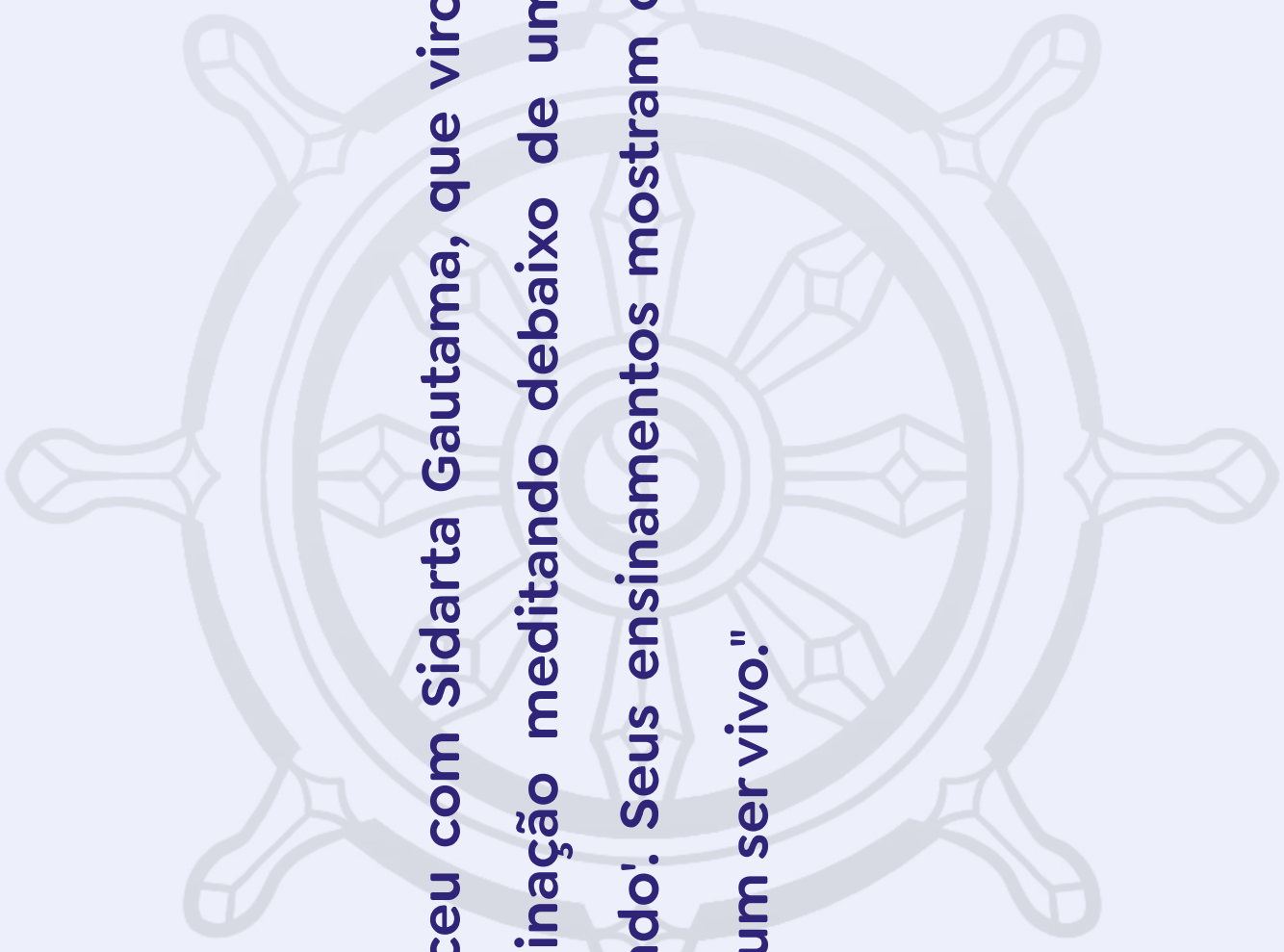


Google Earth

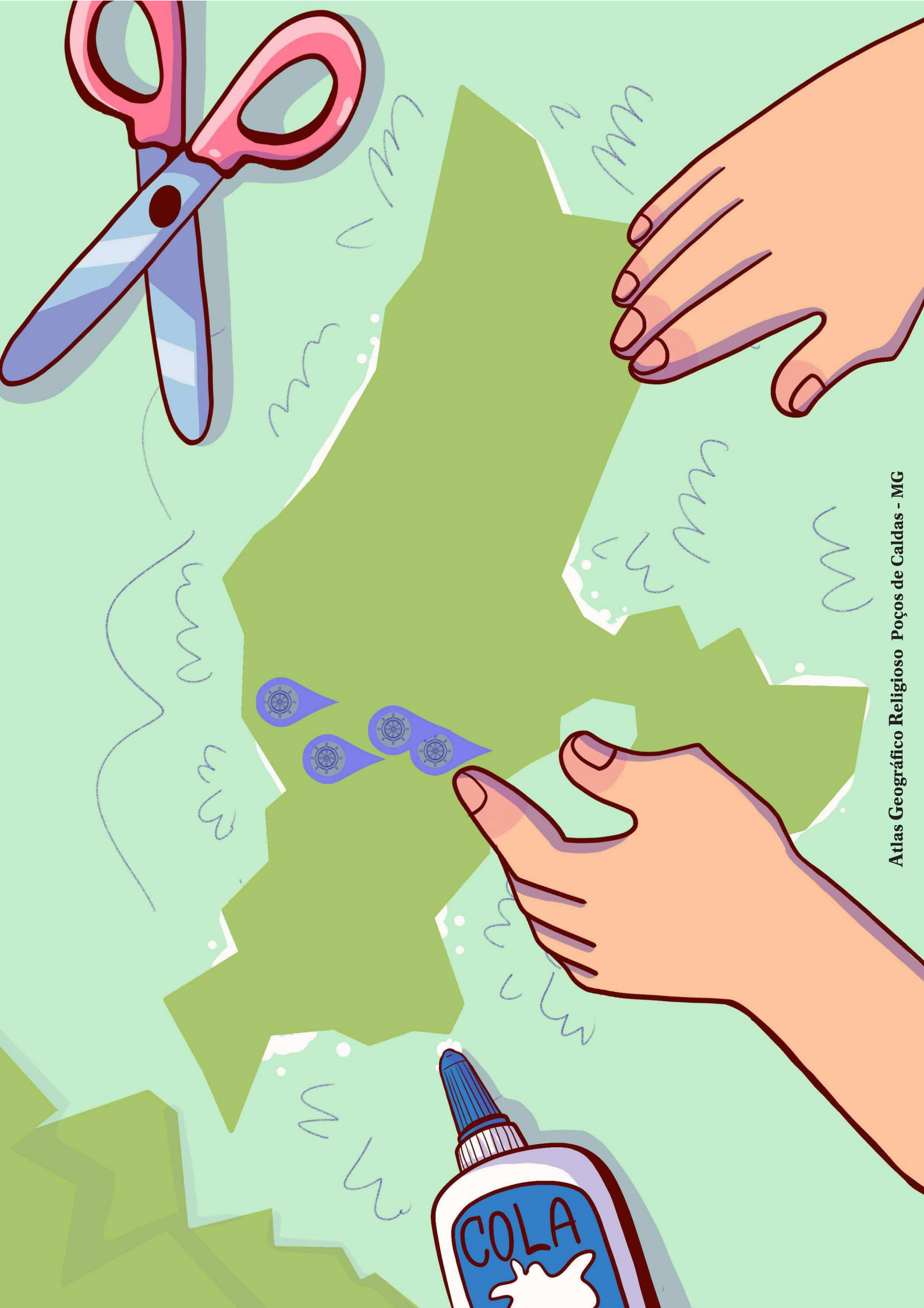
© 2018 Google
Imagem © 2018 DigitalGlobe

Budismo





"O budismo nasceu com Sidarta Gautama, que virou Buda quando alcançou a iluminação meditando debaixo de uma árvore. Buda significa 'iluminado'. Seus ensinamentos mostram como viver sem fazer mal a nenhum ser vivo."



Mapeamento religioso de Poços de Caldas

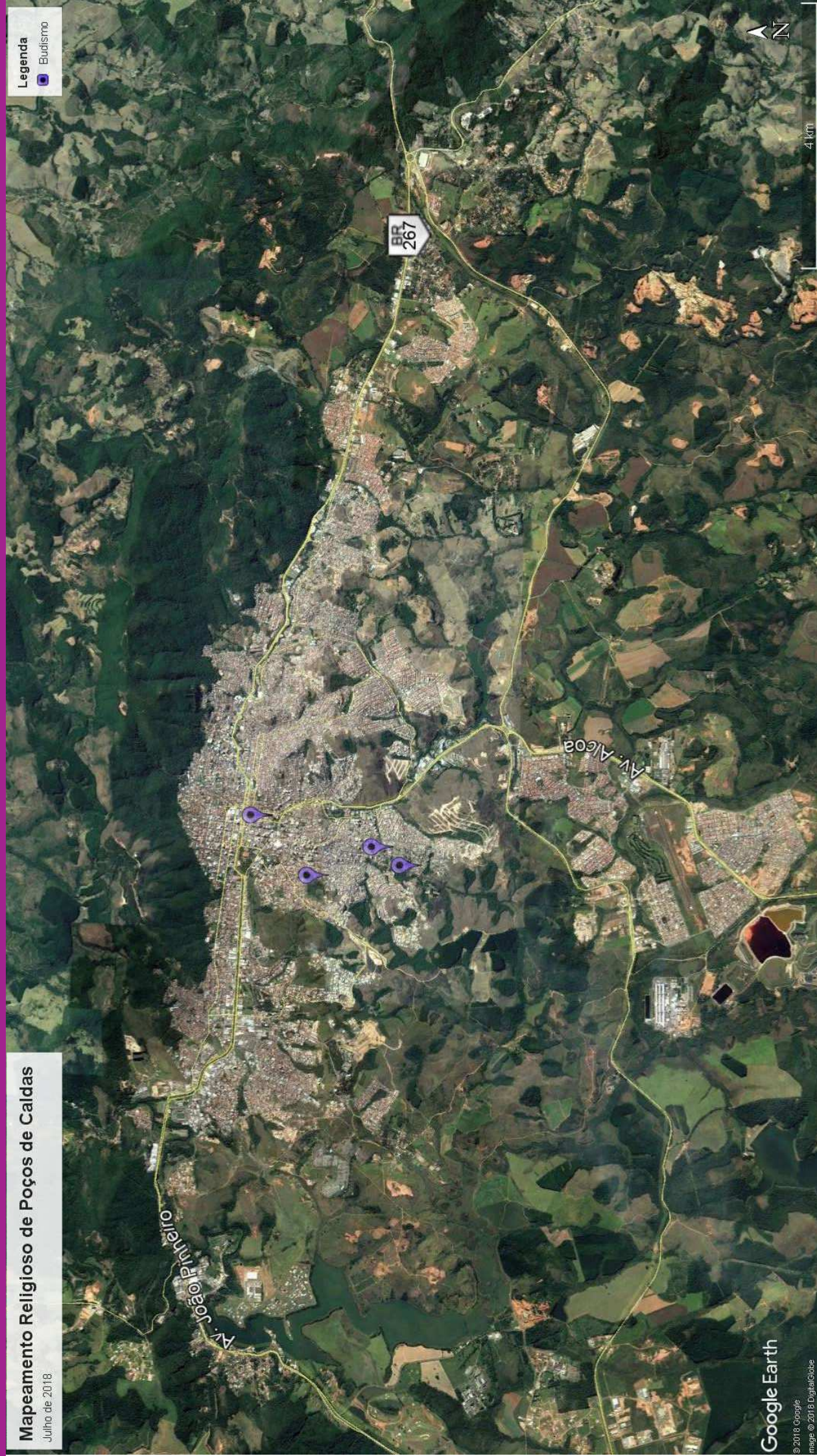
Mapeamento Religioso de Poços de Caldas

Julho de 2018

Legenda



Religiosismo



Google Earth

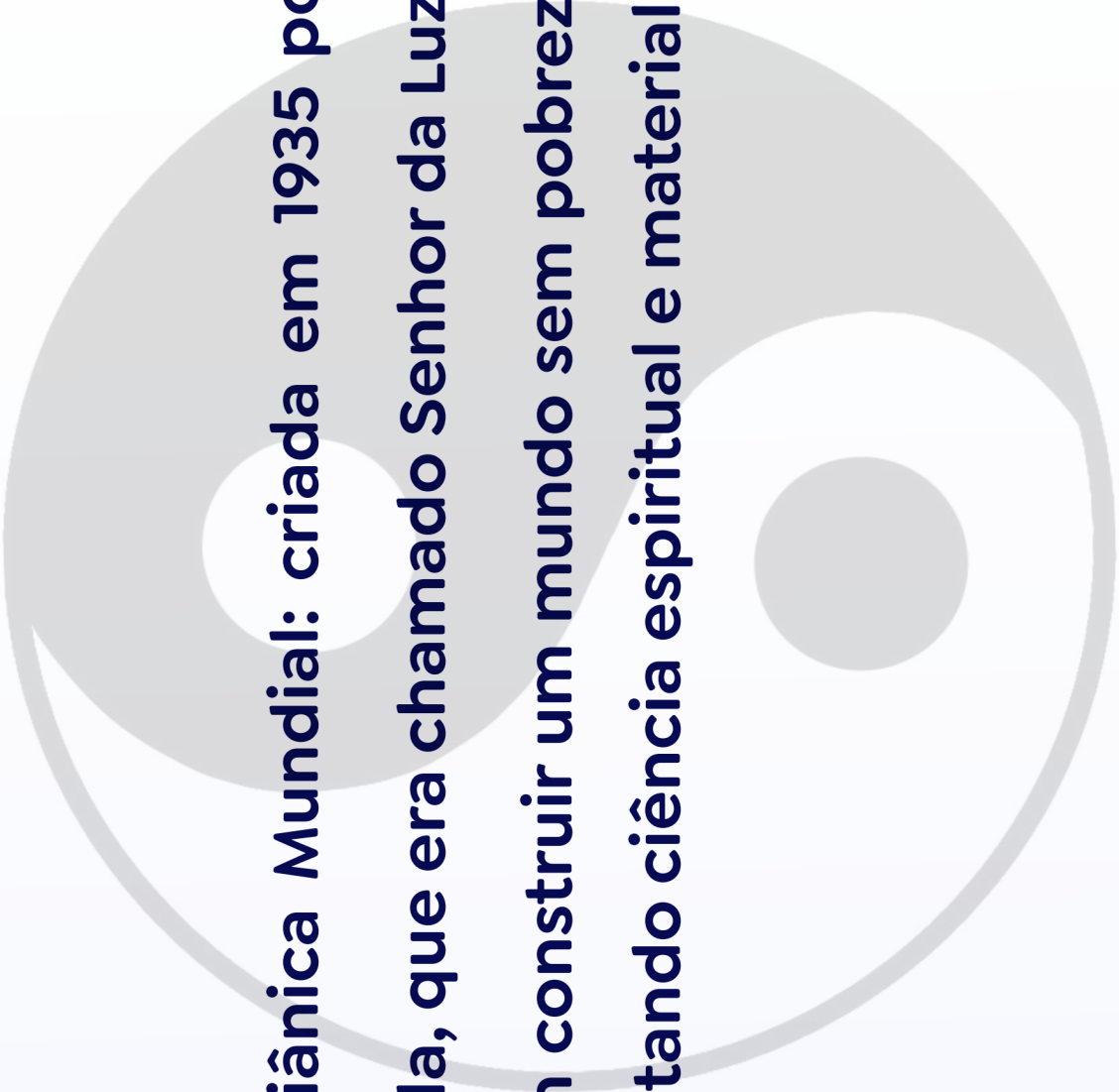
© 2018 Google
Imagem © 2018 DigitalGlobe

Nossa cidade tem duas manifestações religiosas de origem japonesa,



A Igreja Messiânica Mundial





**Igreja Messiânica Mundial: criada em 1935 por Mokiti
Mokiti Okada, que era chamado Senhor da Luz.
Eles querem construir um mundo sem pobreza, doenças ou
guerras, juntando ciência espiritual e material.**

Seicho No Ie



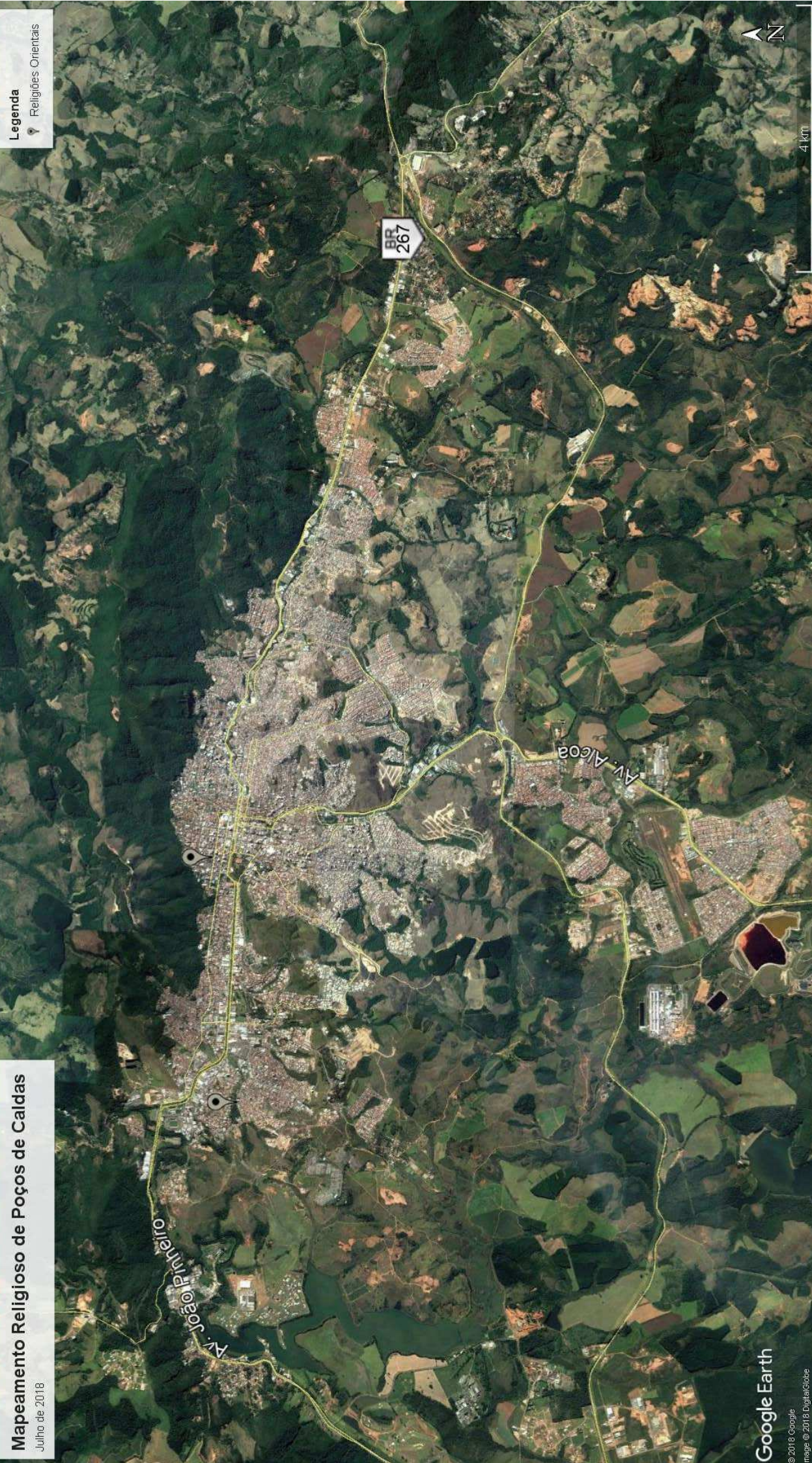
**Seicho No Ie: começou em 1930 com revistas
revistas e ensina a meditar e orar.
A oração mais conhecida deles é chamada
de 'Shinsokan'."**



Mapeamento religioso de Poços de Caldas

Mapeamento Religioso de Poços de Caldas

Julho de 2018



Google Earth

© 2018 Google
Image © 2018 DigitalGlobe

Judaísmo



"Os judeus seguem os ensinamentos de Moisés.
De acordo com as escrituras, recebeu de Deus
os Dez Mandamentos.

A Torá é o livro sagrado dos judeus que se reúnem na
Sinagoga para orar e estudar.

Outro símbolo deles muito importante é o Memorá, o
candelabro de sete braços, em cada braço é colocado
uma vela"



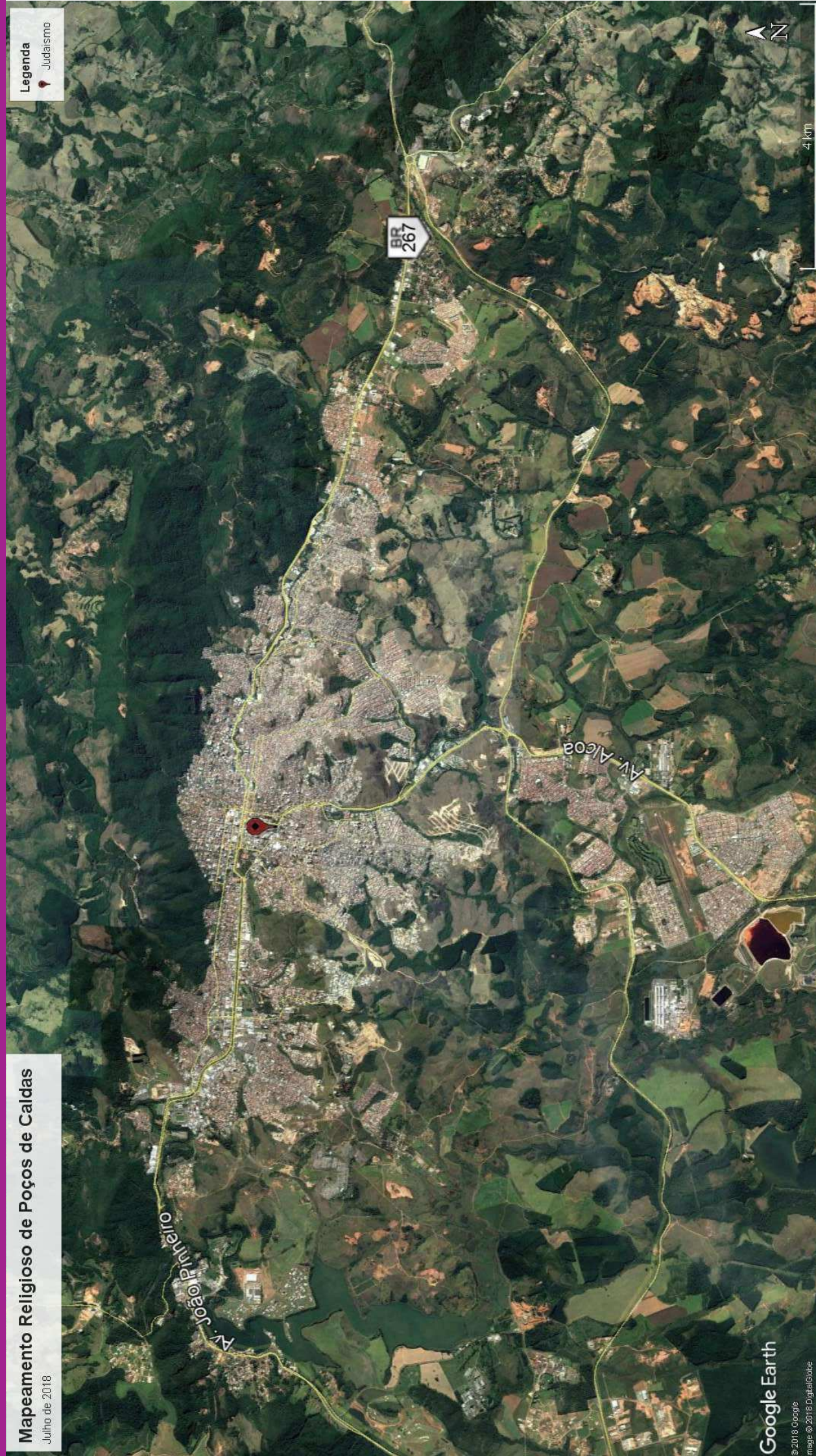
Mapeamento religioso de Poços de Caldas

Mapeamento Religioso de Poços de Caldas

Julho de 2018

Legenda

Judaísmo



Google Earth

© 2018 Google
Imagem © 2018 DigitalGlobe

Outras Manifestações



"Ah, e sabe de uma coisa bem interessante? Além de todas aquelas religiões que eu já te contei, na nossa cidade de Poços de Caldas existem também outras formas de se ligar ao sagrado. Elas não são exatamente religiões grandes como o cristianismo ou o budismo, mas fazem parte dessa diversidade espiritual que existe por aqui.



Existem lugares onde acontecem cirurgias espirituais, que são práticas feitas com muita fé, acreditando que podem ajudar na cura das pessoas. Também há espaços que aplicam reiki, uma técnica que usa a energia das mãos para trazer equilíbrio e bem-estar. Temos ainda as benzedadeiras e os benzedores, que com suas orações e rituais simples ajudam quem procura proteção ou alívio para algum problema. E até seitas como a Maçonaria, que têm seus próprios símbolos, rituais e formas de se conectar com o espiritual.

No grande mapeamento que foi feito na cidade, toda essa variedade de práticas foi colocada em uma categoria chamada Diversos, porque mostra que existem muitas maneiras diferentes de estar perto do sagrado e de buscar paz e esperança."



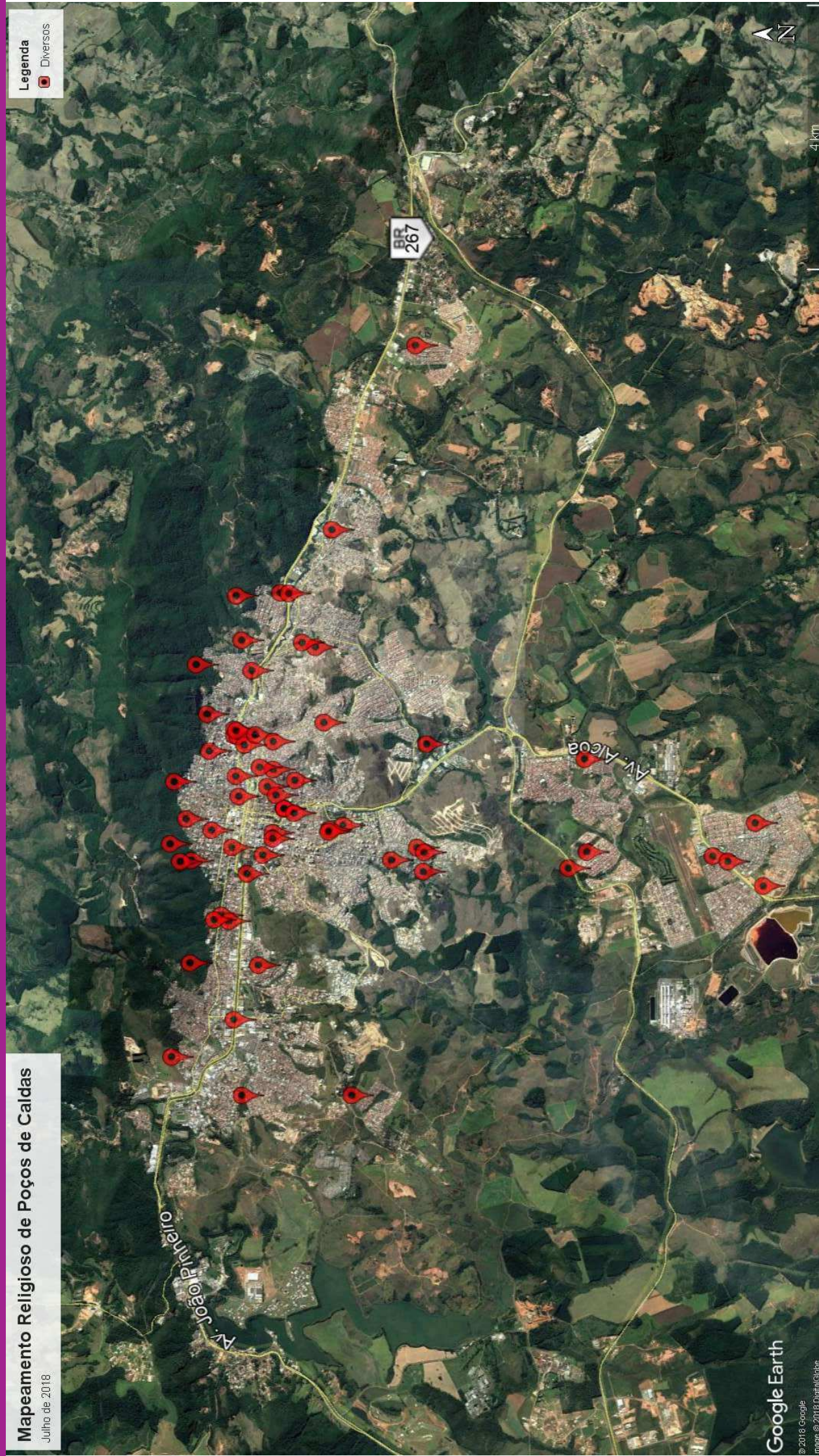


Mapeamento religioso de Poços de Caldas

Mapeamento Religioso de Poços de Caldas

Julho de 2018

Legenda
Diversos



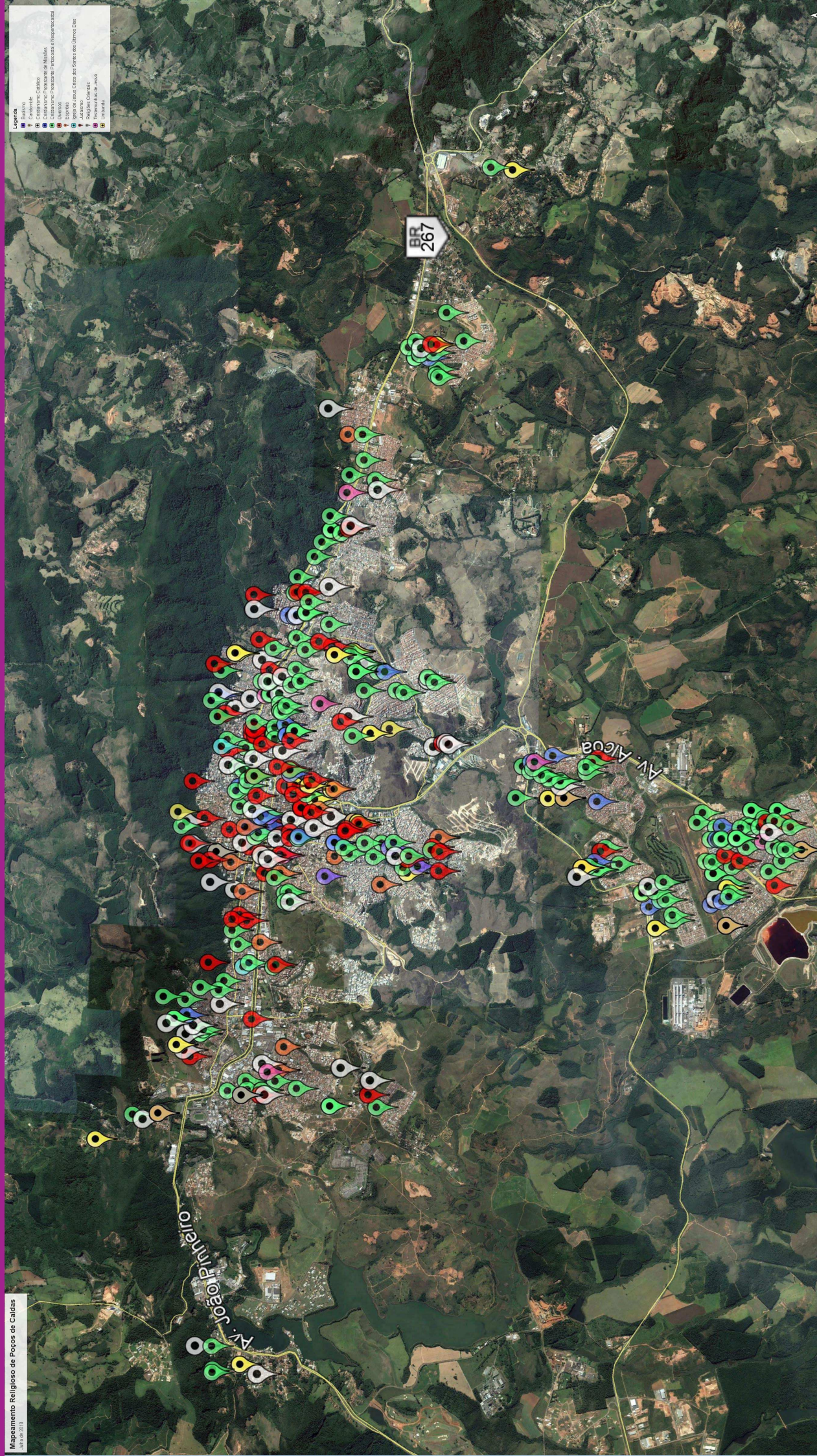
Google Earth

© 2018 Google
Image © 2018 DigitalGlobe

**"E aí, gostou da nossa viagem pelas religiões?
Cada uma tem um jeito especial de falar sobre Deus,
sobre a vida e sobre comodevemos tratar os outros.
O mais importante é que todas nos
ensinam a buscar o bem e a viver em paz."**



Mapeamento religioso de Poços de Caldas



Atlas Geográfico Religioso

Poços de Caldas – MG

Atlas escolar municipal tem sido um instrumento relevante no processo de ensino e aprendizagem na educação básica, estimulando o conhecimento do lugar em que se vive. Este Atlas em especial vai além, pois trás a proposta da interdisciplinariedade entre o ensino da Geografia e do Ensino Religioso, é um Atlas Geográfico Religioso.



MARIA TERESA MARIANO

GISELI DO PRADO SIQUEIRA

JOÃO PEDRO PEZZATO